

CLACI INES SCHNEIDER

A PRESENÇA DO **ESPAÑHOL AMERICANO** EM ALGUNS
DICIONÁRIOS BILINGUES E MONOLINGUES

Florianópolis, julho de 2010

CLACI INES SCHNEIDER

A PRESENÇA DO **ESPAÑHOL AMERICANO** EM ALGUNS
DICIONÁRIOS BILINGUES E MONOLINGUES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução; área de concentração: Linguística Aplicada; linha de pesquisa: Lexicografia e ensino de línguas.

Orientador: Prof. Dr. Markus Weininger

Co-orientador: Prof. Dr. Philippe Humblé

Florianópolis, julho de 2010.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para
obtenção do grau de
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
Área de concentração:
Linha de pesquisa: Lexicografia, Tradução e o Ensino de Línguas.

Aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o Dr^o
Markus J. Weininger (UFSC - Orientador)

Prof^o Dr^o
Markus J. Weininger (UFSC - Orientador)

Prof^a Dr^a
Cleci R. Bevilacqua (UFRGS)

Prof^a Dr^a
Luizete Guimarães Barros (UFSC)

Prof^a Dr^a
Andréa Cesco (UFSC - Suplente)

À minha mãe, Sueli, pelo seu exemplo de
coragem, persistência e determinação, ao meu
filho Otávio e meu marido Patricio pela
paciência, incentivo e confiança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente dedico um agradecimento especial à minha família, que me oferece o seu amor, que é o meu maior incentivo.

À minha mãe, Sueli, que apesar do pouco estudo me ensinou mais coisas do que imagina.

Ao meu marido, Patricio, por torcer pelo meu sucesso.

Ao meu filho Otávio, por tantas vezes ter que dividir meu tempo - por direito seu - com meu trabalho e com meus estudos.

Agradeço ao prof. Philippe Humblé, pelo convívio, pelos ensinamentos, por sua compreensão, apoio e orientação. E em especial ao professor Markus Weininger por me adotar, me orientar e acreditar em meu trabalho.

Agradeço intensamente à minha querida Emy por toda a ajuda, incentivo, apoio... Se estou hoje aqui, se não fiquei pelo caminho, muito tenho a agradecer-te.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”
Guimarães Rosa

RESUMO

A lexicografia é uma atividade pouco conhecida pela grande maioria das pessoas e de grandes e importantes atribuições, pois é responsável entre outras coisas, pelo registro de uma língua. Uma língua, especialmente uma tão falada no atual contexto mundial, como é o caso da espanhola, é formada por diferentes variedades regionais. Esses regionalismos são receptores das mais diversas influências, o que resulta em diferenças nos falares de cada país ou região. Buscou-se, neste trabalho, analisar 4 dos dicionários bilíngues brasileiros (espanhol↔português, em versão impressa, mini ou escolar) mais usados, o Michaelis, o Ática, o Larousse e o Ftd, e verificar como se comportam estas obras em relação aos regionalismos hispano-americanos, uma vez que o Brasil está cercado por países hispanofalantes e mantém com eles importantes relações sociais e políticas. Como base de comparação foram utilizados dois dicionários monolíngues espanhóis (o DRAE e o DUE), dois bilíngues ingleses (o Oxford e o Collins), ambos em versão digital (CD-ROM) e um bilíngue brasileiro, o Globo versão impressa. Em cada obra analisada se observaram os paratextos, e as entradas, na letra A, de *a a aguz.*, na letra M de *Ma* até *Maz.* e na letra R, de *Re* até *Rez.*, para verificar a presença de americanismos e como estes são tratados.

Os resultados mostraram que os dicionários brasileiros, mesmo aqueles em versão estendida, precisam evoluir. Porém, diferentemente do que se poderia esperar, os dicionários monolíngues espanhóis não se sobressaíram como o esperado em relação ao registro dos regionalismos americanos, ficaram em segundo lugar, perdendo para os dicionários bilíngues ingleses. Enquanto isso, os dicionários bilíngues brasileiros ainda precisam progredir em alguns aspectos, como é o caso do registro da variedade americana em maior escala. Os regionalismos foram tratados de forma diferente em cada um deles e mesmo que seja mais provável que um usuário brasileiro tenha mais contato com o espanhol da América Latina do que com a variante europeia, os dicionários bilíngues brasileiros não atendem esta necessidade.

Palavras-chave: dicionário, lexicografia, lexicografia bilíngüe, variedades linguísticas, regionalismos.

ABSTRACT

Lexicography is a little known activity by most people and of great and important tasks, for it is responsible, among other things, for the register of a language. An idiom, especially one as spoken in today's world, as Spanish, has different regional varieties. These regionalisms are receptors of the most varied influences, resulting in different dialects in each country or region. In this research, we tried to analyze the four most used Brazilian bilingual dictionaries (Spanish↔Portuguese, in print, mini, or school), *Michaelis*, *Ática*, *Larousse* and *FTD*, to verify how they represent Hispanic American regionalisms, given that Brazil is surrounded by Hispanic speaking countries, maintaining important social and political relations with them. For a comparison, we used two Spanish monolingual dictionaries, *DRAE* and *DUE*, as well as two English bilingual dictionaries, *Oxford* and *Collins*, both in digital version (CD-ROM), and a Brazilian bilingual one, *Globo* in print. In each work analyzed, the paratexts were observed, and the entries in letter A from *a* to *aguz.*, and in letter M from *Ma* to *Maz*, and in letter R from *Re* to *Rez*, to verify the presence of Americanisms and how they are treated.

The results showed that the Brazilian dictionaries, even those on extended version, need to evolve. However, different from what one might expect, the Spanish monolingual dictionaries do not stand out as expected in relation to the register of American regionalisms. They are in second place, losing to the English bilingual dictionaries, while the Brazilian bilingual dictionaries still have to improve in some aspects, as is the case of registration of the American variety in larger scale. The regionalisms were treated differently in each one and even if it is more likely that a Brazilian user has more contact with the Latin American Spanish than with the European variant, the Brazilian bilingual dictionaries do not meet this need.

Keywords: dictionary, lexicography, bilingual lexicography, linguistic varieties, regionalisms.

Sumário

1 - Introdução	12
1.1 Justificativa.....	21
1.2 Objetivos	24
1.3 Metodologia	25
2 Lexicografia pedagógica	29
2.1 Língua e variantes linguísticas	33
3 A Pesquisa	54
3.1 Escolha dos dicionários	54
3.2 Descrição dos dicionários.....	54
3.2.1 Paratextos	55
BILINGUES PORTUGUÊS – ESPANHOL	55
MONOLINGUE ESPANHOL.....	61
BILINGUES – ESPANHOL – INGLÊS.....	64
3.2.2 Análise comparativa dos paratextos	65
3.3 Comparação das entradas	67
BILINGUES - PORTUGUÊS ↔ ESPANHOL	68
MONOLINGUES.....	84
BILINGUES – ESPAÑOL ↔ INGLÊS:	89
3.3.1 – Análise comparativa dos dicionários analisados	98
3.3.2 Comentários sobre os bilíngues brasileiros	101
3.3.3 Observações e Comentários Gerais	104
4 - Considerações Finais	108
Referências:	111
ANEXOS.....	117
Análise das entradas nos quatro dicionários bilíngues brasileiros, sentido E→P	119
Análise das entradas nos quatro dicionários, sentido P→E ..	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	53
Tabela 2.....	87
Tabela 3.....	89
Tabela 4.....	94
Tabela 5.....	98
Tabela 6.....	99
Tabela 7.....	99
Tabela 8.....	101
Tabela 9.....	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	35
Figura 2.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	69
Gráfico 2.....	70
Gráfico 3.....	71
Gráfico 4.....	72
Gráfico 5.....	73
Gráfico 6.....	74
Gráfico 7.....	74
Gráfico 8.....	75
Gráfico 9.....	76
Gráfico 10.....	76
Gráfico 11.....	77
Gráfico 12.....	78
Gráfico 13.....	79
Gráfico 14.....	80
Gráfico 15.....	80
Gráfico 16.....	81
Gráfico 17.....	82
Gráfico 18.....	82
Gráfico 19.....	83
Gráfico 20.....	84
Gráfico 21.....	85
Gráfico 22.....	86
Gráfico 23.....	87
Gráfico 24.....	88
Gráfico 25.....	90
Gráfico 26.....	91
Gráfico 27.....	92
Gráfico 28.....	93
Gráfico 29.....	94
Gráfico 30.....	95
Gráfico 31.....	96
Gráfico 32.....	97

1 - Introdução

O dicionário é uma ferramenta relevante no ensino de línguas e no processo tradutório. Porém, é fácil encontrar docentes e tradutores que pouco conhecem as possibilidades de um dicionário. Como afirma Humblé (2006), muitas vezes, o professor não se sente apto a indicar qual obra é ou não mais adequada ao seu aluno. Da mesma maneira, o tradutor não está apto a indicar ou criticar mais fortemente sua ferramenta de trabalho. Na verdade, poucas pessoas têm consciência de que o uso do dicionário não é tão fácil como pode parecer e que simples críticas não resolverão o problema.

O desconhecimento dos usuários do dicionário, como afirma Humblé (2006, p. 254), se deve ao fato de que:

esses são comprados sem muito critério, ou com critérios questionáveis: presença na estante na livraria, preço, peso ou número de verbetes. [...] Não houve, na faculdade, muita instrução no que se refere à educação lexicográfica.

Vários são os tipos e os tamanhos dos dicionários, e, dependendo do objetivo de uso, se lança mão de um ou de outro. Geralmente, tanto no processo de ensino de línguas como no tradutológico o dicionário mais usado é o bilíngue. Os dicionários bilíngues mais comuns no Brasil são de produção nacional e, segundo Bugueño e Damim (apud HUMBLÉ, 2006, p. 254):

A ausência de uma sólida tradição lexicográfica no cenário brasileiro atual é uma das razões pelas quais professores e estudantes enfrentam dificuldades para selecionar um dicionário bilíngue.

O usuário, geralmente aprendiz de língua estrangeira ou tradutor, ao buscar um dicionário, procura nele palavras desconhecidas, a despeito disso, Humblé nos diz:

[...] para poder compreender um texto, precisamos da maior variedade possível de vocábulos na língua estrangeira. Um usuário que está lendo um

livro não vai procurar no dicionário palavras cujo significado ele aprendeu na sala de aula. Ele vai procurar palavras menos frequentes [...] (2006, p. 256)

Ao procurar em um dicionário por palavras pouco comuns e, por esta razão, de menor conhecimento do público em questão, o usuário espera encontrá-las. De um modo generalizante, é isso que o leigo espera de um dicionário. Como a língua é algo que está em constante desenvolvimento, o usuário espera encontrar em seu dicionário as palavras que está usando em seu cotidiano, porém, nem sempre os organismos responsáveis pelo seu estudo aceitam essas mudanças, essas variações de vocabulário, vistas, às vezes, como equívocos, erros dos falantes, ou como modismos que em pouco tempo desaparecerão.

Uma das maneiras de acompanhar essa transformação da língua é admitir ou reconhecer que as variações existem e, na medida do possível, registrá-las e estudá-las em todas as suas formas. Nem todos os registros encontrados nos estudos existentes serão passíveis de nota em gramáticas ou dicionários, seja porque formam parte de um vocabulário específico de determinadas regiões ou países (principalmente quanto à fauna e flora), ou seja, porque a língua tem um reduzido número de falantes, muitos verbetes não são registrados nos dicionários, principalmente se observamos os bilíngues.

Normalmente, o período que garante o registro de determinado vocábulo em um dicionário é de 10 anos, isso se verifica através de estudos linguísticos variados e, normalmente, os lexicógrafos trabalham com o registro escrito, o que garante maior segurança no estudo. Em virtude dessa exigência quanto à existência e ao uso efetivo das palavras em uma língua, esses termos regionais, quando figuram nos dicionários, não recebem as anotações adequadas, figurando sem a acepção correspondente a um regionalismo ou obtendo uma marca de uso que o generaliza, muitas vezes, equivocadamente. É importante esclarecer que as marcas de uso não são necessariamente ou exclusivamente regionalismos. Algumas marcas de uso se referem ao uso regional de tal acepção, mas uma palavra pode ter como marca de uso o fato de ser arcaico, antiquado, vulgar, etc. Neste estudo, sempre que nos referimos às marcas de uso, tratamos do registro de tal acepção como regional, que é o nosso interesse aqui. Vejamos o que nos diz Lafuente Gimenez sobre as marcas de uso:

As marcas de uso, geralmente incluídas nas abreviaturas nos dicionários, fazem parte de uma importante forma de organização das acepções e são instrumentos indispensáveis para o lexicógrafo, pois registram as observações a respeito do uso da palavra. (2005, p. 23.)

Mas a diante Lafuente Gimenez fala mais especificamente do registro dos regionalismos como marcas de uso e da importancia de seu adequado registro:

Elas caracterizam as palavras que fogem, em certos aspectos, do uso comum da língua de uma comunidade lingüística. Assim, a definição dessa comunidade por parte da equipe de compilação é importante, pois ela condiciona o emprego das marcas de uso que devem ser explicadas claramente nas introduções dos dicionários. (2005, p. 23. negrito nosso)

Ao falar sobre dicionários e seu uso em atividades de compreensão, e sobre a relevância da presença de dados culturais nos dicionários, Béjoint (1981, p. 210) deixa claro em relação aos aprendizes, que:

For their decoding activities, they will have special difficulties with the rarest among encyclopedic, cultural, and slang words, and with proper names, idioms, and abbreviations. The best dictionary for decoding is the one that contains the largest number of entries, all other things being equal. If some words must be left out, for whatever reasons, it will do the least harm to omit those entries which can be found in other reference works: international lexical items (telephone, automobile), and proper names. (especially those with no particular relevance to the L2 culture).

A língua de um povo é uma das principais marcas de sua cultura e nela encontramos reflexos históricos importantes. Por exemplo, o falar argentino, principalmente dos portenhos, reflete a influência que este povo recebeu das imigrações italianas no final do século XIX. A resistência do povo hispânico a anglicismos, mantendo expressões espanholas ou mesmo criando expressões novas, como *ratón* e não *mouse*, mostra uma característica mais fechada deles em relação à influência estrangeira em sua língua. Estudar estas características nos ajuda a entender o povo de cuja língua estamos ensinando. Tal posicionamento contrário à abertura ao estrangeiro vai contra o que pregavam, por exemplo, os pensadores alemães da época do Romantismo ao falarem de tradução. Estes afirmavam que a ‘interferência’ da cultura do Outro na cultura de chegada podia ser muito enriquecedora, podia fazer desta uma língua melhor, com palavras mais bonitas, com sentido mais amplo, etc.

Atualmente, ao falar-se de pessoas, de hábitos, de sociedade, é muito comum falar-se em cultura e em sua importância na vida das pessoas. Essa valorização da cultura vai desde o resgate de costumes e tradições no dia a dia à valorização da cultura do Outro no ensino de línguas estrangeiras (doravante LE) ou mesmo no processo tradutológico. Porém, nem sempre há uma correta interpretação deste vocábulo, ou melhor, se desconhece seu real sentido, pois definir *cultura* não é uma tarefa muito fácil.

Tal termo pode ser usado em referência ao cultivo da terra ou como diferenciação do selvagem e do não-selvagem (pessoa culta e não culta). Na época do Romantismo, houve uma maior diferenciação entre *cultura* e *civilidade*, sendo a primeira usada para designar as faculdades mentais das pessoas e a segunda para o seu desenvolvimento econômico-tecnológico. Atualmente, a sociologia e a antropologia definem *cultura* como “el conjunto total de los actos humanos en una comunidad dada, ya sean éstos prácticas económicas, artísticas, científicas o cualesquiera otras. Toda práctica humana que supere la biológica es una práctica cultural”. (SASTRE y NAVARRO, 2003)

Em conformidade com estes pensamentos, observamos definições do termo cultura feitas por outros estudiosos:

é tudo que é socialmente aprendido e partilhado pelos membros de uma sociedade. O indivíduo recebe cultura como parte de uma herança social e, por sua vez, pode remoldá-la [remodelá-la] e

introduzir mudanças que, então, em parte se tornam a herança de gerações vindouras. (HORTON & HUNT, 1980, p. 40).

Ou seja, cultura é algo criado pelo homem e para o homem. Poder-se-ia dizer que são normas criadas para reger a sociedade em que vivemos. Essas normas, ou seja, a cultura deste povo o marca, o caracteriza, pois varia de lugar para lugar e pode ser ou não aceita pelo Outro. E tanto no processo de ensino aprendizagem de uma LE como no processo tradutológico, é preciso estar consciente da relevância desta cultura, de que a cultura do Outro pode servir como alavanca e impulsionar a língua e, por consequência, a cultura de chegada. Isso podemos observar nos argumentos usados por Lutero ao fazer a tradução da bíblia ‘adequada’ à sua realidade ou em Berman, que sugere que o tradutor pode fazer da língua de chegada “o albergue do Longínquo” (2007, p. 17) e com isso enriquecê-la: “[...] translation activities and their products not only can, but do cause changes in the *target* culture.”. (TOURY, 1995, p. 27, grifo do autor). Seguir este ‘lema’ pode ser bastante problemático. Dependerá muito do estilo do tradutor e de sua sensibilidade. Ao ler algo que foi escrito originariamente em outra cultura, devemos ter em mente que o contexto era aquele e que quando transportamos este texto à nossa realidade, para o nosso contexto sócio-cultural, vários traços importantes do original se perdem.

Como podemos perceber, a relação entre língua e cultura é algo profundo e a tradução, como parte integrante do processo de formação, de evolução da língua e da cultura, e até mesmo do processo de ensino de línguas estrangeiras, está profundamente ligada a esta relação. Então, ressurge o velho dilema da tradução: “ser fiel ou não?”. Primeiro deve-se estar consciente de: fiel a quê? Ao original ou fiel à sua língua? Esse tema é levantado por vários autores, em várias épocas e de várias maneiras diferentes, como Schleiermacher, Toury, Berman, etc. Referente à relação tradução/fidelidade versus cultura, podemos pensar que se o tradutor optar por ser fiel ao original estará levando à língua de chegada estranhezas, características não próprias a esta língua, fazendo uma tradução estrangeirizante. Em consequência, estará fomentando a evolução/alteração de sua língua e de sua cultura, pois ao ler algo novo, algo diferente, o leitor acaba incorporando algumas das características apresentadas. Isso pode se refletir diretamente no ensino de línguas,

onde os alunos terão contato com literatura traduzida e precisam ter essa consciência sobre os dilemas/problemas da tradução e mesmo no processo de aprendizado, onde consciente ou inconscientemente o processo de tradução/versão de uma língua para a outra por vezes é inevitável.

Se o tradutor optar por adequar o texto original à cultura de chegada, ele estará ‘traindo’ o original, introduzindo no texto características que não eram suas, fazendo com que chegue ao seu leitor algo ‘não dito’ pelo autor, algo que não representa, em determinados casos, a cultura primeira. Desta maneira estaria o tradutor contribuindo para a manutenção ou não evolução da língua. Saber qual das formas, dos estilos de traduzir é o mais adequado, o mais indicado, é impossível. Depende do caso, da situação, do contexto e até mesmo do estilo do tradutor. Este é um tema que dificilmente se esgotará, pois, como disse Toury (1995), de acordo com os descritivistas, não há uma receita para se traduzir, não há correto ou incorreto, existem problemas e devemos buscar as soluções. Berman (2007, p. 21) também diz que:

[...] a ambição da tradutologia, se não é a de estruturar uma teoria geral da tradução (ao contrário, ela demonstraria antes que tal teoria não pode existir, pois que o espaço da tradução é babélico, isto é, recusa qualquer totalização), é, no entanto, a de meditar sobre a totalidade das “formas” existentes da tradução.

Ao se referir a grandes traduções do passado, Berman (2007, p. 27, grifos do autor) afirma: “Essas traduções, para nós, não são ‘modelos’, mas *fontes*”, pois, de acordo a atitudes tomadas por estes tradutores, se poderá refletir sobre que atitude tomar.

Assim como não é fácil definir cultura, a tradução é algo que transcende o significado maior da palavra. Berman (2007, p. 22) diz que “[...] a tradução significa não somente a ‘passagem’ interlingual de um texto, mas – com esta primeira ‘passagem’ – toda uma série de outras ‘passagens’ que concerne ao ato de escrever e, mais secreto ainda, ao ato de viver e de morrer”. Essa passagem, esse ir e vir, esse passeio de uma língua para a outra é constante nas salas de aula de língua estrangeira. Esse processo é enriquecido pelo fator cultural presente neste processo. A relação entre língua e cultura é profunda, e a aula de LE é uma via de acesso à cultura do Outro, da qual podemos conhecer vários aspectos,

desde maneiras diferentes de ver ou entender as coisas até costumes ou tradições particulares. Desta maneira, o processo tradutológico não consegue se desvencilhar tão facilmente das características culturais de um texto, e se o fizer de maneira desmedida corre o risco de ‘empobrecer’ sua tradução. A tradução não deveria como afirma Berman, simplesmente ser uma substituição de palavras, de *letras*, mas sempre que possível ser uma adaptação, uma transferência de traços culturais. (2007, p. 15-24). O que se aplica claramente ao processo de aprendizado/aquisição de uma Língua Estrangeira (LE).

Um exemplo da dificuldade de se traduzir certos termos mais específicos, regionalistas, é a tradução do conto de Jorge Luis Borges, *El Muerto*, para o português. O mesmo vale para o processo de compreensão de tal texto numa atividade de compreensão textual em uma sala de aula de LE. Como acontece na maioria dos textos de Borges, a presença de traços culturais argentinos, em especial da figura do *gaucho* e de termos relativos a esta figura, é frequente. No primeiro parágrafo do conto aparece a figura do *compadrito*, termo de difícil tradução ao português. O dicionário da Real Academia Española traz como definição: “**3.** m. *Arg. y Ur.* Tipo popular, jactancioso, provocativo, pendenciero, afectado en sus maneras y en su vestir.” (dicionário online). Mas como traduzir este termo ao português? Davi Arriguicci Jr. e Flávio José Cardozo, cada um em sua tradução do referido conto, optaram por manter a palavra *compadrito*, o primeiro colocando uma nota explicativa, obtida de outro texto de Borges, e o segundo marcando em itálico. A mesma opção nada *etnocêntrica* – de acordo com os preceitos de Berman – seguiu Anthony Kerrigan, tradutor deste conto ao inglês. Muitas vezes esta é a opção mais indicada, melhor que usar um termo próximo que perca a carga semântica do original. Esse processo de cuidado ao traduzir deve ser considerado no processo de leitura e compreensão textual em uma sala de LE.

Outro ponto de difícil tradução, ou de compreensão, durante o processo de leitura, em textos literários são as características orais e de fala popular dos textos de certos autores como, por exemplo, as obras de Guimarães Rosa ou de Jorge Amado. As gírias, regionalismos e neologismos que os dois empregam são um desafio ao tradutor, pois levar ao texto meta uma expressão equivalente a essa expressão nem sempre é fácil, assim como não é fácil traduzir expressões típicas, que são a marca de uma cultura específica, e registrá-las nos dicionários, principalmente em dicionários bilíngues. A carga cultural dessas

palavras demanda esforço por parte do eventual tradutor ou mesmo ao leitor de um texto assim como ao lexicógrafo.

Como sabemos, o dicionário é onde se registram vocábulos de uma língua. Estes vocábulos, que figuram em uma obra lexicográfica, são palavras já enraizadas, usadas pelos falantes há um determinado período de tempo. Palavras novas, que normalmente têm uma característica mais efêmera, como as gírias, os neologismos e as expressões regionalistas, por uma questão de economia de tempo e de espaço, normalmente são deixadas de fora. Apesar disso, pode-se afirmar que estas palavras são uma característica marcante da língua e, portanto, da cultura de um povo. São elas que fazem o idioma se transformar; a despeito disso, Humblé nos assegura que “Dictionaries are social objects, emblems of literacy, **guardians of culture**, warrants of discussion.”. (2001, p. 23, grifo nosso). Essas palavras, gírias, neologismos, etc., somente aparecerão nos dicionários quando seu uso efetivo na fala da população assim o indicar.

O contato com palavras com regionalismos é frequente em várias línguas, além de um bom conhecimento das línguas e culturas em questão, o falante, o aprendiz ou o professor precisará contar com a ajuda do dicionário para encontrar a palavra mais adequada ao contexto. Como o dicionário bilíngue está mais fortemente relacionado à tradução, é vital que este seja o mais completo possível. Estudos indicam que a presença de exemplos em um dicionário facilita a compreensão mais ampla do vocábulo, “Learners said they preferred to use the examples in an entry to understand the meaning of a word” (HUMBLE, 2001, p. 57). Muitos dicionários trazem a entrada e várias acepções. O usuário, como desconhece o significado da palavra, acaba tendo que escolher qual das várias opções usará e, muitas vezes, pode escolher a opção menos adequada. Se encontrar exemplos, além de evitar este erro, terá a certeza de como usar o termo na frase. A respeito da compilação de um dicionário e da presença de exemplos, Humblé (2001, p. 79) nos afirma que se a palavra é de difícil compreensão, desconhecida, a definição e o exemplo devem ser simples, para facilitar a compreensão, o que é difícil se o exemplo for de textos literários, geralmente antigos, como tradicionalmente se fazia. Ao usar os *corpora* para a compilação de exemplos, como atualmente a maioria dos lexicógrafos fazem, corre-se outro risco, o de trazer nos exemplos alguma marca cultural, pois normalmente esses *corpora*, para que registrem a fala real e corriqueira – não somente a literária – têm

compilado textos jornalísticos, fonte rica de marcas culturais, as quais podem contribuir com a presença de regionalismos ou marcas de uso regional nos dicionários. Como nos assegura Humblé:

[...] references to proper names and dates of events are rapidly outdated and can make a sentence difficult to understand. [...] to eliminate cultural information entirely is difficult, particularly if you are a member of this culture and unaware of what others do not know about it. Language is culture, of course, and the latter should be transmitted to the learner, but not everything has to be learnt at the same time, and dictionary examples may not be the best place for providing cultural information. (2001, p. 83.).

Com o advento da internet, é cada vez mais comum a leitura de jornais em suas fontes originais, que, muitas vezes, trazem expressões usadas apenas naquela cidade ou país. Por esta razão, mostra-se importante a presença das principais variantes nos dicionários. Se pensarmos em entradas provenientes de flora e fauna, que têm diferentes vocábulos de acordo com cada país, e se esta informação não consta em um dicionário, isto pode dificultar a compreensão do pesquisador, pois o desconhecimento do significado de um substantivo nem sempre pode ser entendido somente pelo contexto. Por exemplo, a palavra ‘abacate’, em espanhol, tem pelo menos duas variantes – *palta* (América do Sul) e *aguacate* (México, Espanha, etc.). Se um aprendiz de espanhol como língua estrangeira que apenas conhece uma das variantes encontrar em um texto – no ato de compreensão – a outra, por exemplo, *palta*, e localizar no dicionário sua definição, possivelmente deduzirá que se trata de uma variante, mesmo quando esta informação não consta no dicionário. Porém, se precisar produzir na língua estrangeira e desconhecer que no México não se usa o termo *palta* e sim *aguacate*, certamente terá problemas de comunicação.

Observa-se que a evolução no processo de produção dos dicionários tem sido crescente e que existe a presença de traços culturais dentro desta ferramenta, mas não sabemos até que ponto isso acontece. Conforme já comentamos, a presença de regionalismos e de características culturais em dicionários bilíngues mostra-se por vezes complicada em decorrência do espaço físico da obra – sempre que

falamos em dicionários impressos – e em decorrência da validade de tais expressões. A constante evolução das palavras mostra-se um calvário para os lexicógrafos. Por tal razão, neste trabalho, pretendemos observar como se comportam os dicionários bilíngues espanhol-português analisados e como eles poderiam ajudar o usuário em relação às variedades lingüísticas, ou seja, entre as diferenças diatópicas que existem em uma língua, sempre que este necessitar delas.

1.1 Justificativa

Valorizar e reconhecer as variedades lingüísticas é de especial relevância para a sociedade atual, que busca estabelecer maior contato entre seus integrantes. O presente estudo mostra-se relevante porque, tanto para a tradução quanto para o ensino de LE, é preciso conhecer as particularidades lingüísticas de uma determinada região ou país, indicação que consta também na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e nos PCNs¹ (Parâmetros Culturais Nacionais), documentos que orientam o ensino brasileiro. Sabemos que o dicionário não será e nem pode ser a única ferramenta usada para conseguir esses objetivos, no entanto, quanto mais informações pertinentes ele contenha, melhor será para o usuário.

Em se tratando de dicionários bilíngues, geralmente no formato impresso, o número de entradas é limitado. A escolha dos verbetes que figuram em cada obra deve ser muito bem analisada. Em se tratando da leitura ou tradução de textos com vocabulário específico, como medicina, culinária, textos literários com vocabulário regional, etc., o usuário possivelmente terá maior dificuldade. Por esta razão, mostra-se importante a presença, nos dicionários, de vocábulos diferenciados e também porque no ensino de línguas estrangeiras cada vez mais se valoriza a cultura do Outro, do estrangeiro.

Se observarmos os dicionários bilíngues espanhol-português em um país como o Brasil, que está cercado de países hispano-falantes, é natural esperar que nossos dicionários apresentem vocábulos próprios desta região, que auxiliem na comunicação com este grupo de falantes e

¹ Para maiores informações consultar:

http://www.nuspple.cce.ufsc.br/proposta_curricular_de_santa_cat.htm

que o espanhol ibérico seja desfavorecido, já que a probabilidade de contato com falantes da Espanha é bem menor que com falantes latino-americanos.

A língua espanhola, que será a língua abordada em nosso estudo sobre os dicionários, talvez seja a que melhor exemplifique a questão da necessidade do conhecimento da cultura e das diferenças do estrangeiro, do Outro, visto que é o idioma oficial de cerca de vinte países e figura entre as cinco mais faladas no mundo. Quanto maior o número de falantes, quanto maior a extensão territorial a ser considerada, maior será a probabilidade de que ocorra variação lingüística. É importante observar que, no universo das variações lingüísticas, estas não ocorrem apenas de um país em relação ao outro, as variações são muitas e como veremos mais adiante, acontecem em grande escala e também dentro de um país, dentro de regiões ou mesmo cidades.

Observa-se uma crescente abertura dada pela Real Academia Española (RAE) às academias existentes em outros países hispânicos. Atualmente, a RAE consulta as Academias de língua espanhola dos outros países de fala hispânica e acrescenta em seu tradicional e respeitado dicionário, o DRAE (Diccionario de la Real Academia Española), os verbetes indicados pelos linguistas destes países. Por outro lado, é inegável que os países de fala hispânica são conhecidos por serem fechados a novidades de cunho lingüístico. Poucos estrangeirismos são aceitos e mesmo variantes de alguns países são consideradas erros, nos mais diferentes níveis, principalmente pelos falantes espanhóis. Um exemplo claro disso é o espanhol falado no Rio da Prata, em especial na Argentina, com suas variantes fonético/fonológicas, semântico/lexicais, etc. A variante deste país é desvalorizada pelos falantes de outros países, em especial a variante portenha, sofrendo preconceitos lingüísticos como observamos nas palavras do filólogo Amado Alonso (1932 apud MOURE) falando do espanhol argentino: “Buenos Aires habla bastante mal la lengua del país”. Em virtude dessa relevância no contexto mundial, o idioma espanhol tem sido cada vez mais objeto de estudos e vem ganhando mais espaço no universo do ensino de línguas. Ao aprender uma LE, o espanhol especificamente, o aluno é informado sobre a importância de aprender a variedade padrão, e geralmente, chega até a instituição de ensino buscando esta variedade. Como são vinte países que têm essa língua como oficial, e existem diferenças entre o espanhol de cada país, seria difícil pensar diferente. Historicamente, pensa-se em língua

standard ou padrão como a língua do colonizador, no caso, a variedade falada na Espanha. Porém, se pensamos nos anos transcorridos desde a colonização dos países que falam o espanhol, no uso efetivo da língua, nas miscigenações ocorridas e no oceano que separa a América dos outros países que falam o espanhol é impossível querer manter uma unidade linguística. Claro que a intercompreensão entre os hispano-falantes existe, porém, as variedades, as diferenças lexicais e fonológicas são inúmeras.

Ocorre que no processo de formação dos professores de espanhol, no Brasil, por exemplo, estes muitas vezes são expostos a outros docentes provenientes de vários países. Com isso, acabam transformando o seu espanhol em uma mistura de variantes, com léxico, fonética e outras tantas características mescladas, que não representam um povo específico. Não pretendemos aqui adentrar no que se considera variedade correta ou mais recomendada a se ensinar. O que se pretende questionar é a importância de se conhecer, de se ter acesso a algumas das características principais das variedades do espanhol. Como sabemos, cada país ou mesmo cada região tem as suas peculiaridades e estas se mostram importantes no processo de ensino/aprendizagem de qualquer língua estrangeira. Como o dicionário é um dos principais materiais de acesso à LE, observar como ele se comporta é importante.

Se pararmos para pensar no ensino de línguas, normalmente voltado a temas específicos, em como o tratam os discutidos livros didáticos, não serão poucos os casos em que o vocabulário apresentado é específico de uma região ou de um país, normalmente a Espanha, mesmo em livros didáticos produzidos pelo Brasil. Não podemos deixar de mencionar, claro, o fato de que a Espanha tem uma política linguística neo-colonialista de expansão, ademais, é um país que tem muito mais recursos para criar e publicar materiais variados, entre eles livros didáticos e dicionários. Enquanto isso a maioria dos países hispânicos têm outras questões sérias a resolver.

Neste contexto, em se tratando de aprendizes americanos, ou mais precisamente luso-americanos, nos questionamos sobre o por quê de não introduzir termos do espanhol da América? Neste caso se entraria em outra discussão bastante polêmica, a do purismo linguístico. Este, paulatinamente, está ficando para traz - prova disso é o que foi discutido no encontro promovido pelo Instituto Cervantes, na Colômbia, onde se definiram as mudanças da gramática espanhola que, a partir de 2007, passaria a admitir mais dados a respeito das variedades latino-

americanas. Uma atitude condizente com o pensamento de Moreno de Alba:

Suele considerarse al léxico como el nivel *epidémico* de la lengua, es decir que su inventario está siendo sujeto a modificaciones, muchas veces súbitas, pues debe ajustarse a las concretas necesidades cambiantes de comunicación entre los hablantes y, sobretudo, estar dispuesto para designar, de manera inmediata, nuevos *conceptos* y *cosas*. [...] (1992, p. 195, grifo do autor).

Por esta razão, verificamos, como profissionais da educação e da tradução, que a relevância do reconhecimento e registro nos dicionários de um maior número de regionalismos é importante para o usuário brasileiro. Este trabalho pretende analisar como as obras mais usadas se comportam neste quesito.

1.2 Objetivos

Neste trabalho, pretendemos analisar, no nível semântico/lexical, como alguns dicionários bilíngues brasileiros se comportam em relação aos regionalismos latino-americanos. Neste sentido, pretendemos verificar qual o número de entradas com marcas regionalistas, se estas marcas são adequadamente registradas e qual poderia ser o reflexo disto no ensino de línguas. Pretendemos argumentar sobre a importância de se conhecer algumas das características principais das diferentes variedades do espanhol. Como sabemos, cada país ou região tem as suas peculiaridades linguísticas cuja figuração nos dicionários se faz necessária, tanto como auxiliar no processo de ensino/aprendizagem como ferramenta de auxílio dos tradutores.

Pode-se observar que fazer conhecer as diferentes variedades do espanhol tem sido uma tendência também dos livros didáticos. Baseado nisto surge o questionamento: “será que o dicionário, outro instrumento utilizado para o ensino de LE, também vem se adaptando a esta tendência?”. Seguindo esta linha, o norte deste trabalho é responder às seguintes perguntas:

1. Como os dicionários bilíngües mais usados no Brasil tratam as variedades do espanhol – qual a política usada? Se as registram, que marcas usam?
2. É acertada a forma como tais dicionários tratam essas variedades e, mais especificamente, os americanismos?
3. É possível sugerir melhorias no tratamento dado aos americanismos?
4. Como outros dicionários tratam esta questão?

Espera-se também, com este trabalho, despertar o interesse pela língua espanhola, principalmente pelas suas variantes americanas e pelas diferenças existentes em relação ao espanhol peninsular. Cada povo tem a sua característica, sua cultura, sua língua. Mesmo falando um idioma em comum. E as particularidades lingüísticas de cada um devem ser valorizadas. Pensamos que somente conhecendo as particularidades dou outros poderemos conhecer e valorizar melhor as nossas.

1.3 Metodologia

No decorrer de nosso trabalho, primeiramente, apresentaremos nosso referencial teórico e sua influência em nosso pensamento. Baseado na tendência tradutológica de valorização cultural e linguística, iniciada no século XVIII pelos românticos alemães, procuraremos encontrar o reflexo da cultura nos dicionários.

Considerando nossa experiência no processo de ensino aprendizagem de língua espanhola, na qual pudemos observar quais dicionários são mais usados, definimos as obras a serem estudadas. Foram escolhidos para análise quatro dicionários bilíngües brasileiros para verificação da situação das edições bilíngües nacionais. Estes são o objeto central de nossa pesquisa. Trata-se de dicionários tipo ‘mini’ ou ‘escolar’, ou seja, os mais comumente usados entre os aprendizes de língua. Foram analisados em nossa pesquisa o Michaelis, da editora Melhoramentos, que contém mais de 28.000 verbetes, o *Ática*, de 20.000 verbetes, o Larousse, com mais de 30.000, e o Dicionário da Editora FTD, com 15.000 verbetes.

Como base de comparação, de contraste de registros, analisaremos dois dicionários monolíngües da língua espanhola, o *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)*, um dicionário com

cunho normativo e o *Diccionario de Uso del Español* de María Moliner (*DUE*), por serem os dicionários mais usados e serem considerados os mais completos existentes no mercado. Seleccionamos igualmente dois dicionários bilíngues espanhol/inglês, inglês/espanhol, o *Oxford Superlex* e o *Collins Spanish Dictionary*. Considerando os atuais conceitos de um bom dicionário (uso de *corpora*, presença de exemplos, número de entradas, etc.) os dicionários ingleses são os mais avançados e, por essa razão, nos servirão como base de comparação. Analisaremos também o *Dicionário Globo*, obra bilíngue nacional que usa como argumento o MERCOSUR e o intercâmbio de culturas que fazem parte deste tratado. Este dicionário também nos servirá de base de comparação, uma vez que se trata de uma obra de grande porte, com cerca de 50.000 entradas, e não obra do tipo *mini* ou *escolar*, que são as mais usadas pelos aprendizes de língua. É preciso ter claro que trataremos de dicionários diferentes. Nosso objeto central de estudos são 4 dicionários impressos, versão escolar ou mini, de produção brasileira, voltada para um público brasileiro. Os outros dicionários têm perfis diferentes. Um é bilíngue português espanhol, feito para brasileiros, impresso, porém, versão maior. Os dois monolíngües espanhóis são versão digital e com diferenças entre si. Um é normativo (*Drae*), frequentemente atualizado, com vínculo com academias de outros países, o *DUE* é um dicionário de uso e feito quase que artesanalmente por María Moliner há bastante tempo, não tendo sofrido tantas revisões. Ambos têm como público alvo os espanhóis, ou nativos de fala hispânica. E, por fim, os dois dicionários bilíngües inglês – espanhol, também em versão digital, têm como público alvo ingleses estudantes do espanhol como segunda língua ou língua estrangeira. São dicionários diferentes, com públicos diferentes que servirão a um mesmo propósito, ser base de comparação ao nosso objeto de estudo.

Após a escolha dos dicionários, analisaremos em todas as obras os paratextos (prefácios, introdução) e as entradas, na letra *A*, de *a a aguz.*, na letra *M* de *Ma* até *Maz.* e na letra *R*, de *Re* até *Rez.*, para verificar a presença de americanismos e como estes são tratados. Esse recorte foi realizado de modo arbitrário, uma vez que analisar as obras inteiras seria um trabalho que superaria os limites de uma dissertação de mestrado. Se observamos a língua espanhola em relação ao português, as letras *A*, *M* e *R* são letras que geralmente contém um considerável número de palavras. Diferentemente de palavras iniciando com as letras *B*, *J*, *K*, *H*, *N*, *O* ou *V*, por exemplo. Se optássemos, ademais, por um

número limitado de entradas, como 300, seguindo a ordem alfabética, poderíamos abarcar em alguns dos dicionários um recorte diferente, incluindo algumas letras/palavras que seriam excluídas em outros dicionários, dado o diferente número de verbetes de um dicionário dibilingues em relação ao monolíngüe, em especial os dicionários bilíngues brasileiros, que têm um número reduzido de entradas em relação aos demais. Desta forma, com o recorte delimitado a um trecho proporcionalmente igual em todos os dicionários, foi possível evitar esse descompasso na análise. Desta forma pudemos também observar em partes diferentes do dicionário como se comportam os lexicógrafos em relação à seu árduo trabalho, como nos alerta Humblé:

O ofício do lexicógrafo é visto como enfadonho, metuculoso em demasia, não poucas vezes, interminável. Daí a percepção do dicionário como entidade fora deste mundo, incriticável, sem autor, ou autor mítico. A Introdução ao *Aurélio* (1ª ed.) menciona vários casos de lexicógrafos que nunca viram a luz do outro lado do alfabeto, que morreram no meio da letra M ou enlouqueceram no limiar da letra O. (HUMBLÉ, 2007).

A análise dos verbetes foi feita de modo manual, ou seja, verificando-se entrada por entrada se há ocorrência de marcas regionais. No caso da ocorrência de mais de uma marca de uso regional em um mesmo verboete somente se contabilizará como uma ocorrência. Esses casos serão separados em listas ou tabelas para posterior consulta. De posse destas listas, analisamos como aparecem estas marcas regionalistas, em que quantidade em cada obra, que países ou regiões são retratados, etc. Compararemos em números cada dicionário e finalmente faremos uma comparação entre todos, tanto na *macro* quanto na *microestrutura*, para chegarmos a uma conclusão final.

A divisão do trabalho se faz da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado *Dicionários, linguística e tradução*, escreveremos sobre a dificuldade da produção de um dicionário e a relação deste com a linguística e a tradução. Posteriormente, no capítulo *A língua espanhola no mundo, norma e uso*, discorreremos brevemente sobre algumas particularidades de uma das mais importantes línguas do mundo atualmente. Já no terceiro capítulo, *Os diversos falares dentro de uma mesma língua*, falaremos da língua em geral e das possíveis

variedades que possam existir e como estas são geralmente tratadas. No capítulo quatro nos dedicaremos à análise de dados e, por fim, às considerações finais.

2 Lexicografia pedagógica

O processo de produção de dicionários requer por parte de seus autores, os lexicógrafos, um árduo processo de decisões, definições, antes mesmo de começar a elaboração do mesmo, como definir o tipo de dicionário, o público a quem é direcionado, se se trata de versão impressa ou digital, se é bilíngüe ou monolíngüe, no caso de obras impressas o trabalho é ainda maior, pois se deparam com o dilema do espaço físico, a seleção dos verbetes, colocação, perfil do usuário, etc. Atualmente, alguns dicionários são desenvolvidos considerando o futuro usuário, se adequando “ao nível de conhecimento de língua estrangeira dos aprendizes e à função para a qual eles buscam apoio” (SANCHES DURAN e XATARA, 2006, p. 41-42). De acordo com estudos na área², se observa que o dicionário poderá melhor atender às necessidades do aprendiz de linguas quando elaborado para fins didáticos, a lexicografia pedagógica.

A produção de dicionários especificamente para aprendizes de uma língua estrangeira tem uma história relativamente recente. Assim como é recente é ainda pouco objetiva a definição do termo. De um modo geral, e sem a pretensão de tentar definir adequadamente o termo, aqui consideraremos “lexicografia pedagógica” como a elaboração de dicionários que possam satisfazer as necessidades de aprendizes de uma língua estrangeira durante o processo de aprendizado desta, em diferentes situações ou contextos. (TARP, 2006, p. 296-300)

Para que se consiga elaborar um dicionário que possa atender ao perfil anteriormente descrito é importante que se conheça o público alvo. Tarp, nos diz que:

[...] los diccionarios, desde que surgieron hace unos cuatro mil años, han sido y son, antes de todo, herramientas de uso concebidas para satisfacer los tipos específicos de necesidades que tengan unos tipos específicos de usuarios en unos tipos específicos de situaciones sociales extra-lexicográficas, p. ej. La producción o recepción

² Para maiores informações, consultar a obra de Humblé, *Dictionaries and language learners*, ou *Béjoint The Foreign Student's Use of Monolingual English Dictionaries: A Study of Language Needs and Reference Skills*, 1981.

de textos escritos en una lengua extranjera. A cada tipo de usuario y a cada tipo de situación social corresponde una función lexicográfica, (2006, p. 297)

Um estudo destacado na área de lexicografia, a fim de analisar e observar o comportamento de um grupo de aprendizes de LE foi o realizado por Béjoint, em 1981. Ele realizou uma pesquisa com 122 universitários franceses estudantes de inglês. O objetivo da pesquisa era observar como estes utilizavam o dicionário. O autor concluiu que os usuários somente o usavam em última instância, quando realmente desconhecem algum termo, nunca como ferramenta auxiliar, certificando-se do uso, do emprego em uma frase, transcrição fonética, divisão silábica, etc, enfim, no dia a dia do processo de aprendizado de uma segunda língua, como seria de se esperar.

Como se pode observar ao manuzear um dicionário várias são as utilidades que este pode ter como divisão silábica, transcrição fonética, etc. Lamentavelmente estes benefícios são normalmente esquecidos ou mesmo desconhecidos pela maioria. E, assim como é importante que o lexicógrafo conheça seu público alvo, o público alvo precisa conhecer bem o dicionário a fim de melhor usufruir dos aportes que este tem. Béjoint em sua pesquisa comprovou que os usuários sentem falta de exemplos nas entradas que possam aclarar o uso real das palavras. Observou-se também que os estudantes pesquisados usam o dicionário monolíngue mais para a versão (P→E) do que para a tradução (E→P).

Béjoint (1981, p. 207) reforçando o que foi dito por Tarp (2006, p. 297) afirma que os dicionários deveriam se adequar a diferentes necessidades dos usuários, como ocorre com vários dicionários ingleses modernos, produzidos para satisfazer aos mais diversos compradores. Algumas das diferenças poderiam ser apresentações especiais de *design* e conteúdo. Lamentavelmente, existem poucos estudos publicados sobre as necessidades dos usuários de dicionários.

Para Béjoint, a principal necessidade de um estudante estrangeiro é receber informações que o ajudem na comunicação em língua estrangeira. Para tanto, é preciso descobrir quais os verbetes que estes estudantes precisarão encontrar nos dicionários e acompanhados de que tipo de informação, para que possam ler, ouvir, falar, escrever e traduzir em LE. Segundo ele, devem-se considerar as palavras que geram maior ou menor complexidade de uso: palavras comuns, frequentes e

genéricas, palavras mais específicas ou técnicas, sem falar das palavras específicas de uma cultura, as expressões idiomáticas, as gírias e as abreviações de nomes próprios. Porém, determinar quais categorias de palavras são essenciais para serem incluídas em um dicionário para estudantes estrangeiros é uma tarefa árdua. O autor afirma que, para as atividades de compreensão, os alunos terão dificuldades especiais com as palavras mais raras, enciclopédicas, culturais, gírias e com os nomes próprios e abreviações. Precisarão do significado denotativo, com o maior número possível de informações. O melhor dicionário para este fim é aquele que contém o maior número de verbetes. Para as atividades de produção, por outro lado, palavras estruturais e as mais comuns do léxico são as mais indicadas, porque são necessárias com frequência e porque o seu uso apropriado nem sempre é óbvio para o aprendiz. Neste caso, o melhor dicionário é aquele que fornece a mais detalhada indicação em sintaxe e colocação, incluindo talvez, recomendações para evitar armadilhas. Observa-se que o usuário necessita de um número maior de informações para a produção em língua que para a sua compreensão. Produzir um dicionário que seja satisfatório, tanto para a compreensão quanto para a produção, é praticamente impossível. Mas os estudantes estrangeiros precisam de informações suficientes para ajudá-los a evitar erros e possivelmente alcançar a naturalidade em seu uso da língua estrangeira.

Ao falar sobre dicionários, muitas pessoas normalmente enxergam somente como um documento em que se registram as palavras de um idioma. Um tesouro linguístico. Em certas ocasiões se esquecem ou simplesmente desconhecem os dilemas pelos quais passam os profissionais que o desenvolvem. Realmente, o dicionário armazena as palavras de uma língua e podemos acrescentar que carrega também a alma de um povo, com marcas históricas, políticas e culturais, o que aumenta a responsabilidade do lexicógrafo. Porém, o dicionário tem outras funções, além das de registro de palavras, como um depósito despreocupado de vocábulos. Por essa razão, ressaltamos que obras amplas são importantes, no sentido de que estejam próximas às necessidades dos usuários e completas, dentro do possível, no registro de palavras usuais e de relevância para as línguas, o que deflagra a importância do registro de marcas culturais, palavras próprias de determinadas regiões ou países.

Falando especificamente em dicionários de língua espanhola e da identidade regional ou nacional das palavras, Reinhold Werner (2002, p.

75) considera o fato de que muito já se escreveu, analisou e criticou sobre os dicionários espanhóis, principalmente o DRAE (Diccionario de la Real Academia Española). O autor afirma, por exemplo, que o vocabulário específico de países ou regiões hispano-americanas não figura tanto quanto deveria; existem registros de americanismos e de regionalismos de praticamente todos os países de fala hispânica, porém, que as particularidades dos países ou regiões hispano-americanas que figuram nos dicionários aparecem de forma desigual, tanto em termos de espaço da aceção quanto no tratamento de país para país, sendo uns mais privilegiados que outros, além do fato de muitas vezes as aceções conterem erros ou indicações inexatas quanto ao significado efetivo da palavra. O autor alega que, pelo fato de ser um tema já bastante debatido, os lexicógrafos já têm como corrigir estes problemas e passa então a analisar outros problemas encontrados nos dicionários, como referências que não deixam claro o uso ou a abrangência do significado do vocábulo. Werner chama a atenção para o fato de que as fronteiras linguísticas apresentadas neste tipo de obra normalmente não fazem jus à realidade, que estas não coincidem com as fronteiras geográfico-políticas. Há fenômenos linguísticos peruanos que ocorrem também na Bolívia, por exemplo, e uma marca de uso ‘Per.’ (indicando peruanismo) poderia levar o usuário a cometer erros caso use a informação contida em tal verbete. Muitas vezes estas expressões existem e com significados diferentes segundo a região, como é o caso do verbo *coger* que, no Rio da Prata, significa *copular* e em outros países simplesmente *pegar*. Na dialetologia trabalha-se com as Zonas dialetais, que são regiões que tem características linguísticas comuns. Por exemplo a Zona Andina, que abrange, dependendo do foco que se trabalhe, a Colombia, o Equador, o Perú, e a Bolívia juntos ou apenas parte destes, com determinadas características comuns a apenas alguns dos 4 países. (ANDIÓN HERRERO, p. 7-8, 25-31)

Além disso, em seu texto, Werner (2002) questiona a presença de mais marcas de uso da Espanha – os espanholismos – que marcas de uso da América³ – os americanismos – nos dicionários e questiona por que se trata de modo distinto as expressões típicas da Espanha e as expressões dos outros países hispano-americanos. Menciona também a importância de deixar mais claras as marcas, pois nem sempre dizer que

³ Uma vez que é na América onde mais força tem o espanhol, fora da Espanha. Os outros países de fala hispânica (África e Ásia) são pouco expressivos.

uma expressão é chilena, por exemplo, corresponde à verdade, pois ela pode ser falada com frequência em uma região do país e ser completamente desconhecida em outras.

Com isso nos rementemos agora a um estudo mais específico da língua e suas variantes.

2.1 Língua e variantes linguísticas

Ao aprender uma segunda língua, o aprendiz precisa compreender e produzir nessa outra língua. A parte da compreensão, como nos mostra Humblé (2001, p. 60-69), geralmente é a menos complicada. Porém, quando se trata de produção, muitas são as dificuldades. Na escrita, pode-se buscar facilmente apoio, em especial nos dicionários, mas na parte oral, ao comunicar-se efetivamente, o aprendiz tem mais problemas, é onde a falta de vocabulário aflora. Geralmente, ao se estudar uma língua estrangeira se aprende a dominar a variedade padrão. Quando o aprendiz viaja, ou passa a comunicar-se na língua estuda efetivamente percebe que o falar cotidiano é diferente. Essa diferença entre a língua falada e escrita existe em praticamente todas as línguas. Vários autores, não somente na parte de estudos linguísticos, observaram isso ao longo dos anos. Um exemplo da preocupação com essa variação são os textos de Mário de Andrade, autor que tem como característica refletir na literatura o falar de sua região. Ao escrever *Macunaíma*, para citar apenas um exemplo, por vezes se refere à diferença existente entre o português falado e o escrito:

[...] sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra [...] Nas conversas, utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade [...]. (ANDRADE, 1978, p. 78)

Macunaíma ocupou-se do personagem usado por Andrade para representar a grande nação brasileira; ao analisar a(s) língua(s) de sua terra entra na problemática da variação linguística. Esse fenômeno, apesar de nem sempre ser aceito pelos linguístas ou apreciadores da

norma culta, é comum em todas as línguas. Existem variações dentro da língua de um povo em vários níveis. Muitas vezes as diferenças existentes chegam a formar outras línguas ou outros dialetos, como por exemplo, os dialetos do italiano (o dialeto siciliano, o vêneto, etc), sendo que muitos deles podem ou não ser inteligíveis entre os falantes. Pela falta de uma definição clara dos termos dialeto e dialetologia, muitas vezes há confusões em relação a seu real significado. Em termos etimológicos, dialeto é um modo comum e tradicional de falar, um sistema de isoglossas. E um sistema de isoglossas completo e realizável como atividade linguística é uma língua. Resumindo, todo sistema que possa funcionar no falar é uma língua. Portanto, dialeto é uma língua. Coseriu (1982) diferencia o conceito de Dialeto do conceito de nível diastrático (diferenças de níveis culturais – culto, médio ou baixo), diafásico (popular, literário, etc.), diatópico (diferenças de um lugar para o outro) e diferenças diacrônicas (diferenças de épocas).

O dialeto sempre está subordinado à língua a qual pertence – dialeto do espanhol, do italiano, etc. Neste caso, trata-se da Língua Histórica (LH) ou idioma. As LH são reconhecidas pelo idioma que representam: língua alemã, espanhola, inglesa. Por esta razão, segundo Coseriu (1982), se observa que entre língua e dialeto há uma diferença de status histórico. É bastante complicado delimitar objetivamente as línguas. Não necessariamente as fronteiras políticas demarcam isso. Os dialetólogos, através de seus estudos geolinguísticos, tentam delimitar as fronteiras dialetais. O método mais utilizado pela dialetologia é a geografia linguística, que trabalha diretamente com a variedade idiomática. É necessário comparar os dialetos. Vale ressaltar que o estudo da variedade põe de manifesto a homogeneidade idiomática ao estabelecer os limites.

Uma língua geralmente é constituída por vários dialetos. A língua só funciona através do dialeto, pois, mesmo que se fale de variedade standard da língua, esta variação é um dialeto. Sendo assim, não se fala “espanhol”, se fala uma forma determinada do espanhol. Mesmo dentro dos dialetos pode-se encontrar uma série de variedades linguísticas com diferenças fonéticas, lexicais, etc. Pela dificuldade de se definir este emaranhado de nomenclaturas e divisões normalmente, ao referir-se a uma língua dada, somente se usa o nome comum ou geral da mesma. Um exemplo é o espanhol, na América a língua falada nos países hispânicos é composta por diferentes variantes ou diferentes vários

dialetos⁴ da língua espanhola comum. Dentro de cada dialeto ou variante linguística, os falantes podem utilizar vários estilos e vários níveis de vários dialetos, caso seu conhecimento de mundo abranja um vasto acervo de palavras que utiliza comumente, ocasionalmente ou nunca, dependerá da situação em que se encontre. As diferentes variedades do espanhol da América são diferentemente classificadas, variando de acordo ao autor consultado. Andión Herrero apresenta em seu livro cinco diferentes zonas dialetais do espanhol na América:



Fig. 1: Regiones dialectales del español. Fonte: ANDIÓN HERRERO

⁴ Mas adiante argüiremos sobre a definição de dialeto. Neste estudo, sempre que nos referirmos a dialeto, nos remeteremos à definição dada pelo DRAE:

dialecto.

(Del lat. *dialectus*, y este del gr. *διάλεκτος*).

1. m. *Ling.* Sistema lingüístico considerado con relación al grupo de los varios derivados de un tronco común. *El español es uno de los dialectos nacidos del latín.*

2. m. *Ling.* Sistema lingüístico derivado de otro, normalmente con una concreta limitación geográfica, pero sin diferenciación suficiente frente a otros de origen común.

3. m. *Ling.* Estructura lingüística, simultánea a otra, que no alcanza la categoría social de lengua.

A definição dos termos *língua* e *dialeto* não é algo simples. Ferreira e Cardoso, estudiosas da variação linguística no Brasil afirmam que:

uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc, ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma destas estruturas [...] é resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim, que teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço. (1994, p. 11).

Ferreira e Cardoso citam três diferenças internas de um língua: 1) *diatópica* – diferença no espaço geográfico, que é o foco de nossa pesquisa; 2) *diastrática* – diferença entre as classes sociais de uma comunidade idiomática e 3) *diafásica* – diferença entre estilos de fala. Além destas três, são mencionadas também as diferenças etárias e geracionais. De acordo com as autoras, dentro destas diferenças, que são subsistemas, podem ocorrer traços comuns, as chamadas unidades sintópicas como dialetos/variedades regionais; as unidades sinstráticas, como a fala culta, a da classe média, etc e a unidade sinfásica, como a linguagem formal, a familiar, a literária, etc. Dentro de cada uma destas unidades as autoras destacam a existência das diferenças diatópica, diastrática e diafásica, não mencionam a diacrítica, diferença linguística abordada por Coseriu (1982), que se trata da diferença que o tempo, que pode haver entre as gerações, pode trazer ao falar de um povo, o que reforça a idéia da complexidade do sistema linguístico.

Posteriormente, para definir o que é dialeto, elas retomam o termo *isoglossa*, “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, P. 12-13). As isoglossas podem ter também influências diatópicas, diastráticas e diafásicas e podem ser lexicais, fônico-morfológicas e sintáticas. Baseadas nas características da isoglossa, as autoras apresentam alguns atlas feitos no Brasil e breves comentários.

Ao definir *dialeto*, Ferreira e Cardoso dizem que se trata de “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade lingüística em confronto com outras”. (1994, P. 16). Esta é uma das definições mais difundidas. Elas salientam ainda o fato de não existir limites rígidos entre as línguas, visto que estas são constituídas por vários dialetos.

Portanto, através das idéias de Coseriu, delineiam a diferença entre língua e dialeto. Este faria parte, seria um subconjunto daquele. Posteriormente, Ferreira e Cardoso comentam sobre alguns autores e suas posições acerca dos estudos de língua e dialetologia, quais são os objetos de estudo dos mesmos no passado e no presente. Tentam chamar a atenção para a diferença entre dialetologia – estudo das variações dialetais –, sociolinguística – que estuda a variação lingüística à luz das circunstâncias sociais – e geografia lingüística – um método utilizado pela dialetologia. Através de alguns atlas lingüísticos brasileiros, as autoras ressaltam a importância destes estudos.

Os atlas e as monografias contribuem, portanto, para que mais amplamente se conheça a diversidade lingüística do Brasil, diversidade que não anula a unidade, apenas lhe dá sua verdadeira dimensão, tornando-a menos “esplêndida” ou menos “notável” como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda defendem. “Unidade e diversidade não se defendem, constata-se.” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 21)

Além da influência no uso das línguas e em seu ensino, quer como língua estrangeira, quer como língua materna, a questão das variações lingüísticas, por seu cunho histórico-cultural, influencia outras partes dos estudos lingüísticos, principalmente no caso da tradução, seja no processo tradutório, seja na tradução como parte do aprendizado de uma LE. Uma vez que o processo de tradução também sofre forte interferência de acordo à variante lingüística utilizada e, se analisada sob a ótica do ensino de língua, na leitura de um texto, nos comentários que se faça em sala de aula, sempre é importante adequar o texto à realidade do aprendiz/leitor⁵. Antoine Berman (2002), apoiado nos principais autores do Romantismo alemão, como Schleiermacher, Hegel, os irmãos Humboldt, entre outros, nos fala sobre a dificuldade de traduzir aspectos culturais e as influências deste processo na cultura de

⁵ Sempre que nos remetemos, neste trabalho, ao processo tradutório, o consideramos também e principalmente, como ferramenta importante no processo de ensino de uma língua estrangeira, apoiando-nos em autores como David Atkinson.

chegada. Argumenta sobre a dificuldade enfrentada por todo tradutor: ser *fiel ao autor* ou *fiel ao público-alvo*, pois sendo fiel ao autor deixará de enriquecer a cultura de chegada, e se for fiel ao público-alvo, estará traindo o autor, que vem de uma cultura diferente e que seguramente necessitará de algum nível de adaptação. O aprendiz de uma língua estrangeira, ao ser exposto a textos originais, passará por este processo de intercomunicação cultural, estará levando a sua cultura e trazendo a cultura do outro pra sua.

Cada língua, cada cultura tem um modo diferente de representar, de apresentar seus escritos. E o tradutor, de acordo a sua cultura, deverá retratar da melhor maneira este texto. Como afirmado por Schleiermacher (2001, p. 25-87), o tradutor não necessita sempre levar o autor ao leitor. Às vezes é preciso levar também o leitor ao autor. Dependerá da problemática do texto e da atuação do tradutor. E este caminho poderá ser percorrido naturalmente pelo leitor/aprendiz, sempre que ele tenha este contato direto. O fato é que este caminho, independente da rota, do sentido a ser seguido, será percorrido.

A influência dos românticos alemães sobre Berman é clara. Estes eram de uma época em que ressaltar a importância da própria cultura era algo primordial e acreditavam que a melhor forma de fazê-lo, de enobrecer e enriquecer sua língua, era através das outras culturas, incorporando os seus aspectos mais importantes à sua. É quando surge na Alemanha o conceito de *Bildung – Cultura e formação*. Isso se reflete, como já comentamos, nos próprios guias de ensino de língua estrangeira no Brasil. Ter acesso ao Outro é enriquecedor e transformador, não se pode escapar dessa transformação quando falamos em ensino de língua.

O processo de tradução, apesar de muitas vezes ser relegado à segunda instância, é um instrumento de universalização de pensamentos e costumes, pois a literatura, independentemente do estilo que siga, é um registro fiel da cultura da época em que é escrita. E ao traduzir ou mesmo ao ler um texto, esses aspectos culturais são trabalhados, adotados, transmitidos.

Para Gideon Toury (1995) a tradução está diretamente ligada à evolução cultural de um povo, tanto como meio de divulgação da cultura original como meio transformador da cultura de chegada, e completamos afirmado que o mesmo pode valer para o contato que um leitor, um aprendiz de língua estrangeira pode ter ao ler textos originais. Muitas coisas podem ser transmitidas/adotadas neste processo. A atitude

do tradutor, ao traduzir um texto, depende de diferentes condições e estratégias a serem seguidas. Essas variam de acordo com o tipo de texto e do público-alvo. O tradutor, além de deixar suas marcas no texto traduzido, através de características de sua cultura, marca-o também com a sua leitura, com a sua impressão do original. (TOURY, 1995, p. 56). E o leitor, ao ler, ao interpretar um texto, faz uma leitura, uma visualização pessoal de acordo à sua realidade, à sua cultura, do texto originalmente escrito em outra cultura e dirigido a outro público. Nesse processo o tradutor ou o leitor podem se deparar com inúmeras particularidades provenientes do ambiente original ao qual o texto se dirigia, desde marcas culturais até regionalismos lingüísticos.

Apesar das diferenças existentes entre o espanhol americano e o peninsular, o espanhol é um idioma compreensível entre todos os seus falantes, com diferenças entre o espanhol de cada região, "americanos y españoles tienen conciencia de que hablan distinto". (GUITARTE, 1988, P. 495). Assim como acontece com o português. Essas diferenças, os regionalismos, se dão em vários níveis da língua, fonético, semântico-lexical, etc. Os mais divulgados são os vocábulos ligados à fauna e à flora, alguns deles registrados em dicionários, outros vocábulos, os argots e as gírias, mesmo tendo palavras diferentes em cada região ou país não aparecem dicionarizados. Muitas destas palavras têm seu uso bastante estendido, aparecendo em textos literários, periódicos e os leitores não conseguem, a não ser pelo contexto, imaginar seu significado. O problema é que nem sempre o contexto ajuda. Além disso, as gírias, normalmente muito presentes na fala, são um marcante símbolo das diferenças dos falares de cada região e, em muitos casos, são forte agentes transformadores da língua. Por seu caráter efêmero e as vezes de baixo calão, não são dicionarizados, porém, por ser frequente o seu uso, acabam, com o passar do tempo, deixando sua marca na língua local.

Existe sempre uma grande discussão acerca de onde começam as variantes de uma língua e onde termina a variedade padrão. Se pensamos no nosso objeto de estudo, a língua espanhola, nos deparamos com uma das mais importantes no mundo, em número de falantes e em relevância econômica. É "una lengua atractiva", segundo Andión Herrero (2004, p. 7), pois tem assumido cada vez mais espaço no contexto mundial. É língua oficial em aproximadamente 20 países e é conhecida por sua unidade e por sua diversidade. Esse paradoxo se explica: unidade por ser um idioma fechado a determinadas mudanças,

principalmente quando se refere a estrangeirismos, diferentemente do português, por exemplo, que esteve tão atrelado à incorporação de estrangeirismos tanto que se criou um projeto de lei (1676/99) com o intuito de frear esta invasão de estrangeirismos, em especial da língua inglesa. Faz-se a ressalva para países como o México e Porto Rico, onde a exposição dos falantes ao inglês acaba influenciando seu falar diretamente. Diversidade pelas variantes existentes, originadas pelas mais diferentes razões, tais como imigrantes de diferentes países chegando a várias partes da América confrontando sua língua alóctone com as línguas indígenas de diferentes tribos – Incas no norte da Argentina, Bolívia, Peru e Equador, Astecas na América Central, Guaranis e Araucanos na região do Rio da Prata, etc. (ANDIÓN HERRERO, 2004) Não podemos nos esquecer dos escravos africanos abandonados na região caribenha, o inglês americano na fronteira com o México e países caribenhos como Porto Rico, Cuba, o português, em especial no cone sul, etc.⁶ Isso sem falar nas subdivisões existentes na Espanha há séculos e que preservam até hoje pelo menos quatro línguas oficiais diferentes, cada uma com influência de outros idiomas próximos (português, francês, etc.).

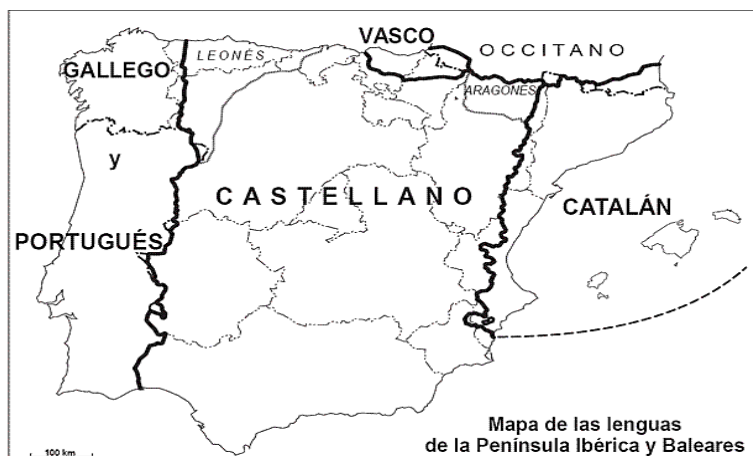


Fig. 2 - Mapa de las lenguas de la Península Ibérica y Baleares. **Jesús Burgueño, pg 82**

⁶ Para maiores informações, ler Andión Herrero: Variedades del Español de América: una Lengua y diecinueve países.

O caso da Espanha é especial. Dividido em dezessete comunidades autônomas o país tem o espanhol como língua oficial e materna de mais de 80% da população e outras línguas co-oficiais: o catalão, o euskera ou vasco e o galego, reconhecidas como oficiais pela constituição espanhola de 1978.⁷ Estas são respectivamente línguas oficiais de Catalunha e Ilhas Baleares, do País Vasco e Galícia. A constituição do país preza as variedades linguísticas existentes e se esforça para preservá-las, como nos mostra o terceiro artigo:

1 El castellano es la lengua española oficial del Estado. Todos los españoles tienen el deber de conocerla y el derecho a usarla.

2 Las demás lenguas españolas serán también oficiales en las respectivas Comunidades Autónomas de acuerdo con sus estatutos.

3 La riqueza de las distintas modalidades lingüísticas de España es un patrimonio cultural que será objeto de especial respeto y protección.⁸

Em virtude desta constituição e das constituições particulares de cada comunidade autônoma, cada região declara a língua por ela falada como língua oficial, fato que pode gerar confusão ao se definir quais são as línguas oficiais do país (RODRIGUEZ, 1999). Por exemplo, podemos citar o que acontece com o aranês e o valenciano, que é considerado por muitos como um dialeto do Catalão, mas é pedido em concursos públicos e ensinado nas universidades. O aranês é o dialeto do Vale do Arán. Algumas outras variações linguísticas que ocorrem dentro da Espanha são: canário (das Ilhas Canárias), andaluz (da Andaluzia) e madrileño (de Madrid), etc.

A maioria das línguas faladas na Espanha pertencem ao sub-grupo das línguas ibero-românicas, dentro da família das línguas indo-européias, apenas o Vasco, uma língua isolada, foge a este padrão. As principais características destas línguas, de acordo com Rodriguez, 1999, são:

1. O espanhol, ou castelhano – teve influências variadas, em especial a árabe.

⁷ Mais informações em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(14\)49-57.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(14)49-57.html)

⁸ Maiores informações em: <http://constitucion.rediris.es/legis/1978/ce1978.html>

2. Galego – de forte influência do português é falado na região da fronteira com Portugal.
3. O Catalão – tem forte influência do francês, a tal ponto de os linguistas não conseguirem definir se a base é espanhola com influência francesa ou francesa com influência espanhola. É falado em toda a Catalunha. De acordo a alguns estudiosos é subdividido em Dialetos, como o balear e o valenciano.
4. Basco ou Euskera – é uma língua bastante antiga, anterior à chegada dos indo-europeus à Espanha. Sua origem é de difícil definição.

Sendo o espanhol, dentro da Espanha, a língua oficial falada pela maioria dos habitantes, será o objeto de intercomunicação entre estes. Claro que em cada região independente, inclusive por influência da segunda língua oficial ou de suas subdivisões, o espanhol sofre algumas modificações seja de léxico, seja de traços fonéticos, ou outros. Poderíamos citar como exemplo a palavra ‘vela’ do português, também ‘vela’ no norte e no centro do país, porém ‘candela’ no sul. Como exemplo de variação fonética, que trazemos aqui unicamente para ilustrar as possíveis variações que podem ocorrer, poderíamos citar a palavra ‘Madrid’, de pronuncia linguo-interdental na capital como /ma’driθ/, tendo o D final suprimido no sul, /ma’dri/. Esse tipo de variação não compromete o entendimento entre os falantes do espanhol. São pequenas variações regionais dentro da mesma língua, não gerando uma nova variedade.

As diferenças linguísticas existentes dentro da Espanha são consideráveis, há um idioma geral e a presença de línguas co-oficiais e variedades regionais. Já as diferenças entre o espanhol americano dentro do continente não são tão grandes, existem, porém em menor grau. E isso é curioso, pois as dimensões do continente americano são muito maiores que as da Espanha. Seria de se esperar que o contrario ocorresse, pela dimensão territorial, pelo número de falantes, pelo contato dos falantes com grupos étnicos variados, etc. E nos perguntamos, como se explica tal fenômeno? Várias podem ser as explicações. O fato de ser o país colonizador, muito antigo e estabelecido social e culturalmente dá à Espanha a força que a América, por ser uma jovem colônia, apesar do tamanho, não tem. Tenta-se preservar um espanhol que atravessou o Atlântico há mais de 500 de

anos e que durante todo este tempo teve contato com vários e diferentes agentes transformadores.

Geralmente, ao se pensar em uma língua se pensa em sua variedade padrão, ou seja, ensinar, falar, traduzir de acordo as normas de tal idioma. As normas ditam regras, modelos de correção do uso da língua, ou seja, o uso prescritivo da língua. Não que as normas não devam existir, James e Leslie Milroy afirmam que “el prescriptivismo tiene una función social como mecanismo para mantener la variedad estándar [...] sin expresar juicios morales o prejuicios acerca del habla o de los hablantes”(1985, p. 99). A questão é que geralmente as normas são usadas de modo ditatorial, deixando às variedades não standards o título de variedades erradas, feias, ‘marginais’.

Historicamente, a variedade standard recai sobre a nação colonizadora, e no caso do espanhol não seria diferente. Ainda hoje o idioma peninsular retém para si o poder de variedade modelo, cobrando o purismo das outras nações hispânicas:

El purismo lingüístico (purificación) ha sostenido una actitud de lealtad hacia la variedad castellana, especialmente hacia el registro literario, como centro histórico del idioma, reconociéndola como único modelo de ejemplaridad; la "defensa de la pureza de la lengua" ha significado históricamente en la Argentina, la subordinación de la diversidad a la unidad; este modelo se corresponde con la concepción de lengua estándar monocéntrica por la cual se concibe una sola norma axiológica en la que subyacen, con dispar pero siempre menor status y prestigio, las diferentes variedades - normas objetivas- locales (nacionales o regionales). (BLANCO, 2000)

É a idéia do espanhol como centro lingüístico único. Por outro lado, com o atual elevado número de falantes do espanhol é impossível cobrar o purismo lingüístico. Essa idéia é, todavia, bastante forte, porém, pouco a pouco começa a se desfazer. (ANDIÓN HERRERO, 2004, p. 7,8). As variantes começam cada vez mais a fazer parte do cotidiano das pessoas, não somente na oralização informal, mas sendo divulgada pelos meios de comunicação. Estes são um propagador do léxico regional, das gírias, dos diversos falares de uma nação, tanto

através do idioma falado em programas de rádio e televisão transmitidos a todos os cantos do planeta como através de textos escritos, via periódicos on-line e inclusive através da literatura. Pode acontecer também, dependendo do veículo de comunicação utilizado, de que seja propagada justamente a variedade padrão, como acontece, por exemplo, nos programas de televisão brasileira de veiculação nacional, onde se propaga a variedade de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Apresento alguns exemplos recolhidos em contos de autores hispano-americanos de quatro diferentes países. Um argentino, Roberto Arlt, um chileno, José Donoso, um porto-riquenho, Abelardo Díaz Alfaro e um cubano, Reinaldo Arenas. Os contos foram escolhidos aleatoriamente uma vez que suas obras seriam fonte rica para uma pesquisa mais profunda sobre o tema. Os regionalismos encontrados foram buscados no Dicionário Online da Real Academia Española (DRAE), por ser frequentemente atualizado com amplo número de entradas e pela abertura dada às academias americanas e suas variantes, ou seja, uma fonte de pesquisa útil à nossa busca.

Roberto Arlt, em seu conto *Un Hombre Extraño* (1929), apresenta vários regionalismos, ou argentinismos. Por exemplo, vejamos o seguinte trecho: “Con el sombrero hundido hasta las orejas y las manos tocándose por los pulgares sobre el grueso vientre, cabeceaba con una expresión agría, **abotagada**, en su cara amarilla.” (grifo nosso) . Buscando a palavra abotagada no DRAE encontramos: “Aviso: La palabra **abotagada** no está en el Diccionario.” Outros regionalismos do conto constavam neste dicionário, como *macana*, ainda que nem todos registrados como argentinismos.

José Donoso, em seu texto *Una señora* (1955) também nos apresenta alguns regionalismos, todos postos em negrito por mim e cujo significado não poderá ser deduzido pelo contexto:

Exemplo 1- “en la esquina había una **botica** de barrio con su letrero luminoso[...].”

Exemplo 2 - “ventana, puerta, dos ventanas, mientras los zapateros, **gasfiteros** y verduleros cerraban sus comercios exiguos.”

Exemplo 3 - “Dentro de una pileta seca, que al parecer nunca se terminó de construir, había ladrillos **trizados**, cáscaras de fruta, papeles[...].”

No exemplo 1 Danoso nos traz **botica**, vocábulo comum no espanhol, geralmente utilizado com o sentido de farmácia. Vejamos o que nos traz o DRAE:

botica1. (Del gr. ἀποθήκη, almacén; cf. *bodega*).

1. f. Farmacia, laboratorio y despacho de medicamentos.
2. f. Asistencia de medicamentos durante un plazo. *Dar médico y botica.*
3. f. Medicamento, droga o mejunje.
4. f. **Ar. Tienda de mercader.**
5. f. ant. Vivienda o aposento surtido del ajuar preciso para habitarlo.

Somente na quarta acepção o dicionário traz a alternativa que interessa ao conto. O sentido do termo **botica**, comumente usado no Chile (e não só na Argentina como marca o dicionário) é de pequeno mercado ou venda. O acesso ao dicionário não se mostraria suficiente para saber qual acepção seria a mais adequada.

Algo semelhante acontece no exemplo 2, a marca de uso é equivocada ou incompleta:

gasfitero.(Del ingl. *gasfitter*).

1. m. *Perú.* Fontanero, gasista.

No Chile **Gasfiteiro** também é sinônimo de *fontanero*, termo geral para *encanador*.

O terceiro exemplo não é encontrado no DRAE: “**Aviso:** La palabra *trizados* no está en el Diccionario.”

Problemas semelhantes acontecem com o autor porto-riquenho, Abelardo Dias Alfaro e seu conto *Santa Clo va a La Cuchilla* (1947):

Exemplo 1- “En el campo se pasa mal. La comida es pobre: arroz y habichuelas, mojo, **avapenes**, arenas de agua, bacalao, sopa larga y mucha agua para rellenar.”

Exemplo 2- “Peyo Mercé tenía que hacer sus planes a la luz oscilante de un quinqué o de un **jacho** de tabonuco.”

Exemplo 3- “Y mister Rosas preguntó a los **jibaritos**: [...]”

Algumas destas palavras assinaladas não aparecem no DRAE:

La palabra *Avapenes* no está en el Diccionario.

La palabra *jacho* no está registrada en el Diccionario.

Já a terceira aparece com a marca de uso corretamente aplicada, em sua sétima acepção:

“**jíbaro, ra.**(De or. inc.).

7. **adj. P. Rico. Perteneciente** o relativo al campesino de ascendencia española, generalmente en las regiones montañosas de la isla. U. t. c. s.”

Por fim, o conto de Arenas, *Con los ojos cerrados* (1972), apresenta duas palavras incomuns na língua que tampouco aparecem no *DRAE*. Vejamos os exemplos:

Exemplo 1- “[...] debo levantarme bien temprano - cuando el **primeo** que me regaló la tía Grande Angela [...]”

Exemplo 2- “Me **arreguindé** de la baranda y miré: un coro de muchachos [...]”

Outro exemplo que apresentamos para ilustrar a dificuldade que se pode ter com determinadas expressões é um trecho extraído de um artigo escrito no Brasil que foi apresentado em um país hispânico⁹ e que, por exigências do evento, precisou ser traduzido ao espanhol. O tema era uma investigação realizada no campus da Universidade Federal de Santa Catarina e trazia o seguinte trecho:

Esta pesquisa foi realizada na **Prefeitura Universitaria**, setor relacionado à Pró-Reitoria de Investimento, Administração e Finanças. A **PU** é responsável pela manutenção, conservação e efetuação de reformas em instalações dos campi universitários. É administrada por um **prefeito**, designado pelo reitor [...]. (COUTINHO, 2009. grifo nosso)

Os termos em negrito foram termos que imediatamente causaram dúvidas. Buscando em dicionários, em sites ou com nativos se concluiu que a tradução dependeria do país para o qual se pretendesse traduzir, pois são diferentes as maneiras de se referir a tal setor de uma universidade. Em posse desta informação pode-se fazer uma tradução adequada. Porém, se unicamente se fizesse uso do dicionário, um provável erro se faria presente na tradução, no qual “prefeitura universitária” seria traduzida como “ayuntamiento o alcaldía universitaria” e isso não faria sentido. Falta no dicionário informações que pudessem auxiliar um possível leitor. Claro que se trata de um exemplo ilustrativo, como muitos que acontecessem no processo de ensino

⁹ Artigo apresentado em 2009 por Maria Chalfin Coutinho, em Tarragona, na Espanha. Site do evento para maiores informações: <http://www.congresopsicologiasocial.com/>

aprendizagem de línguas, onde os aprendizes se deparam constantemente com textos traduzidos de outras culturas, de outras realidades para as suas. E onde as realidades diferentes nem sempre são facilmente compreendidas no texto e onde o dicionário nem sempre contribui.

Claro está que a missão do dicionário, de compilar e registrar os vocábulos usados pelos falantes de uma língua não é nada simples. Regionalismos, neologismos, gírias, jargões, e toda a sorte de palavras específicas do falar de um setor, classe social ou de uma região são impossíveis de ser registradas em sua plenitude, porém, a ausência ou o registro equivocado dos mesmos também pode ser problemático. Falar de variedades linguísticas, sejam estas *standards* ou não, é falar de diferentes modalidades de um falar. Uma língua nada mais é que a junção de diferentes formas de falar compreensíveis entre todos os falantes. É um conjunto de expressões ou palavras usadas por um povo para comunicar-se, com suas regras e valores próprios, por exemplo, o inglês, o espanhol, etc. Uma língua pode ser autóctone, ou seja, nativa, natural da região em questão, como a Asteca, no México, ou pode ser alóctone, ou seja, transplantada, como seria o caso do espanhol na América, na época da colonização. A linguagem, forma ou meio através do qual as pessoas se comunicam, não necessariamente será representada na forma oral ou escrita, ao contrário da língua. Inclusive, algumas línguas podem existir somente na forma oral, como foi o caso, por exemplo, da língua Inca, que não tinha registro escrito, ou, mais atualmente, o caso do alemão falado no sul do Brasil. Assim como aconteceu e acontece neste caso no Brasil, no universo hispânico o contato entre línguas pode ocasionar mudanças na fala local. Mudanças de pronúncia das palavras, acréscimos de léxico novo, entre outros.

O contato ou não entre línguas diferentes pode ser um dos agentes causadores do surgimento dos dialetos, ou mesmo de outras palavras ou expressões linguísticas que, pouco a pouco, diferenciam os falares de certas regiões ou países. Essas mudanças podem ser gírias, regionalismos ou podem, em uma escala maior, formar um dialeto, ou uma nova língua.

A definição exata de dialeto é complexa. Em termos gerais, trata-se da variedade de uma língua que ocorre em uma região específica, geralmente com alguma barreira que impede o contato com falantes de outras variedades linguísticas, o que isolará sua língua de alguma maneira. As mudanças que ocorrerão ou não em seu falar ficarão

restritas a estes falantes, assim como as mudanças ocorridas fora desta área não alcançarão esta variedade. Pode-se dizer que uma língua é formada por diversas variedades dialetais, essas variações dentro de uma língua podem ser, como já vimos, diatópicas, diastráticas ou diafásicas. O dialeto poderia ser considerado a “língua materna” do falante, o idioma oficial será aprendido na escola e falado em escassas situações. Inúmeros estudos comprovam, temos no caso do Brasil o ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), o ALERs (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), entre outros, que quanto maior o nível de escolaridade maior será o distanciamento do falante em relação a sua “variedade original”.

Os critérios para que um falar seja considerado um dialeto ou uma língua são complexos e geralmente são regidos por motivos políticos, uma vez que a língua de um povo retrata sua cultura e, de certa forma, seu poder, fato que caracteriza especialmente o dialeto. Se de um idioma de um país nasce uma nova língua, o poder nacionalista pode ser abalado. Um excelente exemplo disso é a Espanha com suas comunidades independentes e bilíngues que lutam há décadas pela independência do restante do país, sendo o País Vasco o exemplo mais conhecido. (BURGUEÑO, p,172)

Línguas e dialetos são resultados históricos de longo prazo, provindos de dominações de uma nação sobre a outra, de mesclas entre povos, de delimitações ou isolamentos de regiões inteiras.

Desde Afonso X, que instituiu a primeira reforma ortográfica do espanhol, a Espanha tem se mostrado consideravelmente fechada a mudanças em seu idioma, em especial em relação a certas mudanças vindas das antigas ‘colônias’. Regida pela *Real Academia Española*, a RAE, a língua espanhola sofreu raras modificações desde que esta academia publicou a *Ortografía de La Lengua Castellana*, em 1854,. Assim como aconteceu recentemente na mudança ortográfica dos países lusófonos, o último acordo ortográfico do espanhol teve também a intenção de unificar o idioma, em especial na parte escrita, fazendo os países escreverem sob as mesmas regras.

A academia espanhola foi criada em 1714 com o especial objetivo de fixar a pureza lingüística do espanhol. Nesta época, esse ideal de pureza fica evidente com a publicação do *Diccionario de Autoridades*, no qual o ‘bem dizer’ provém de autores e eruditos especialmente selecionados para isso. A RAE, também nesse intuito de unificação da língua (ainda hoje defendida em seu dicionário), é

responsável pelo registro no *DRAE* das palavras do idioma espanhol. Com o passar dos anos, a partir das aberturas das Academias Americanas, a *RAE* passa a aceitar, em especial no seu dicionário, o registro dos chamados ‘americanismos’, sempre selecionados por seus representantes no “Novo Continente”. Vários são os critérios seguidos para a seleção e nem sempre o registro coincide com o uso real dos vocábulos, como pode acontecer com qualquer palavra.

Normalmente as variantes de uma língua, por diferirem da variedade padrão ou standard, para o senso comum, “soam mal”, são carregadas de negativismo, como se fossem erradas. Falar um dialeto é falar uma variante “errada” da língua. Se essas variantes são outras, que ainda não chegaram ao “status” de dialeto, o preconceito linguístico é ainda maior. Os falares regionais ou regionalismos sofrem há muito tempo esse preconceito.

Regionalismos, segundo o Michaelis, são um “traço lingüístico próprio de cada uma das regiões em que se fala determinada língua. Esses traços podem ser fonéticos ou de pronúncia – o sotaque –, normalmente de forma mais atenuada em relação ao dialeto, ou podem ser marcas de léxico, vocabulários diferenciados e podem existir em qualquer língua. Afinal, não existe língua ‘pura’. No português do Brasil poderíamos citar o ‘bahianês’, o ‘mineirês’, o ‘gaúchês”, dentro do estado de Santa Catarina temos o “manesês”, com fortes influências do falar das ilhas dos Açores, em Portugal, assim como o falar da região oeste, com forte influência gaúcha ou mesmo, nas fronteiras, do espanhol. O que diferencia o regionalismo do dialeto é que os falantes deste geralmente são bilíngues, falam a variedade standard e a variedade dialetal que não é compreendida pelos falantes não pertencentes à sua comunidade linguística. Os falares regionais são variedades da língua padrão compreensíveis entre falantes de diferentes comunidades linguísticas. Haverá diferenças (de sotaque, de léxico), mas nada tão amplo ao ponto de impedir a comunicação. Essas diferenças existentes podem ter fatores diversos, como o contato com outras línguas, seja em locais de fronteira, seja em áreas com grande número de imigrantes, maior ou menor nível de estudos, etc. (MORENO DE ALBA, p. 17-20)

O contato linguístico em regiões de fronteira pode ser muito rico na formação de uma língua, ou de uma variedade linguística. Como exemplo temos o fenômeno que ocorre na fronteira entre Brasil e Uruguai, em especial na parte uruguaia onde a presença do português traz uma forte influência para o surgimento do portunhol-portuñol, uma

interlíngua que aparece em habitantes que convivem com as duas línguas simultaneamente (STURZA, 2005, p. 47-50). Os uruguaios assistem canais brasileiros de TV, têm acesso a jornais impressos e, em especial nas fronteiras secas, onde só atravessando uma rua se chega ao outro país, têm acesso ao comércio, o que possibilita o contato amplo com os falantes. Em virtude disso, a interferência linguística se mostra muito forte. Algo semelhante acontece na região sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, onde o vocabulário espanhol é bastante perceptível. Também na região fronteira e em regiões onde a cultura gaúcha (originária nos pampas argentinos) prevalece esse fenômeno pode ser observado mais intensamente. Na parte brasileira, o uso de palavras claramente espanholas é claro: *carpeta*, *cuna*, *corpião*, etc. Outro caso seria o Spanglish ou Chicano que surge da mescla do Inglês e do espanhol na fronteira com o México e em Porto Rico, que se trata de um território estadunidense e, portanto, é uma região bilíngue.

A língua espanhola, ou castelhano, em razão de sua origem em Castilla, foi a língua oficial na época da colonização. Por tratar-se de uma nação soberana, de conquistadores, de um ponto de vista linguístico, poucas pessoas se dão conta de que os barcos que levavam os conquistadores a outras regiões, em especial a recém descoberta América, saíam de diferentes regiões da Espanha, do Sul, passando pelas Canárias, etc., e dirigindo-se a diferentes partes do novo continente: México, Santo Domingo, Cuba, etc. Assim, começam a surgir nas diferentes regiões novas variedades inegáveis do espanhol americano. Passados mais de 500 anos e com um oceano impedindo o contato direto, várias são as diferenças entre o espanhol americano e o peninsular. Entre as mais significativas podemos citar o uso dos pronomes. Na Espanha e grande parte da América o pronome de segunda pessoa singular é “tú”, mas em zonas americanas como a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e parte do Chile, da Colômbia, etc., utilizam-se “vos”. (ANDIÓN HERREO, 2004, p. 26, 37 y 42) Dependendo da região, pode ser considerado standard ou marca de uso vulgar da língua. Cada região tem um uso diferenciado de tal pronome. Da mesma forma, acontece com a segunda pessoa plural, “vosotros”, esta somente usada na Espanha. Na América se usa “ustedes”, que, de acordo ao contexto utilizado, poderá ser formal ou informal.

Existem também, entre outras, diferenças fonético-fonológicas. Um exemplo seria o *yeísmo* ou o *ceceo*, respectivamente formas diferenciadas de pronunciar o *Y* e *Z*, *C*, e, claro, lexicais, por exemplo,

falda e *pollera*, ambas significam *saia*, peça de roupa feminina. De acordo ao DRAE, a primeira pertence a um espanhol geral, estandar, a segunda, é “la que tiene por oficio creao o vender pollos”, vende *frangos*, também pelo DRAE, onde aparece como regionalismo Americano, e definida como “La falda externa del vestido femenino. Isso realmente se reflete no uso das duas palavras, sendo muito comum o uso de *pollera* pelos rio platenses e de *falda* para a versão mais estandarizada do espanhol.

Além das zonas dialetais formadas e dos regionalismos existentes nas diversas comunidades linguísticas, existe também, como característica destes falares, a **gíria**, também chamada **Calão**. É uma linguagem dita popular, usada por um mesmo grupo social, onde seus integrantes usam um termo não convencional para referir-se a palavras usuais e comuns da língua. Normalmente estas palavras surgem com cunho irônico e para definir identidades grupais: a gíria dos rappers, a gíria dos surfistas, etc. Geralmente é considerada pela sociedade como um falar errôneo e quem a usa sempre é visto negativamente, é marginalizado.

No universo hispânico, uma gíria argentina muito difundida é o *lunfardo* portenho, falar do malandro arrabalero. Apesar de a gíria ter como forte característica a efemeridade, o *lunfardo* é um exemplo de como a gíria pode marcar um falar, passando a ser regional e, possivelmente, a fazer parte da língua standard. Palavras de origem comprovadamente *lunfardas* são tão difundidas que aparecem no falar argentino generalizado, no Uruguai, no Brasil e em outras partes, por exemplo: *mina* (mulher, namorada), *afanar* (roubar), *fulera* (sem valor ou prestígio), *otário*, *plata* (prata – para dinheiro), *milico* (policial), *matina* (manhã, madrugada), *pibe* (pivete), etc. (PASTAFIGLIA, 2008)

A gíria é usada especialmente pelos jovens e adultos e cada vez mais está presente nos meios de comunicação, que se tornam propagadores deste fenômeno sociolinguístico. Muitas vezes a palavra é considerada gíria por ser nova, um neologismo que, em especial, aparece ligado à tecnologia, por exemplo. Por tal efemeridade e por geralmente ser usada pelas camadas sociais mais baixas as gírias são consideradas erros e sofrem toda a sorte de preconceitos, por parte dos linguistas, por parte dos aprendizes e por parte dos falantes. Porém, como muitos autores afirmam, entre eles o lexicógrafo e jornalista Serra

e Gurgel¹⁰: “gíria não empobrece a língua. Hoje acredito que a gíria renova muito mais do que empobrece a língua” (2007). Nesta mesma entrevista, o lexicógrafo afirma que os linguistas não gostam e discriminam a gíria, porém esta regenera e inova a língua. Os principais usuários de seus materiais são tradutores, pesquisadores e jovens. O que reforça um estudo realizado por Teixeira (2005, p.23), em sua dissertação de mestrado, onde, ao lançar a um grupo de alunos a pergunta “Do que sente mais falta em um dicionário bilíngue?”, obteve como maior número de respostas:

35% “mais palavras”
25% “gírias”,
 12% “exemplos”
 10% “diálogos”
 10% “desenhos”
 8% “não precisa mais nada”

Em relação ao uso efetivo de uma língua, os aprendizes, em especial os jovens, não querem saber como falam os sábios, os gramáticos, os linguistas, etc. Querem saber como o povo fala, querem usar a linguagem do dia a dia, o falar das ruas, o usual. Gíria é cultura, é a língua viva. Claro que muitas vezes o contexto exigirá uma variante mais formal, outras vezes, como já mencionamos, conhecer ou ter acesso a um léxico mais “informal” é imprescindível.

Vejamos o exemplo de uma frase escrita em espanhol standard e como ela seria dita segundo algumas variantes latino-americanas¹¹:

Espanhol Estandar: Esta bebida alcohólica es muy buena. A mí me gusta mucho pero si bebo más de tres vasos me emborracho y al día siguiente amanezco con un malestar físico tremendo.

Cuba: Este alcolifán está riquísimo. A mi me queda en talla, pero si me trago 3 vasos me pone del otro lado y al otro día amanezco en llama.

¹⁰ Serra e Gurgel é responsável pela compilação do “Dicionário de Gírias” lançado em 1990 e com a oitava edição prevista para breve, devendo alcançar os 33.500 verbetes, quase a totalidade das gírias ativas no Brasil (calculadas entre 30 e 40 mil)

<http://www.cruiser.com.br/giria/>

¹¹ Dados encontrados em: <http://www.jergasdehablahispana.org/ejemplos2.htm>

México: Este chupe está a toda madre. A mí me pasa un chingo pero si pisteo más de tres vasos me pongo hasta atrás y al día siguiente amanezco con una cruda de la chingada.
Puerto Rico: Este palo es pura melaza. A mí me gusta que se acabó, pero si me doy más de tres juanetazos me doy una ajumá que al otro día despierto con un jangover.
Chile: El copete está chacal. Me encanta, pero si chupo más de 3 vasos me curo y al día siguiente amanezco con resaca.
República Dominicana: Este trago está full de to', me gusta un paquete, pero si me bebo más de tres vasos me prendo y al otro día sólo me espera una tremenda resaca.
Costa Rica: Este guaro está con toda la pata. A mí me gusta en puñeta, pero si bebo más de tres vasos, me jumo y al día siguiente amanezco con una goma tremenda.
Panamá: Este guaro está nítido. Me gusta buco pero después de tres voy por fuera y amanezco con una goma pifiosa.
Venezuela: Este palo sí está cartelúo. Me gusta burda pero después de tres agarro una curda y al día siguiente me agarra un ratón arrechísimo.
Argentina: Este chupi la rompe. A mi me re copa pero si tomo más de tres vasos me agarro una flor de mamúa y al día siguiente amanezco con una resaca de la gran siete.
Uruguay: Este escabio está de la planta. Me cabe, pero si me mando más de tristeza, me mamo y al otro día tengo una resaca que ni me la banco.
Perú: Este trago está paja. A mi me vasila como a cancha, pero si chupo más de tres vasos me pongo huasca y al otro día me levanto con un caldero de la patada.

Tab.1 – Exemplos da variedade lexical Americana.

São frases que caracterizam usos regionais da língua espanhola, certamente idioletos ou mesmo formas familiares de certas palavras. Os exemplos aqui expostos não chegam a formar, a caracterizar novos dialetos, mas servem para mostrar que o espanhol de cada região tem diferenças entre si. E isso nós pretendemos observar nos dicionários.

3 A Pesquisa

Neste capítulo trataremos a pesquisa desenvolvida, desde a escolha dos dicionários, descrição, comparação e comentários sobre cada um deles e por fim, alguns comentários sobre os resultados encontrados.

3.1 Escolha dos dicionários

Para nossa pesquisa foram escolhidos dois dicionários monolíngues da língua espanhola, o Diccionario de la Real Academia Española (*DRAE*) e o Diccionario de Uso del Español de María Moliner (*DUE*), por serem duas obras monolíngües importantes e de respeito no universo hispanófono. Também se escolheram dois dicionários bilíngües espanhol/inglês, o *Oxford Superlex* e o *Collins Spanish Dictionary* em virtude da relevância da lexicografia inglesa. Analisaremos também o *Dicionário Globo*, obra bilíngue nacional de grande porte e pouco comum entre estudantes, por não ser uma obra de “fácil transporte e manejo”, se pensamos no âmbito escolar.

Porém, de todas as obras analisadas, são quatro as que realmente merecerão maiores comentários neste trabalho. Trata-se de dicionários bilíngües, o *Michaelis*, o *Ática*, o *Larousse* e o *Dicionário da Editora FTD* todos nos pares ‘português-espanhol’ e ‘espanhol-português’, versão impressa, Mini ou escolar. Foram escolhidos tendo em base nossa experiência como professores, onde observamos que estas figuram entre as mais usadas pelos aprendizes da língua espanhola.

3.2 Descrição dos dicionários

Toda obra lexicográfica traz em seus textos introdutórios ou paratextos dados sobre ela. Muitas vezes os autores ensinam como usar o dicionário, dando orientações sobre as entradas e sobre como entender cada parte. Não existem normas sobre a produção dos dicionários ou sobre como apresentar as informações em um dicionário, por isso, os dicionários são diferentes uns dos outros, o que funciona em um é

diferente em outro. Existem dicionários que trazem várias informações, outros são mais reduzidos. E isso vale para a parte externa e para a interna. Por isso, a relevância de se considerar o que dizem os autores na introdução de sua obra.

Lamentavelmente, a maioria dos usuários de um dicionário sequer acessa essa parte. Simplesmente desconhece sua existência. Lucindo, em sua dissertação de mestrado¹², apoiada em estudos de Amy Chi, observa o que a autora chinesa concluiu em seu teste:

Los resultados de la primera fase indicaron que los estudiantes efectivamente consideraban el diccionario como una herramienta importante para el aprendizaje de una lengua extranjera. No obstante, **no usaban o incluso ignoraban información relevante incluida en él**. Por otra parte, los resultados de la segunda fase mostraron que después de la capacitación los alumnos mejoraron significativamente. (2008, p. 14, grifo nosso).

Realmente, o que Chi e Lucindo nos apresentam é realidade. São escassos os usuários que usufruem destas relevantes informações. Por as desconhecerem, não usam corretamente o dicionário. Por esta razão, analisaremos brevemente os textos introdutórios, para ver que informações úteis trazem os autores e se realmente eles as cumprem no corpo da obra.

3.2.1 Paratextos

BILINGUES PORTUGUÊS – ESPANHOL

¹² Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Emy_Soares_Lucindo_-_Dissertacao.pdf

Das obras nacionais analisadas, o Globo é uma versão grande e as outras quatro são compilações do tipo ‘Mini’ ou ‘escolar’. Todas são obras impressas.

DICIONÁRIO GLOBO – versão impressa

Nos textos introdutórios da parte português-espanhol, este dicionário apresenta uma Nota Editorial ressaltando o idioma espanhol e a obra em si. Afirmam que a mesma “é válida pela inexistência de uma publicação brasileira que os supere em nível de produção lexicográfica [...]”. Nesta mesma parte é apresentado o público-meta: “estes dicionários atendem às necessidades do estudante, aprendiz de espanhol ou de português como língua estrangeira, e também as do usuário desses idiomas como instrumentos de intercâmbio econômico e cultural”. No prefácio, os autores mencionam o fato de há 40 anos não se publicar no Brasil um dicionário português-espanhol. Tudo o que foi publicado não passa de mera cópia ou reimpressão de trabalhos anteriores. Ressaltam também alguns dos pontos principais da obra, dentre eles os que nos interessam: **brasileirismos** e **americanismos**. Os autores comparam as variações que ocorrem com as duas línguas e dizem que “Éstas peculiaridades, y hasta ligeras diferencias, aunque no tengan un carácter dialectal, son lo suficientemente importantes como para señalarlas en un buen diccionario” (Prefácio, DICIONÁRIO GLOBO, sentido P→E). Trazem uma pequena explicação sobre as diferenças possíveis e dizem que

los brasileñismos del idioma portugués son, por esto traducidos por americanismos de la lengua castellana, siempre que los primeros se refieran a actividades y conceptos comunes al Brasil y a uno o más de los países hispanoamericanos con los cuales la República brasileña mantiene un directo contacto económico o geográfico. (Prefácio, DICIONÁRIO GLOBO, sentido P→E)

Os autores afirmam que evitaram trazer expressões inúteis a seus usuários, em suas próprias palavras, mas que fizeram questão de expor expressões que, apesar de não aparecerem no DRAE, mereceriam estar

no dicionário, em virtude de seu uso efetivo pelos falantes. Outro ponto importante abordado pelos autores são os **idiotismos** e **as locuções**. Afirmam que, sempre que tenham um uso frequente, toda classe de idiotismos, locuções, expressões, frases e modismos figurariam em sua obra. “[...] dichos conjuntos de palabras no suelen encontrarse de manera sistemática en los diccionarios de esta clase lo que evidencia un error.” (Prefácio, DICIONÁRIO GLOBO). Posteriormente, se explica como estas expressões aparecem nas entradas do dicionário.

Finalmente, falam de **gírias** e **linguagem popular**. Os autores justificam a presença destas expressões no dicionário, principalmente aquelas que figuram em jornais, revistas e livros. Por refletir a fala pessoal e efetiva do povo merecem aparecer na obra. Além destes termos, os autores mencionam também autoridades, termos técnicos, arcaísmos, definições indispensáveis, gramática, número e gênero, pronuncia, sinopse da língua portuguesa, vocabulário de nomes próprios, lista de abreviaturas, verbos e regimes, conjugação e ordem alfabética. A maioria destes pontos, além de figurarem no prefácio de modo introdutório/explicativo, recebe espaço para desenvolvimento antes do corpo do dicionário. Na parte espanhol-português os autores apresentam a advertência, escrita por Hamilcar Garcia, e a lista de abreviaturas. Sua lista de abreviaturas, nos dois sentidos dos dicionários apresenta marcas de uso regional, tanto brasileiras como hispânicas, sendo alguns exemplos destas: amer. De americanismo, argent. de argentinismo, colomb. de colombiano, etc.

DICIONARIO ESCOLAR MICHAELIS – 1ª edição

O Michaelis menciona em seus textos introdutórios o público alvo, “brasileiros que estudam a língua espanhola e se preocupam em falar e escrevê-la corretamente”. Especifica o número de entradas (28.000). No prefácio, traz uma apresentação ‘técnica’ da obra, sobre os autores, sobre a forma como foi compilado e o que o usuário encontrará no mesmo, como a “divisão silábica, transcrição fonética, classe gramatical, área de conhecimento, várias acepções e expressões atuais”. Nada se fala sobre regionalismos, sobre as variantes da língua espanhola, ao contrario, diz que “a obra inclui notas sobre gramática e sobre o **uso adequado** de palavras e **expressões espanholas**” (Grifo

nosso). Com isso, podemos observar um cunho prescritivo da obra, que teria a intenção de trazer, ensinar a usar corretamente a língua. Mesmo sem tal finalidade, ao usar o termo “expressões espanholas”, os autores estão delimitando seu material ao espanhol da Espanha.

A seguir, trazem a organização do dicionário, a transcrição fonética do espanhol e do português e as abreviaturas usadas. Nesta parte, encontramos 03 abreviaturas de marca de uso regional, AL (América Latina), Arg. (Argentina) e CS (Cone Sul). Mesmo sem nada haver sido mencionado sobre o espanhol da América, sobre como considerariam tais variantes, nos textos introdutórios, na contracapa apresentam um tópico que diz trazer expressões idiomáticas, provérbios e gírias.

MINIDICIONARIO ÁTICA – 17ª edição

Este é o dicionário que traz as explicações mais completas e de mais fácil compreensão nos paratextos. Os autores, na apresentação, definem claramente o público alvo (estudantes brasileiros de nível médio), especificam o número de verbetes (20.000), afirmam que os verbetes foram escolhidos devido à sua frequência de uso, e dizem ter presente na compilação “espanholismos, americanismos, regionalismos, termos técnicos, jurídicos, científicos e coloquiais, expressões idiomáticas e provérbios, com a respectiva tradução ou adaptação ao idioma oposto”. Ainda na apresentação explicam como ‘funciona’ o dicionário, ilustrando tudo com exemplos variados. Deixam claro que as entradas na parte do dicionário sentido Português/Espanhol são mais simples e diretas, pois o público a quem é endereçado o dicionário “prescinde de informações como divisão silábica, feminino, etc.”.

No que se refere aos regionalismos, os autores afirmam que em virtude da diversidade linguística do espanhol “o dicionário apresenta apenas algumas formas regionais muito comuns em certas áreas geográficas”, e explicam como estas aparecem em sua obra. Para finalizar este assunto, advertem que “estas expressões devem ser usadas com reserva, pois são aceitáveis apenas em algumas regiões e não em todo o território hispano-falante. Nesta parte os autores apresentam as abreviaturas das marcas de regionalismos por eles apresentadas: Esp. de Espanha, Amer. de América geral, Mex. de México, Am. C. de América

Central em geral, Rio-plat. do Rio da Prata em geral e Arg. de Argentina.

Depois da apresentação, o *Ática* traz a lista dos sinais gráficos utilizados no dicionário, o alfabeto nas duas línguas, com os respectivos nomes de cada letra, a divisão silábica, um quadro fonológico, acentuação gráfica e as abreviaturas apresentadas na obra.

MINI DICCIONARIO LAROUSSE

O Larousse, em sua parte de apresentação, indica o seu público alvo: “estudantes brasileiros nos primeiros anos do aprendizado da língua espanhola.”. Nesta mesma parte, os autores orientam o usuário a encontrar na seção *Como usar* as informações necessárias para o melhor aproveitamento da obra.

Com 30.000 entradas, se auto-intitula como um “dicionário completo” e que “ajuda a compreender e desfrutar de vários tipos de textos, pois as palavras **sempre** são apresentadas em seu contexto.”. (Grifo nosso). Diz também

Esta obra ainda ajuda a desenvolver a habilidade de escrever em espanhol com fluência, graças ao tratamento claro e detalhado dado ao vocabulário básico e às indicações do sentido das palavras, que ajudam no momento de optar pela tradução mais adequada.

O indicado seria esta postura em todos os dicionários; veremos a seguir, em nossas análises, se isso realmente se cumpre.

Nada se menciona na apresentação do dicionário sobre regionalismos nem sobre que variante de espanhol se adota ou que possíveis variantes poderão aparecer no mesmo. Apesar disso na parte destinada às abreviaturas aparecem nada menos que 21 marcas de uso diferentes: *Amér.*(América), *Andes, Arg.*(Argentina), *Bol.*(Bolívia), *CAM* (América Central), *Carib.*(Caribe), *Chile, Col.*(Colômbia), *CRica* (Costa Rica), *CSur*(Cone Sul), *Cuba, Esp.*(Espanha), *Méx.*(México), *Nic.* (Nicaragua), *Pan.*(Panamá), *Perú, PRico.* (Puerto Rico), *RP.* (Rio de la Plata), *Urug.* (Uruguay), *Ven.* (Venezuela). A única coisa mencionada é que “a seção *O Idioma em ação* auxilia na comunicação falada e escrita

e propicia uma visão geral do cotidiano nos países de língua espanhola, com informações atualizadas sobre geografia, educação, comunicação e lazer”. Tal seção encontra-se na parte interior do dicionário, antes da parte português-espanhol. Na contra-capá, onde se apresentam em tópicos os atributos do dicionário, se diz que ele “abrange a língua falada na Espanha e os regionalismos da Hispanoamérica”, sutilmente marcando uma pequena diferença entre os dois.

DICIONÁRIO FTD

Este dicionário traz apenas uma página de apresentação e uma página com as abreviaturas e sinais gráficos apresentados na obra, sendo diferentes os textos na parte ‘espanhol-português’, se comparados à parte ‘português-espanhol’. Na primeira parte, os autores apresentam o número de vocábulos da obra, cerca de 15 mil. Definem como público-alvo alunos e professores, falantes da língua portuguesa “que vivem rodeados de países hispano-falantes. Com isso em mente tivemos o cuidado de, em alguns casos, incluir o significado das palavras na América Latina”. Assim, ressaltam que têm como base as diretrizes da RAE. Porém, ao final da apresentação os autores dizem estar “[...] de uma forma ou de outra, propagando e difundindo um idioma, uma cultura e um país [...]”. De acordo com a primeira afirmação citada, os autores parecem demonstrar interesse em apresentar as diferenças e as peculiaridades da língua existente nos diversos países de fala hispânica. Ao usarem a expressão difundir “**uma cultura e um país**”, podem deixar o usuário em dúvida: de um país específico ou de todos ao mesmo tempo? Essa dúvida é reforçada já nas abreviaturas onde se apresenta apenas uma referente ao ‘significado na América Latina’ (*Amér.*). Isso levaria o usuário do dicionário a pensar que, por exemplo, todos os regionalismos uruguaios apresentados, marcados na obra com “*Amer.*” tivessem o mesmo efeito na Guatemala, pois este país também pertence à América. Porém, raramente isso acontece. Os regionalismos, por se tratarem de marcas das diferentes influências recebidas por cada país, tendem a variar bastante de região para região.

Quanto aos vocábulos escolhidos, deixam transparecer que foram selecionados os mais usados da língua, e ao final da página com

abreviaturas agregam a informação: “Devido ao tamanho desta obra, a maior parte das palavras derivadas está sendo omitida”.

Na segunda parte do dicionário – português-espanhol –, os autores trazem a apresentação em espanhol, reforçando parte do exposto na primeira parte. Agregam também algumas informações, como o fato de não haverem se detido nos verbos e sim nos nomes e adjetivos, principalmente aqueles “que por una u otra razón son diferentes en uno y otro idioma”.

Nesta parte, foram compilados cerca de 14 mil vocábulos do português que “podrían presentar dudas o problemas para los lusoparlantes al leer un texto en español”.

MONOLINGUE ESPANHOL

DRAE - 21ª edição, feita em comemoração do V Centenário da América.

No prefácio deste dicionário de uso, os autores deixam clara a intenção de incrementar a presença de “las peculiaridades léxicas y semánticas vigentes en cada país”. Dizem estar fazendo isso

[...] para cooperar al **mantenimiento de la unidad lingüística** de los más de trescientos millones de seres humanos que, a un lado y otro del Atlántico, hablan hoy el idioma nacido hace más de mil años en el solar castellano y se valen de él como instrumento expresivo y conformador de una **misma visión del mundo y de la vida**. (grifos nosso).

Para tanto, dizem ter contado com a ajuda das Academias associadas na América e Filipinas. Nada se menciona sobre a África, tendo em vista que em Guiné Equatorial também se fala a língua espanhola – provavelmente porque não existe neste país uma Academia. Dizer que esses milhões de falantes se valem do idioma espanhol como instrumento expressivo e conformador de uma mesma visão de mundo e

de vida, além de ser uma afirmação forte, mostra a visão etnocêntrica espanhola, ibérica em especial, sempre obstinada em manter o espanhol fechado entre as muralhas de um idioma único.

Os paratextos apresentados nem sempre são claros. Mencionam algumas ausências, como de diminutivos, aumentativos, advérbios em – *mente*, explicando a razão da ausência, as exceções e deixando claro que o fato de não figurarem no dicionário não quer dizer que não existam ou que sejam incorretos. O uso do dicionário não é tão fácil e óbvio e os paratextos devem ser claros para que o usuário possa acessar corretamente as informações fornecidas nas entradas.

A edição digital do dicionário tem suas vantagens: aquelas que o próprio adjetivo *digital* infere, como atalhos, organização do dicionário a critério do usuário, espaço físico, etc. Quanto a regionalismos, há a possibilidade de organizar as expressões por país, facilitando a busca do usuário. Essa versão eletrônica do DRAE traz também alguns textos a mais em relação à impressa. São textos que orientam a usar a versão eletrônica e a aproveitar suas vantagens. O consulente poderá escolher o modo de busca que usará. Direto na palavra desejada ou, caso não tenha determinado uma palavra específica, poderá encontrar uma lista de substantivos, por exemplo, dentro dos quais escolherá o que melhor lhe convier.

MARÍA MOLINER – DUE - Segunda edição revisada, versão digital

É o dicionário que tem os mais longos paratextos, trazendo a apresentação da primeira e segunda edições impressas e a versão eletrônica, através da qual mostra todas as vantagens que essa traz e indicações de como usar o dicionário. Num destes textos, escrito por Manuel Seco, da RAE, o Moliner recebe vários elogios, sendo considerado melhor inclusive que o DRAE. Posteriormente, no texto que traz a nova edição, se mencionam os vários elogios recebidos de alguns escritores:

María Moliner – para decirlo del modo más corto
– hizo una proeza con muy pocos precedentes:
escribió sola, en su casa, con su propia mano, el

diccionario más completo, más útil, más acucioso y más divertido de la lengua castellana. Se llama Diccionario de uso del español, tiene dos tomos de casi 3.000 páginas en total, que pesan tres kilos, y viene a ser, en consecuencia, más de dos veces más largo que el de la Real Academia de la Lengua, y – a mi juicio – más de dos veces mejor. (Gabriel García Márquez).

Ou mesmo: “Una obra singular, poética, que el poeta puede consultar sin verse fosilizado ni recluido.” (Francisco Umbral).

Neste mesmo texto, se apresenta uma declaração escrita pela própria autora, em 1972, sobre o labor e seriedade de um lexicógrafo:

Después de publicado, yo sigo trabajando en él. En un diccionario no se puede dejar de trabajar. Constantemente estoy viendo en los periódicos o en las novelas expresiones que anoto para incluirlas. Ya tengo una gran colección de adiciones. Si no me muriera, seguiría siempre haciendo adiciones al diccionario. (ABC, 25 de junio de 1972).

A autora descreve o DUE como:

un instrumento para guiar en el uso del español tanto a los que lo tienen como idioma propio como a aquellos que lo aprenden y han llegado en el conocimiento de él a ese punto en que el diccionario bilingüe puede y debe ser substituido por un diccionario en el propio idioma que se aprende. [...]

O DUE apresenta um glossário com termos comuns à lexicografia, para facilitar a leitura dos paratextos aos leigos. Há um conjugador de verbos e uma lista com as abreviaturas e os símbolos utilizados no dicionário. Porém, em todos os paratextos pouco se menciona as variantes regionais do espanhol. A autora afirma haver revisado as *marcas geográficas* e explica que estas correspondem às acepções “que no tienen uso general en España, como dialectalismos

espanholes y expresiones utilizadas en los demás países hispanohablantes (especialmente hispanoamericanos)”.

BILINGUES – ESPANHOL – INGLÊS

OXFORD – versão digital

Os paratextos aqui apresentados são mais enxutos, apenas apresentando a obra de modo conciso e deixando claro o seu objetivo e a quem é direcionada. No prefácio os autores dizem ter contado com o auxílio de pessoas em Madri e em vários países latino-americanos:

La tarea comenzó con la redacción del esqueleto monolingüe correspondiente a cada idioma. Para garantizar la autenticidad e idiomática de los ejemplos, la compilación fue encomendada a equipos de redactores residentes en sus países de origen, quienes tuvieron acceso a varias bases de datos para complementar su propia competencia lingüística. [...]

El texto resultante ofrece un tratamiento actualizado del inglés y el español modernos, incluyendo numerosos *vocablos de nuevo cuño y términos especializados* así como una amplia cobertura de la *lengua coloquial* y miles de ejemplos tomados de la realidad.

Uno de los objetivos del equipo editorial ha sido que el diccionario, además de incluir el vocabulario del patrimonio literario de ambas culturas, sea un fiel reflejo de la lengua que se habla y se escribe en la década de los 90, tanto en Europa como en el continente americano. Tenemos plena confianza en que, en consecuencia, la presente obra podrá satisfacer las necesidades tanto del traductor como del docente, la persona de negocios y el estudiante de cualquier nivel.

Isso demonstra certa despreocupação com a unidade da língua, como a expressa pelos autores do DRAE.

Além dos textos de apresentação, o Oxford apresenta: uma lista de abreviaturas, pronúnciação, símbolos fonéticos, informação léxica, correspondência e verbos. Tudo nas duas línguas.

Ao utilizar o Oxford, o usuário tem acesso a um dicionário bilíngue inglês–alemão/francês/espanhol, podendo trabalhar sempre com o inglês e uma das outras línguas, sempre nos dois sentidos, no caso do espanhol: inglês – espanhol ou espanhol – inglês.

COLLINS SPANISH DICTIONARY, ESPAÑOL – INGLÉS – versão digital

Ao contrário do que se esperava, tendo em vista os méritos da lexicografia inglesa, este dicionário é o mais complexo em relação a seus paratextos. Tal complexidade se deve à dificuldade de acesso para o usuário. Este terá que procurar muito até encontrar: pronúncia/transcrição fonética em inglês, as abreviaturas e explicações sobre o formato, que estão na barra de ferramentas, representadas pelo sinal gráfico “?”.

São poucas as opções que o usuário tem em comparação com os outros dicionários, não podendo inclusive copiar e colar a acepção encontrada, caso seja de sua vontade, a menos que copie palavra por palavra.

Nada se menciona sobre a língua nem sobre suas variantes. Tampouco se especifica para quem é voltado o dicionário, nem de que tipo de dicionário se trata. Parece ser apenas uma coletânea de milhares de entradas às quais o usuário lançará mão em sua busca, nada mais.

3.2.2 Análise comparativa dos paratextos

Dos nove dicionários analisados, especialmente em relação a regionalismos, constatamos que:

- Dos cinco dicionários bilíngues – *português/espanhol*:

O *GLOBO* demonstra o interesse em difundir as variedades existentes e, em vários momentos, ressalta a importância de se conhecer tais variedades. Salienta a debilidade da maioria das obras similares pela ausência de tais expressões. Não especifica em nenhum momento predileção por América ou Espanha. Deixa clara a importância das variedades em que a língua se manifesta.

O *Michaelis* fala muito sutilmente de expressões idiomáticas, provérbios e gírias, e traz notas sobre o uso de palavras e expressões espanholas. Nada mais.

O *Ática* manifesta a intenção de apresentar regionalismos em sua obra. Porém, somente afirma que o usuário deve ter cuidado ao usar tais expressões.

O *FTD* demonstra interesse em apresentar as peculiaridades da língua existentes nos diversos países de fala hispânica, mas também deixa claro que pretende difundir “**uma** cultura e **um** país” e não a variedade existente.

O *Larousse* diz que “abrange a língua falada na Espanha e os regionalismos da América Hispânica.” Nada mais comenta sobre o assunto, nem orienta o usuário sobre como proceder.

O *Michaelis* e o *Larousse* nada mencionam sobre as variedades do espanhol ou sobre seu interesse em divulgar tais variedades.

- Dos dois dicionários monolíngues, o *Moliner* pouco fala sobre os regionalismos, não demonstrando preocupação em registrá-los, ou melhor, não manifestando um maior interesse em aumentar o número de registros de sua primeira versão. Já o *DRAE* manifesta a intenção de abrir espaço a um maior número de variantes linguísticas dos países de fala hispânica. Porém, demonstra claramente a preocupação com a unidade da língua e considera a língua o que mantém os milhões de falantes do espanhol unidos em uma mesma visão do mundo, o que nos parece um tanto utópico. Como se pode verificar:

La Real Academia Española ha querido contribuir a la celebración del V Centenario del descubrimiento de América publicando una nueva edición, la vigésima primera, de su DICCIONARIO usual. Lo hace para cooperar al mantenimiento de la unidad lingüística de los más de trescientos millones de seres humanos que, a un lado y otro del Atlántico, hablan hoy el idioma

nacido hace más de mil años en el solar castellano y se valen de él como instrumento expresivo y conformador de una misma visión del mundo y de la vida. Por eso ha solicitado insistentemente la Academia la cooperación de sus hermanas correspondientes y asociadas para dar mayor cabida en su DICCIONARIO a las peculiaridades léxicas y semánticas vigentes en cada país. Gracias a tal colaboración ha sido posible revisar y enriquecer en la presente edición el contingente americano y filipino. (prefácio)

- Dos dois dicionários bilíngues – *espanhol/inglês* –, o *Collins* nada menciona sobre regionalismos ou sobre algum tipo de preocupação com a variação linguística existente. O *Oxford* manifesta a intenção de fazer valer em seus registros não apenas entradas comuns no espanhol falado na Espanha, mas também na América.

3.3 Comparação das entradas

Em todas as obras analisadas foram vistas as entradas de A até Aguz. de M até Maz. e de Re até Rez. Se desconsiderou na pesquisa entradas como esta, do DUE:

macagüita.

*Palmera de Venezuela, de corteza obscura con manchas blanquecinas, cuyo fruto, llamado del mismo modo, es un coquillo casi negro con pintas semejantes a las de la corteza. (N. botánico, «*Aeria attenuata*».)

Não o consideraremos por não haver modo de afirmar que se trata de um regionalismo. É natural da Venezuela, mas pode ser que seja conhecida por este nome em outros lugares. É diferente deste caso:

repo.

(Chile; «*Ramphithamnus cyanocarpus*»). Arbusto verbenáceo, parecido al arrayán, que llega a alcanzar hasta 6 metros de altura, con espinas

largas y agudas en las axilas de las hojas y flores solitarias moradas; su madera es tan dura que los indios la empleaban para encender fuego frotando un trozo con otro.
(V. «*planta».)

Nesta parte da análise se observou como agem os lexicógrafos em relação ao modo como registram suas entradas. No caso específico dos regionalismos se percebeu quanto à marca de uso que esta aparecia depois da acepção, antes da acepção, dentro da acepção ou com indicação da língua de origem, no caso das expressões não naturais ao espanhol, estas foram desconsideradas na pesquisa. Observou-se que as marcas podem aparecer representando o país em questão – *Arg.* (Argentina), *Urug.* (Uruguai), *Esp.* (Espanha), etc., ou representando regiões, como Andes, Rio de la Plata, como um Americanismo (*Amer.*), etc. Também nesta parte do trabalho se registrou a quantidade de entradas identificadas com alguma marca que configure o vocábulo como um regionalismo Americano. Marcas de uso referentes a outros países foram desconsideradas.

É importante salientar que somente se considerou na contagem a entrada, pois vários são os casos em que uma entrada tem várias acepções regionalistas diferentes. Vejamos caso a caso os dicionários analisados:

BILINGUES - PORTUGUÊS ↔ ESPANHOL

GLOBO

O dicionário Globo, uma publicação nacional de mais de 90 mil entradas, traz:

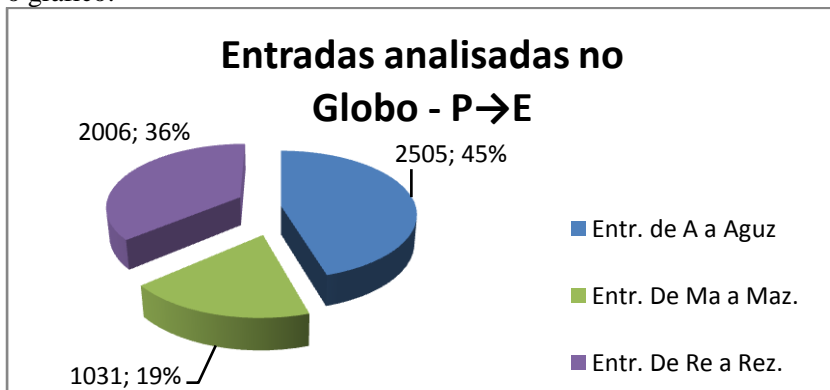
1- Sentido Português→espanhol:

Dos 5.542 casos analisados, 73 são regionalismos americanos, sendo que de A até Aguz. não aparece nenhuma destas marcas.

Surpreendentemente aparecem neste sentido da obra cerca de 302 brasileirismos (não considerados nesta pesquisa), alguns especificados como de determinada região outros tidos como nacionais, apresentados sempre antes da acepção. Exemplo:

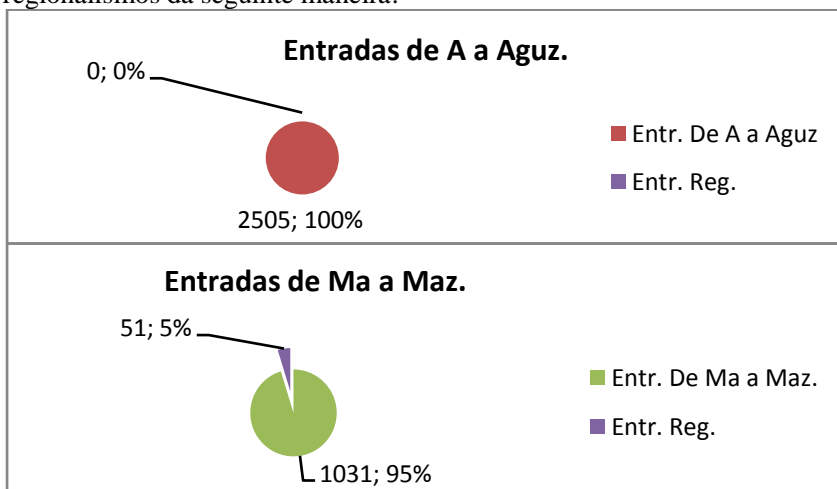
Abalonado, da. *Adj. Bras.* De forma de globo aerostático. Hinchado, túmido.

Abusado, da *adj. Bras.nort.* aburrido, fastidioso; entremetido. Vejamos o gráfico:



Graf. 1 - 5542 entradas analisadas.

O Globo, nesta parte do dicionário, se comporta em relação aos regionalismos da seguinte maneira:





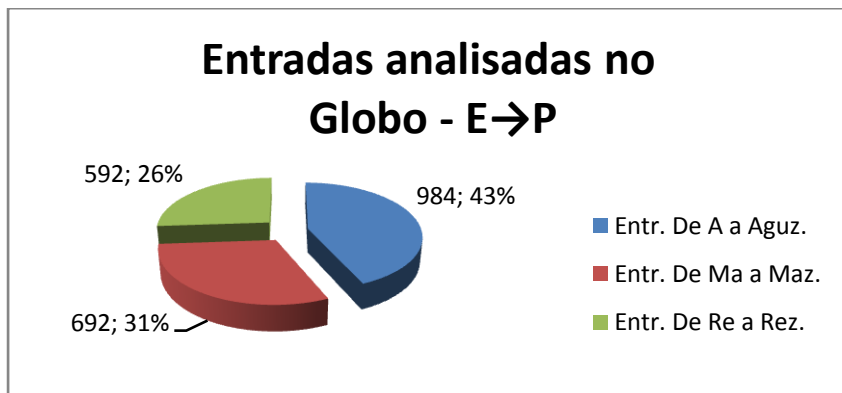
Graf. 2 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Globo P→E.

Sobre a parte analisada podemos dizer que:

- Não foram encontradas marcas de regionalismos espanhóis .
- Das entradas americanas, poucas são referentes à fauna e à flora.
- O número de regionalismos encontrados é baixo, tendo como média apenas 2% dos casos. Vale salientar que no primeiro bloco (A. a Aguz.) não se encontrou nenhum regionalismo americano e que no último bloco (Re. a Rez.) somente 1% das entradas analisadas apresentam regionalismos. É importante sempre ter em mente o sentido analisado.

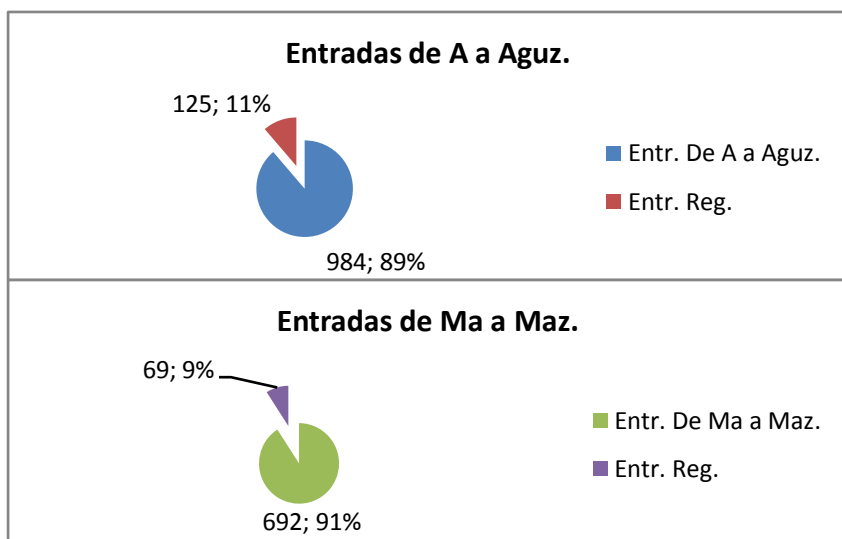
2- Sentido Espanhol→português:

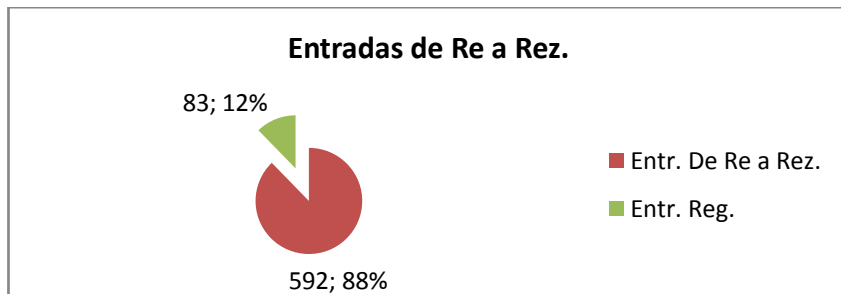
Dos 2.268 casos analisados, são regionalismos 277 entradas. Ou seja, apesar de ter por volta da metade das entradas da parte P→E, a parte aqui analisada apresenta mais de 3 vezes a sua quantidade de entradas regionalistas. Vejamos o gráfico:



Gráf. 3 - 2268 entradas analisadas.

Vejamos também os percentuais encontrados nesta parte:





Graf. 4– percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Globo E→P.

Nesta parte do dicionário, das 2268 entradas analisadas, há 277 casos de Americanismos, alguns especificando a que país pertencem. Observamos que há casos em que a marca de uso é interna, porém, na maioria, constatou-se que as marcas precedem a aceção. Exemplo:

Abajeño, a – *adj. Amer.* Pertencente ou relativo às terras baixas, procedente delas.

Abarrajarse- *v. pron. AMER. Chil. e Per.* entregar-se à libertinagem. Tropeçar e cair ao correr [...]

Aceptabilidad – *s.f.* Aceitabilidade. *Usa-se mais freqüentemente na América.*

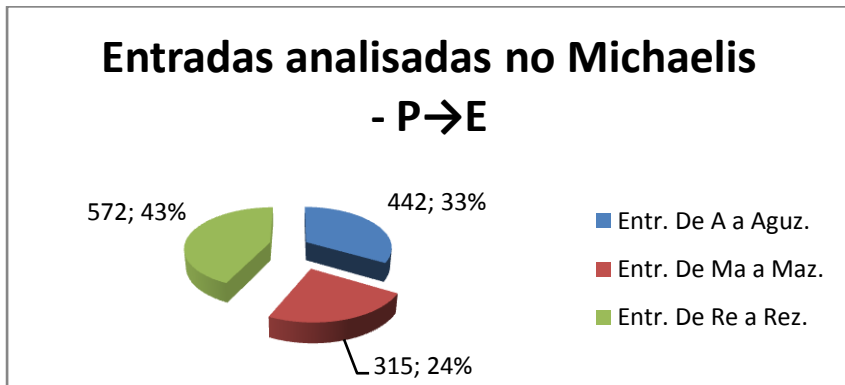
Pudemos observar ainda que:

- São escassas as marcas de espanholismos.
- Das entradas americanas, poucas são referentes à fauna e à flora.
- A média de regionalismos aumenta em relação à primeira parte do dicionário (P→E), passando de 2% para mais de 10% nesta parte analisada (E→P), apesar de ser menor o número de entradas.

DICIONÁRIO ESCOLAR MICHAELIS

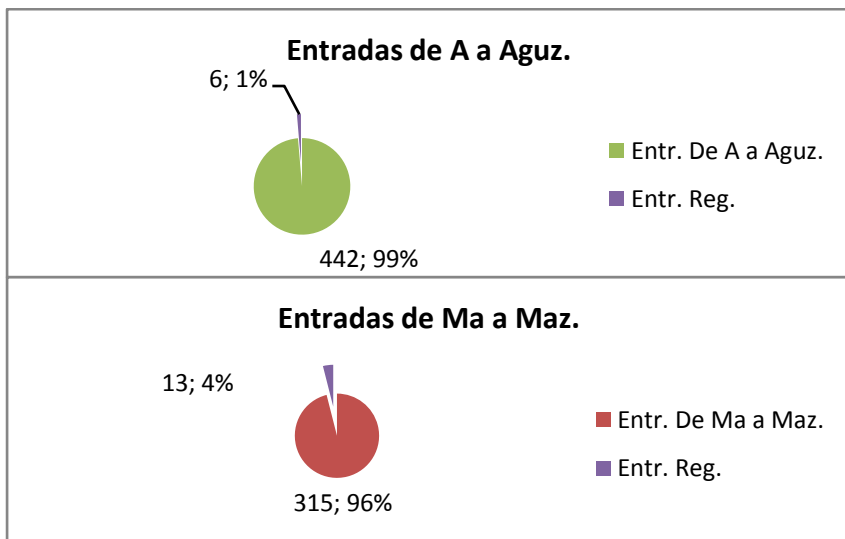
1 - Sentido Português→espanhol.

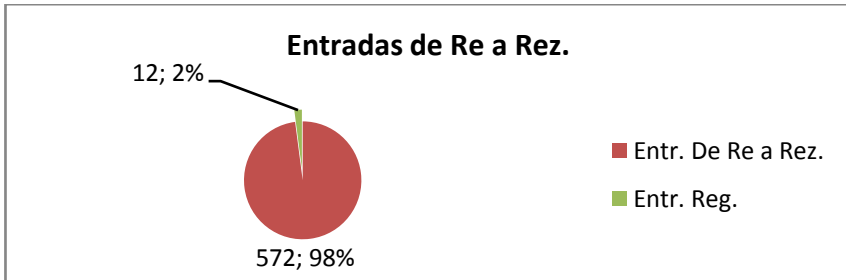
O Michaelis traz em sua totalidade:



Gráf. 5 - 1329 entradas analisadas.

Na parte analisada, vejamos os percentuais:





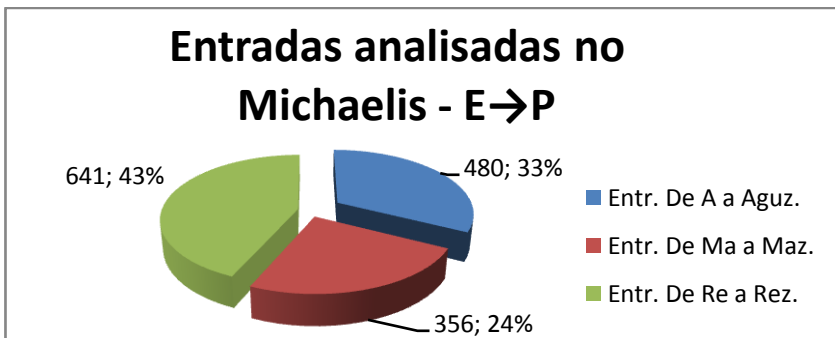
Graf. 6 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Michaelis P→E.

Das 1.329 entradas analisadas, 31 são regionalismos americanos. Raramente aparecem espanholismos e poucas entradas são relativas à fauna e à flora. Dentre as formas de apresentação da acepção regionalista, se observou que geralmente a marca de uso a precedia.

A média de entradas regionalistas é de 5%, porém, do primeiro ao último bloco analisados, a diferença existente é de 11%.

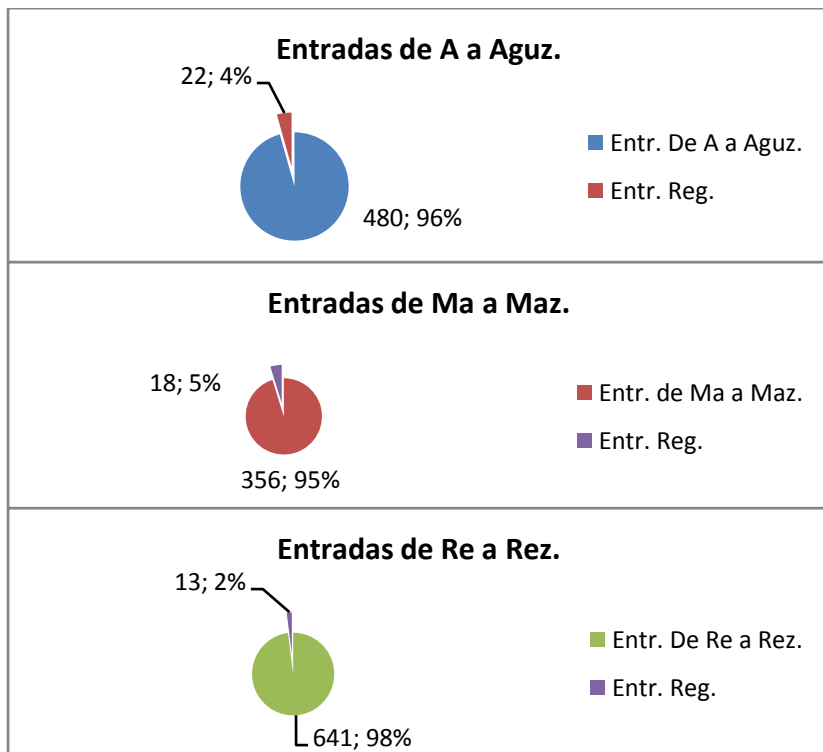
2 - Sentido Espanhol→Português.

Nesta parte do dicionário, o Michaelis traz:



Gráf. 7 - 1477 entradas analisadas.

Vejamos a quantidade de regionalismos encontrados:



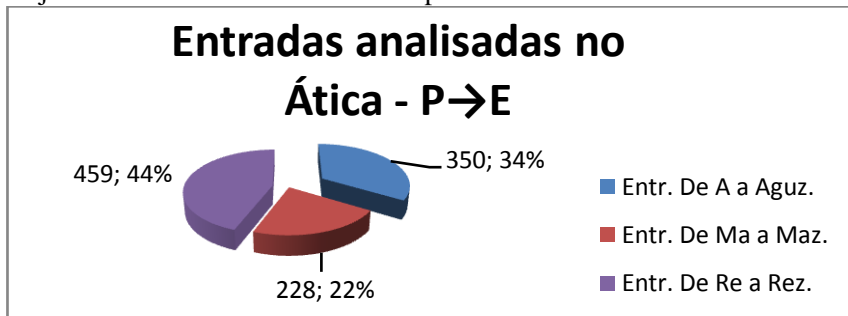
Graf. 8 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Michaelis E→P.

Das 1.477 entradas analisadas, aproximadamente 53 são regionalismos, onde geralmente a marca de uso precede a aceção regionalista. Assim como acontece na primeira parte do dicionário, poucas entradas tem o registro de fauna e flora e são raros os espanholismos. A media de entradas cai, se aproximando aos 4%, porém não há uma desigualdade tão grande entre um bloco e outro.

ÁTICA

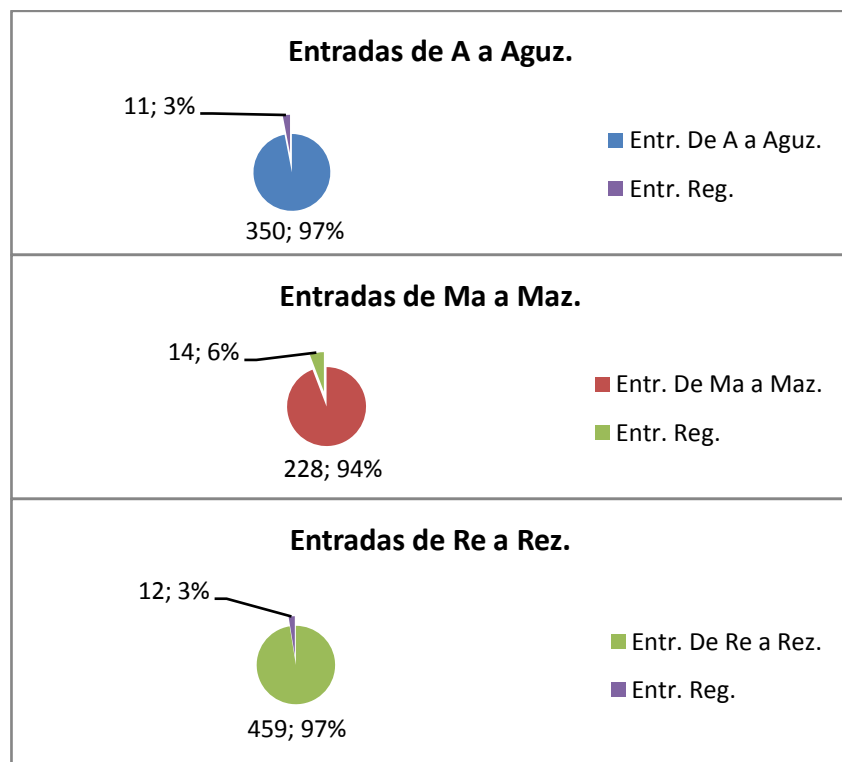
1 - Sentido português→espanhol:

Vejamos os dados encontrados nesta parte do dicionário:



Gráf. 9 - 1037 entradas analisadas.

Vejamos os percentuais encontrados:



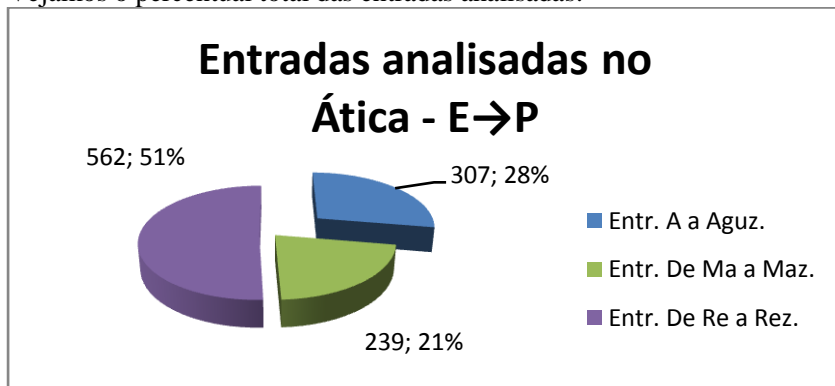
Graf. 10 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Ática P→E.

Das 1.037 entradas estudadas, 37 são regionalismos. Os regionalismos foram apresentados de diferentes formas, a mais comum tem a seguinte característica: em uma mesma acepção (normalmente a primeira) se apresenta a definição mais ‘geral’, e posteriormente, antecedida pela marca de uso de determinado país ou região apresenta a definição ‘regionalista’. E, se for o caso, traz outras acepções em seguida.

A media de regionalismos é pequena, mais de 4%, sendo que o bloco de Ma a Mas apresenta 3% a mais que os outros blocos. Também observou-se que o número de espanholismos é praticamente inexistente, e que são escassas as entradas com a marca fauna ou flora.

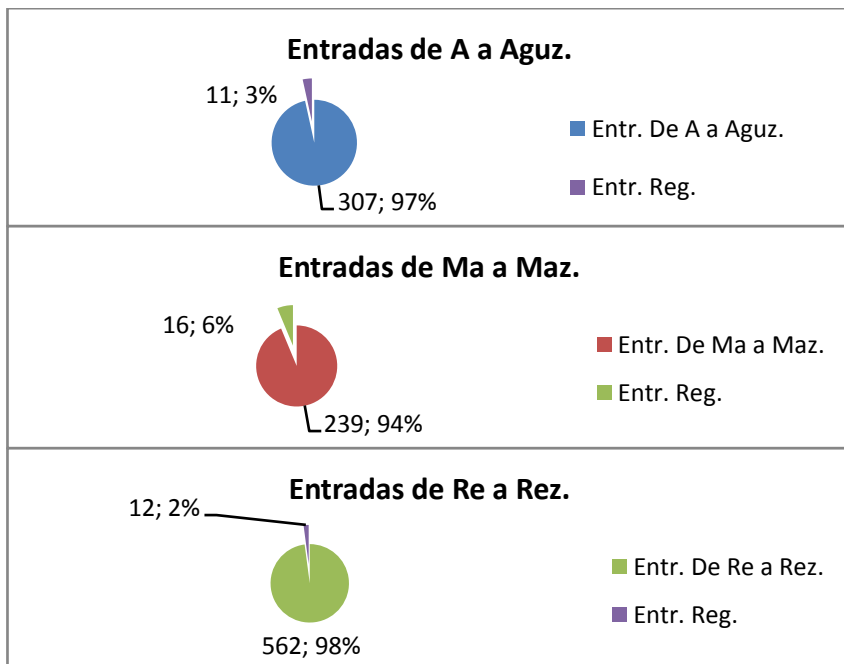
2- Sentido Espanhol→português

Vejamos o percentual total das entradas analisadas:



Gráf. 11 - 1108 entradas analisadas.

Do total analisado, vejamos quantos regionalismos aparecem:



Graf. 12 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Ática E→P.

Em 1.108 entradas analisadas, 39 são regionalismos. Os regionalismos foram apresentados geralmente antes da acepção, por exemplo:

“**abarrotos** *s.m. Pl. Amer.* Comestíveis e gêneros de primeira necessidade [...] (5 verb 4 subst 2 adj. E 1 adv. Todos de uso bastante variado.)”

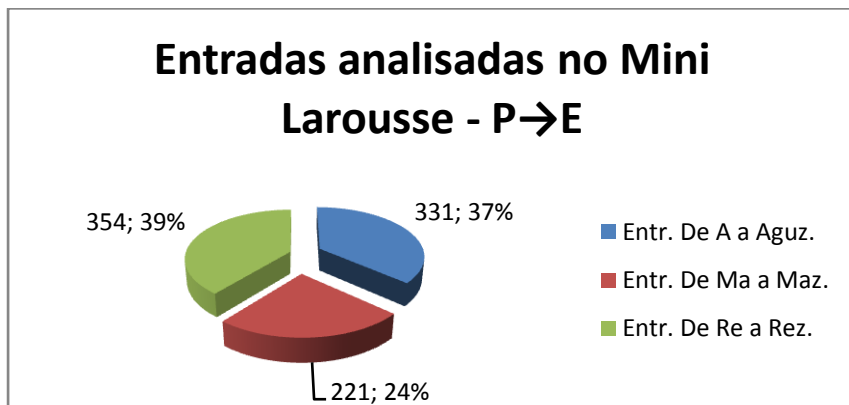
A média de regionalismos é de pouco mais de 3%, sendo que o último bloco é o que mais entradas analisadas tem, mais de 200 a mais que os outros, e o que tem o menor percentual, somente 2%.

Assim como em outros casos analisados, nesta parte do Michaelis encontramos poucos e raros espanholismos e poucas entradas com a marca fauna e flora.

MINI LAROUSSE

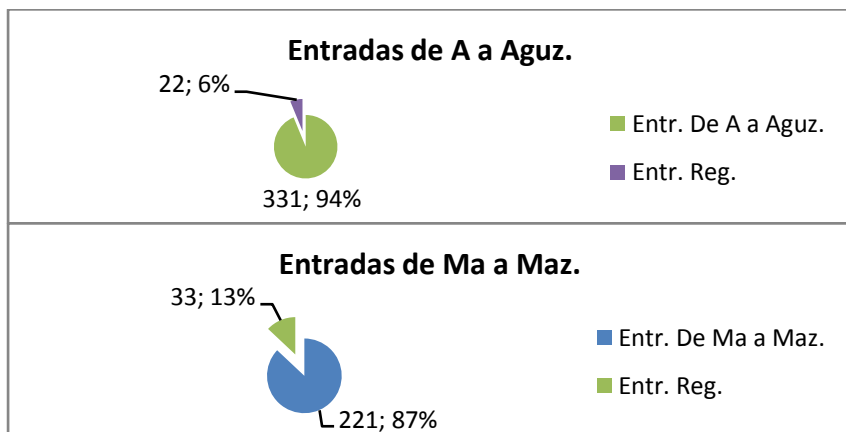
1 – Sentido Português→espanhol

O Mini Larousse, na primeira parte analisada traz:



Gráf. 13 - 906 entradas analisadas.

Das entradas analisadas, vejamos quantos regionalismos aparecem:





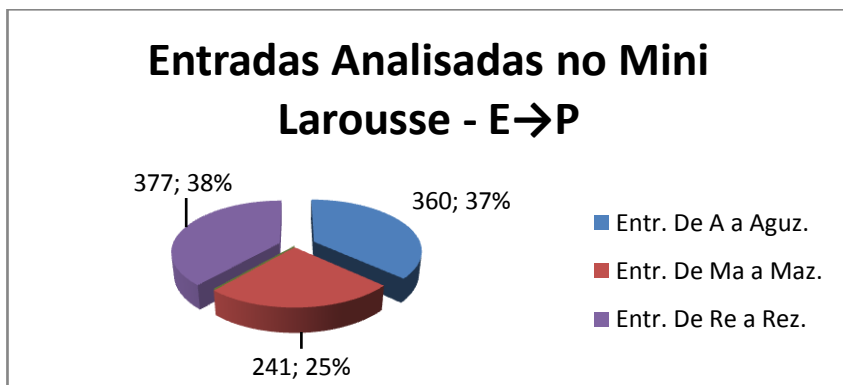
Graf. 14 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Mini Larousse P→E.

Das 906 entradas analisadas, 84 são regionalismos. Na maioria dos casos, a marca de uso regional aparece ao final da acepção, por exemplo: **Acender** VT encender, prender *Amér*.

Nesta parte deste dicionário, as médias de regionalismos encontradas nos blocos analisados são relativamente boas, são de 13%. O número de entradas em cada bloco não é tão elevado se comparado a outros casos e não difere tanto de bloco a bloco.

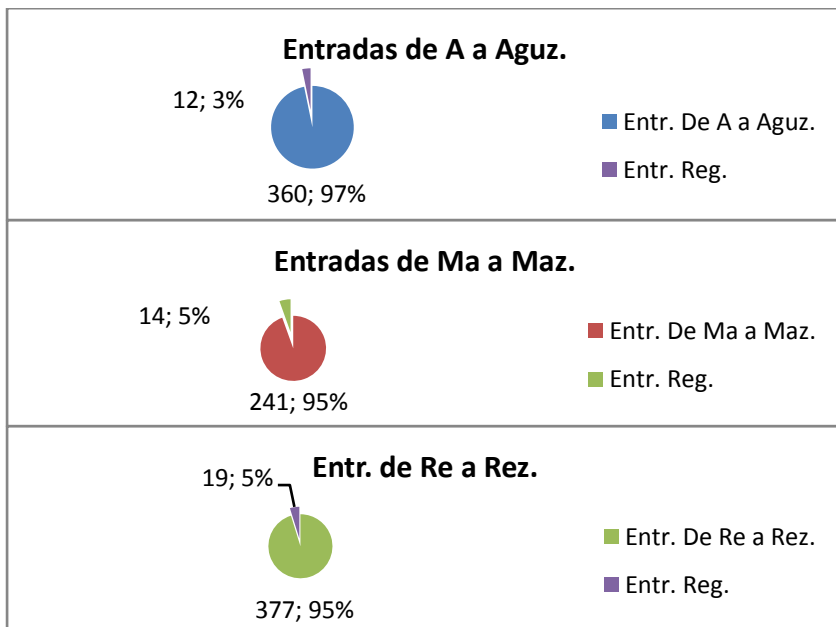
Observamos que, da mesma forma que nos outros dicionários, este também apresenta escassos espanholismos e poucas entradas de fauna e flora.

2 – Sentido Espanhol→Português:



Gráf. 15 - 978 entradas analisadas.

Vejamos os percentuais encontrados:



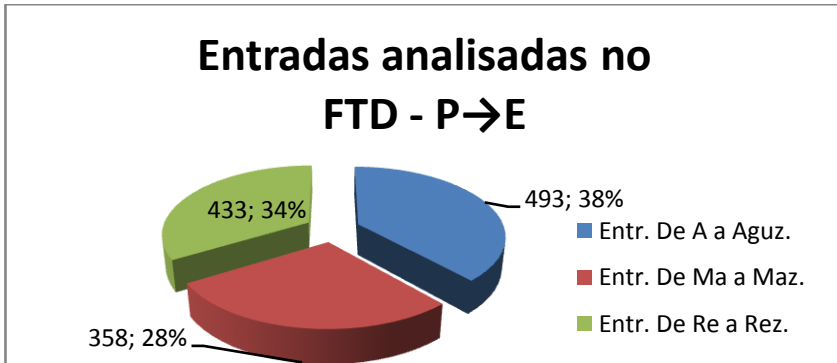
Graf. 16 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Mini Larousse E→P.

Das 978 entradas analisadas, 45 são regionalismos, dos quais geralmente a marca de uso aparece ao começo da aceção, por exemplo: **Afiche** m *Amér.* Cartaz m.

A média de regionalismos encontrados por bloco é baixa, pouco mais 4%, sendo que o segundo bloco é o que menos entradas apresenta, apesar de, proporcionalmente, ter o maior percentual de regionalismos. Observou-se também que o número de espanholismos é praticamente nulo e que são poucas as entradas com aceção regionalista que tenham marca de uso de fauna e flora, da mesma forma que ocorre nos outros dicionários.

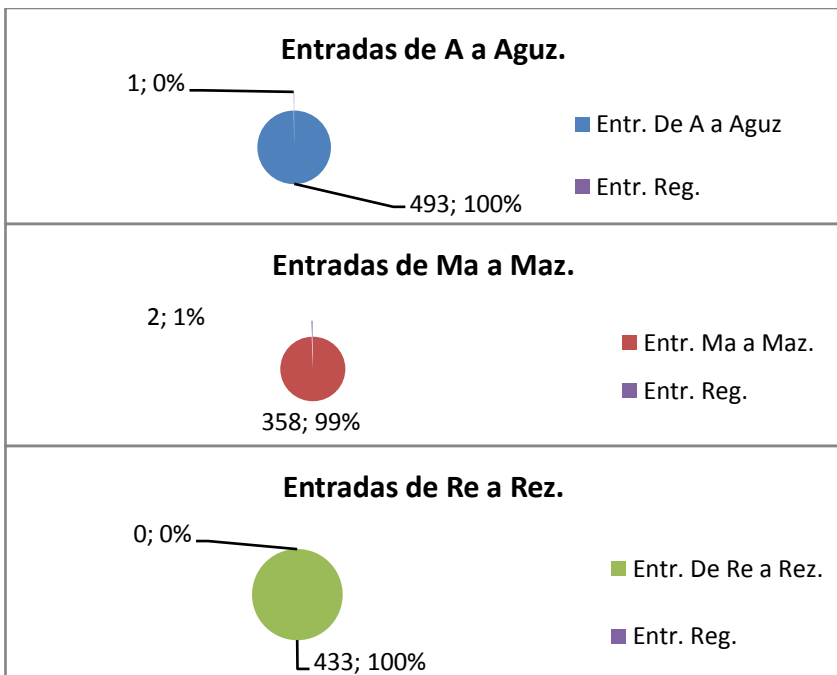
FTD

1 - Sentido Português-espanhol



Gráf. 17 - 1284 entradas analisadas.

Observemos as entradas regionalistas encontradas:

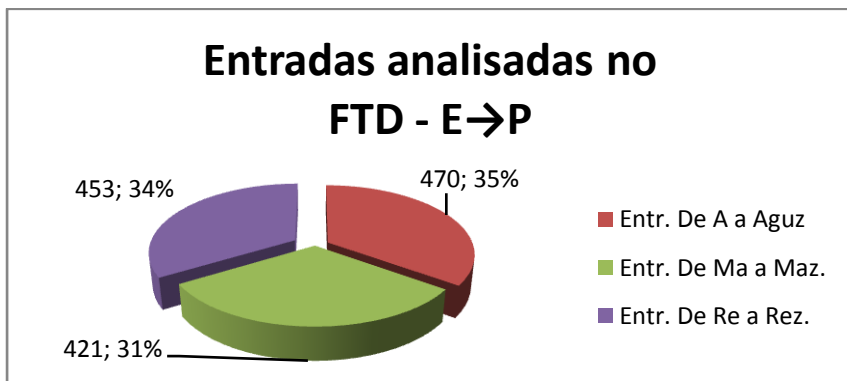


Gráf. 18 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do FTD P→E.

Este é um dos dicionários bilíngues brasileiros que traz mais entradas dentre as pesquisadas e aquel em que menos regionalismos aparecem. Das 1.284 entradas analisadas, apresenta somente 03 regionalismos, com a marca de uso também antes da acepção. Exemplo: **Agorinha**, *adv.*, *Amér.*, ahorita, ahora mismo.

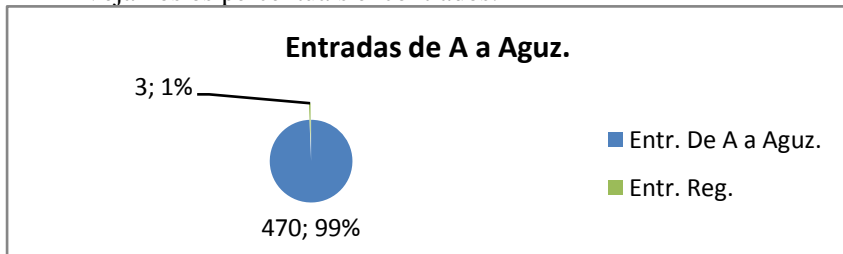
Com um número tão baixo de entradas pouco se pode analisar. No primeiro bloco somente encontramos 1 regionalismo, no segundo encontramos 2 e no terceiro nenhum. Como visto nos outros dicionários, são escassos os espanholismos e nenhuma das acepções traz a marca de fauna e flora.

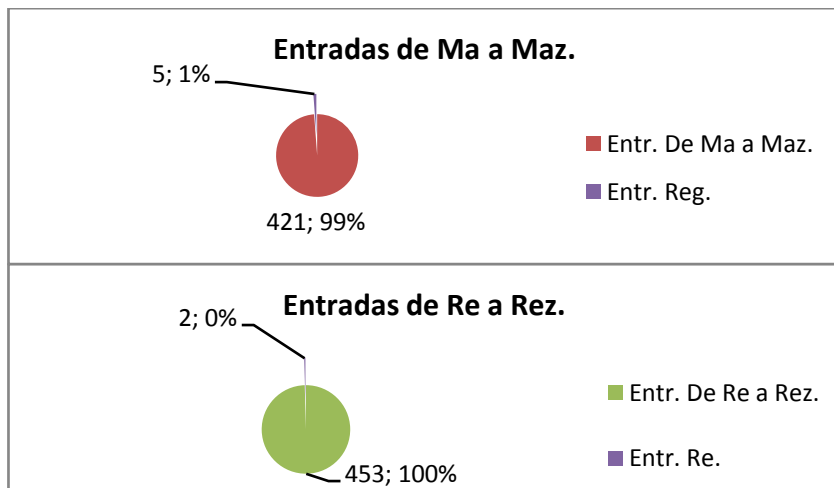
2- Sentido Espanhol→português:



Gráf. 19 - 1344 entradas analisadas.

Vejamos os percentuais encontrados:





Graf. 20 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do FTD E→P.

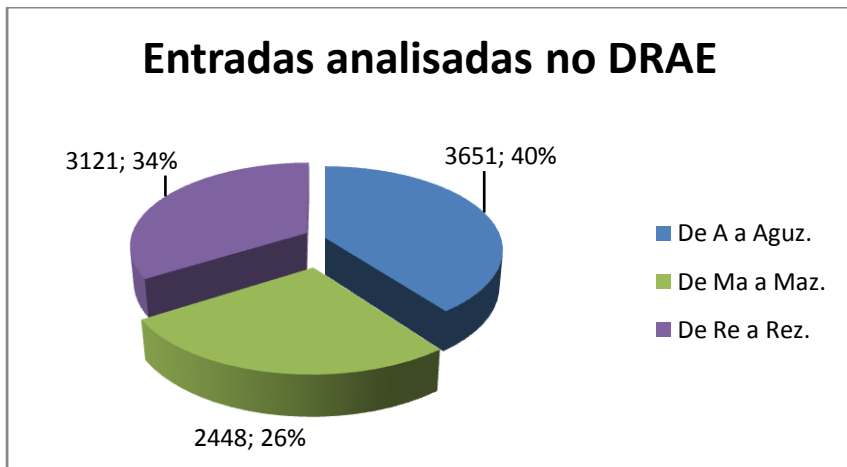
Nesta parte, o FTD apresenta mais regionalismos que na primeira. Das 1.344 entradas estudadas, traz 10 americanismos, nos quais a marca de uso aparece antes da acepção. Exemplo: **Agarrón**, *s.m.*, *agarrão* // *Amér* briga, confusão, disputa.

A média de regionalismos, mesmo assim, é baixa, inferior a 1%. Também verificou-se que não aparecem espanholismos e que entradas com fauna e flora como marca de uso são escassas.

MONOLINGUES

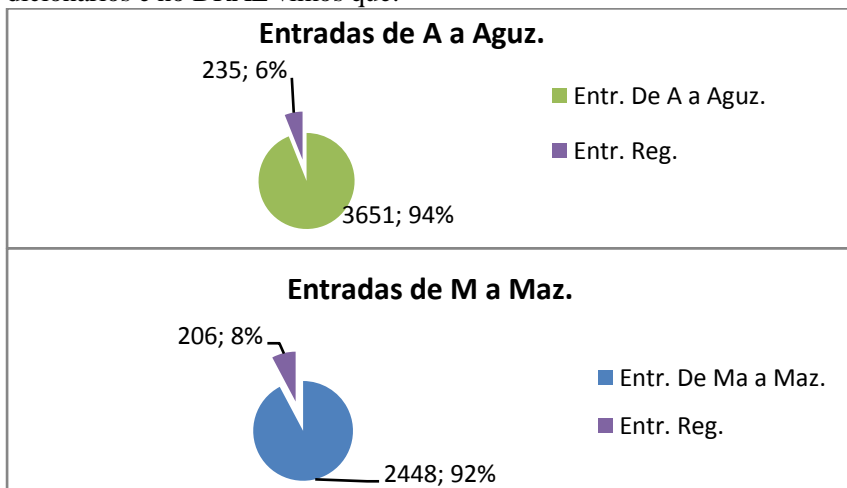
DRAE

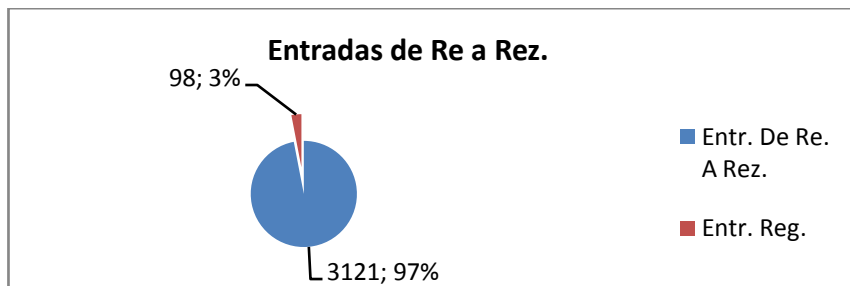
O *DRAE* traz, das cerca de 9.220 entradas analisadas, aproximadamente 539 regionalismos americanos. Observando-se mais atentamente nos fragmentos analisados verificamos que:



Graf. 21 - 9220 entradas analisadas.

Do montante total de entradas analisadas, procuramos observar o percentual de americanismos encontrado em cada bloco analisado, de A a Aguz., de M a Maz. e de Re a Rez. Observamos isso em todos os dicionários e no DRAE vimos que:





Graf. 22 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Drae.

De um modo geral vemos que:

- Há um número elevado de entradas que traz falas regionais da Espanha, as quais foram desconsideradas por nós na pesquisa.
- Das entradas americanas, diferentemente das da Espanha, há um número considerável referente à fauna e à flora.
- O número de regionalismos encontrados é relativamente baixo, beirando uma média de 6% do total.
- É bastante comum uma entrada com várias acepções regionais, de diferentes países ou não, em um único verbete.

Observamos nesta análise que a *Real Academia Espanhola* trata os regionalismos de várias maneiras:

<i>DRAE</i>		
<p>a) Marca de uso depois da aceção: “aborrir. Del lat. abhorrere. tr. ant. aborrecer. <u>Ú.</u> <u>en Salamanca.</u> (usa-se em Salamanca)”*</p>	<p>b) Marca de uso antes da aceção. - Como se pode observar, este é o modo mais usado pela academia. “ aborlonado, da. De a-1 y borlón. 1. adj. <u>Col., Chile y</u></p>	<p>c) Indicador da língua de origem. ** “aca. <u>Del quechua aka.</u> f. NO. Argent. Excremento.”</p>

* De acordo à nossa análise, este caso é o mais raro.

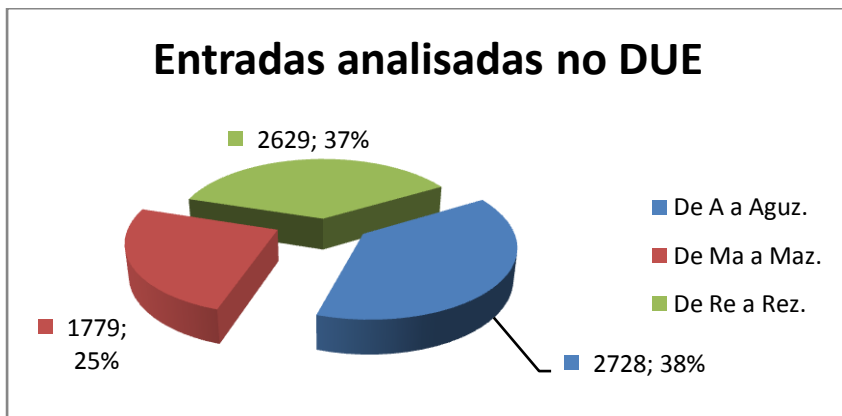
** Neste caso aparece a origem da palavra, “del quéchua aka”, o que indica uma procedência, ou seja, da região anteriormente povoada pelos incas, falantes do quéchua. Em seguida aparece uma aceção que traz a marca de uso: Argentina.

	<u>Ecuad.</u> "acanillado."	
--	--------------------------------	--

Tab. 2 – Diferentes registros dos regionalismos no DRAE.

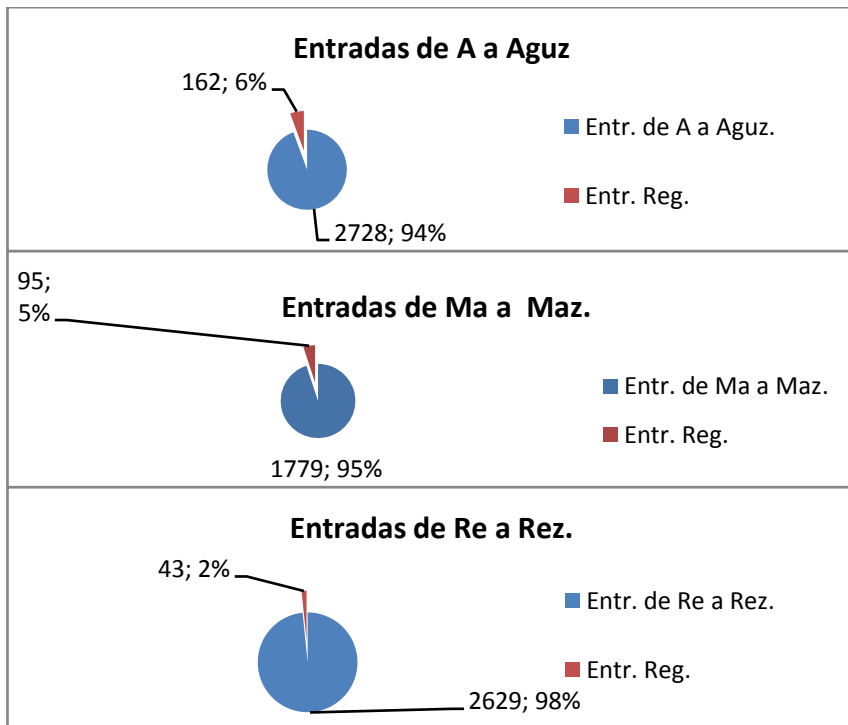
MARIA MOLINER (DUE)

Na parte analisada, 7.136 entradas, encontramos 300 entradas com marcas regionalistas. Observamos que, diferentemente do *DRAE*, o *DUE* contém um número menor de espanholismos na parte analisada. Também na parte de regionalismos, observamos que o *DUE* traz primeiro a marca de uso e depois a especificação da classe de palavra à qual pertence a entrada. O *DRAE* faz o oposto. Vejamos em números os dados do DUE:



Graf. 23 - 7130 entradas analisadas.

Dos três blocos analisados do DUE, observamos o seguinte:



Graf. 24 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do DUE.

Diferentemente do DRAE, dos pontos destacáveis observamos que:

- Aparecem regionalismos da Espanha, mas em menor escala se comparado com o DRAE.
- O número de regionalismos encontrados é baixo, pouco mais de 4%.
- São poucas as entradas americanas referentes à fauna e à flora, o tema mostrou-se mais variado. Das poucas marcas de fauna e flora encontradas, taxadas como regionalismo ou não, sempre se tratavam de marcas relativas a países de fala hispânica.
- Sobre a quantidade de acepções regionais em cada entrada, o DUE se comportou de modo similar ao DRAE.

O *DUE* trata os regionalismos de diferentes modos em suas entradas:

<i>DUE</i>		
<p>a) Depois da entrada “<u>agualotal</u> (<u>C. Rica, Hond., Nic.</u>) - m. <i>Aguazal, pantano.</i>”</p>	<p>b) Dentro da aceção “abacá (de or. tagalo; <i>Musa textilis</i>) m. *Planta musácea tropical, variedade de plátano, de cuya fibra, llamada del mismo modo y también «cáñamo de Manila», se hacen *telas llamadas también «nipa», y, <u>en Filipinas</u>, «sina may», que se emplean como esteras y para cubrir las techumbres, y las más finas para tejer el «nipis». Ô Nipa. Ð Medriñaque, pácul, saja.”</p>	<p>c) Indicador da língua de origem.* “aguacate (del nahua «ahuacatl») (<i>Persea americana</i>) m. Árbol lauráceo de América que da un fruto comestible de forma ovalada, con corteza verde como tallada en pequeñas caras, el cual se llama del mismo modo. Ô Aguacatillo. Ð Palta. <i>Esmeralda de forma semejante a la del fruto del aguacate.</i> (<u>Guat.</u>) <u>Persona poco animosa.</u>”</p>

Tab. 3 – Diferentes registros dos regionalismos no DUE.

BILINGUES – ESPAÑOL ↔ INGLÊS:

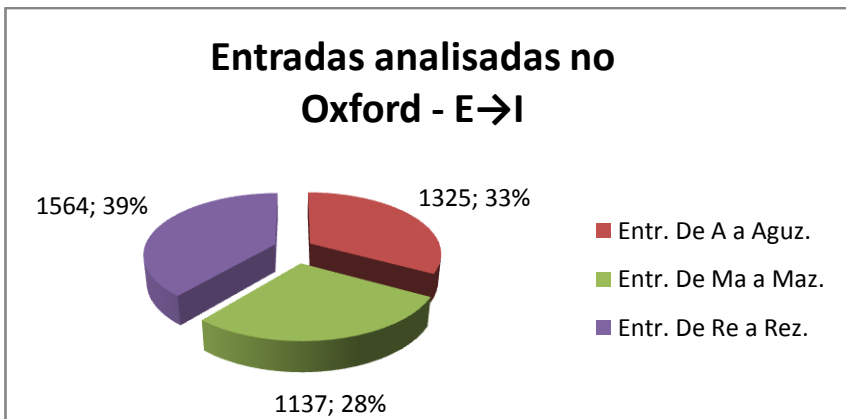
* A informação que vem depois da entrada, no caso ‘del Nahua <<ahuacatl>>’, sugere que seja usada na região que teve contato com o nahua. Confirmando-se na última aceção, que tem a marca Guat., de Guatemala, reduto do nahuatl.

OXFORD

Este dicionário em formato digital será analisado nos dois sentidos.

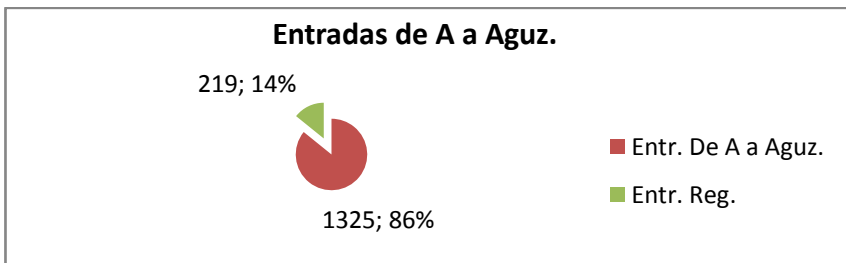
1- Sentido Espanhol →Inglês:

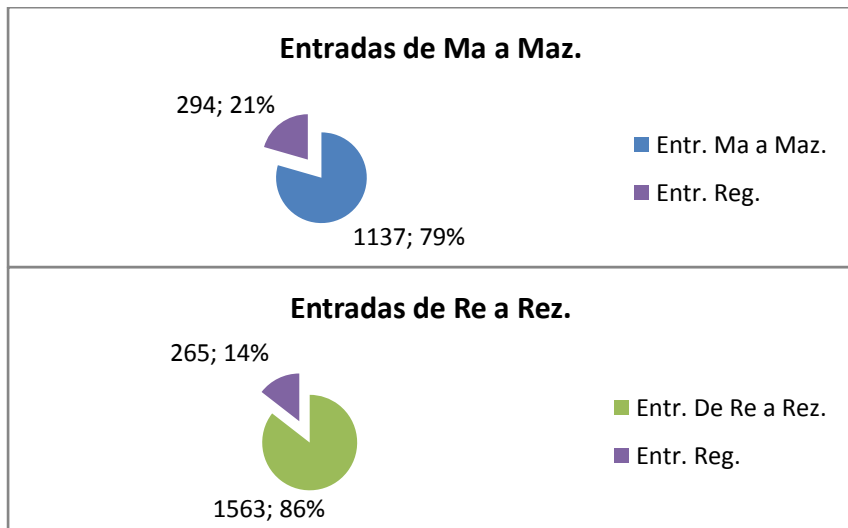
O *OXFORD* traz na parte analisada 4.026 entradas, das quais 778 entradas são regionalismos ou têm uma ou mais acepções regionalistas. Vejamos no gráfico:



Graf. 25 - 4026 entradas analisadas.

Vejamos agora em cada bloco analisado, como o Oxford se comportou:





Graf. 26 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Oxford.

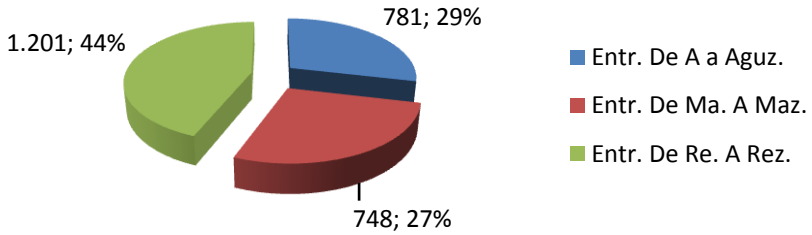
Percebe-se no Oxford que:

- Poucas das entradas que têm uma aceção regionalista são de origem espanhola.
- Dos três blocos, o segundo apresentou mais regionalismos em relação aos demais, com 21% do total. A média geral das entradas analisadas no Oxford é de cerca de 17%.
- Das entradas americanas, uma parte considerável é referente à fauna e flora.

2 – Oxford Sentido Inglês →Espanhol

Na parte do Inglês →Espanhol o Oxford se comportou de maneira diferente da primeira parte analisada:

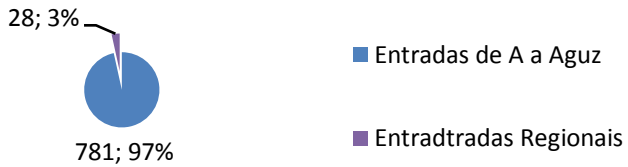
Entradas analizadas no Oxford - I → E



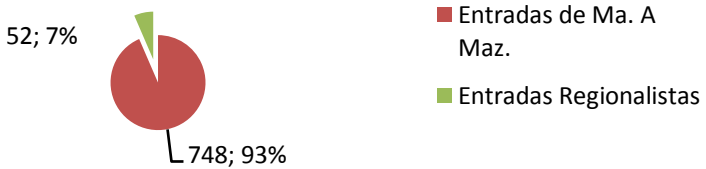
Graf. 27 – 2730 entradas analisadas.

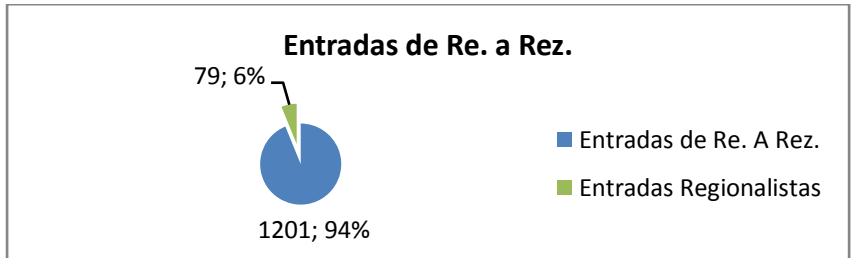
Vejamos cada bloco de entradas analisadas:

Entradas de A a Aguz.



Entradas de Ma. a Maz.





Graf. 28 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Oxford.

Percebe-se neste sentido da obra que no Oxford:

- O número de entradas analisadas dentro de cada bloco pré-determinado (de A a Aguz., Ma. a Maz., e Re. e Rez.) é menor no sentido I→E que no sentido E→I, assim como o número de regionalismos americanos encontrados.
- Poucas das entradas que têm uma acepção regionalista são de origem espanhola.
- Das entradas americanas, poucas são referentes à fauna e flora.

Como vimos também nos dois monolíngues, é bastante no Oxford comum uma entrada com várias acepções regionalistas, inclusive diferentes acepções – de diferentes países – em uma única entrada.

A forma como o *OXFORD* apresenta os regionalismos é a seguinte:

<i>OXFORD</i>	
<p>a) Depois da entrada e da informação gramatical: onde se subentende que a entrada é usada naquele país ou região. Em cada uma das acepções apresentadas, as marcas de uso serão mostradas ao final.</p> <p>aguantador -dora adj (<u>AmL</u>) “1 (fam) (resistente) < tela/ropa</p>	<p>b) Antes da acepção que seja específica de um país ou de uma região, acompanhado do sentido usado naquela região. Ex.:</p> <p>“aguado -da adj 2 (<u>AmC, Méx fam</u>) (aburrido): la fiesta estaba muy aguada the party was very dull (colloq); no seas aguada don't be</p>

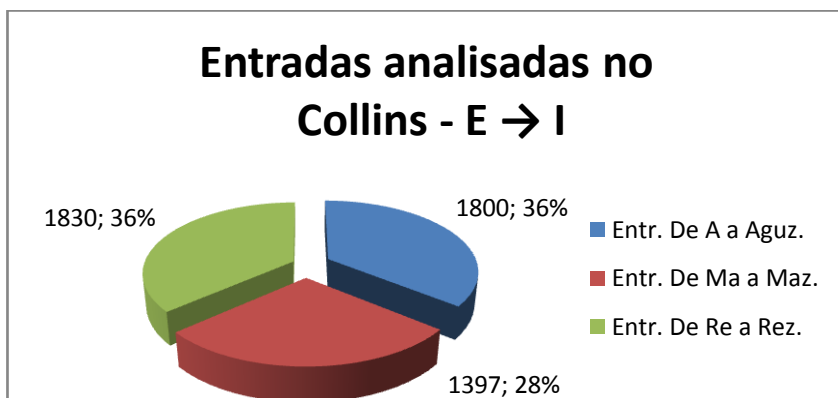
<p>› hard-wearing, tough, long-wearing (AmE); ‹ coche › sturdy; ‹zapatos› hard-wearing, sturdy; un boxeador aguantador a boxer with stamina</p> <p>2 (fam) (paciente, tolerante): no se enoja nunca, es muy aguantador he never gets annoyed, he's very patient o long-suffering o he puts up with a lot (colloq)</p> <p>(fam) (de dolor, sufrimiento) tough (colloq)”</p>	<p>so miserable, don't be such a bore[...]"*</p>
--	--

Tab. 4 – Diferentes registros de regionalismos no Oxford.

COLLINS

1 - Collins Sentido Espanhol → Inglês

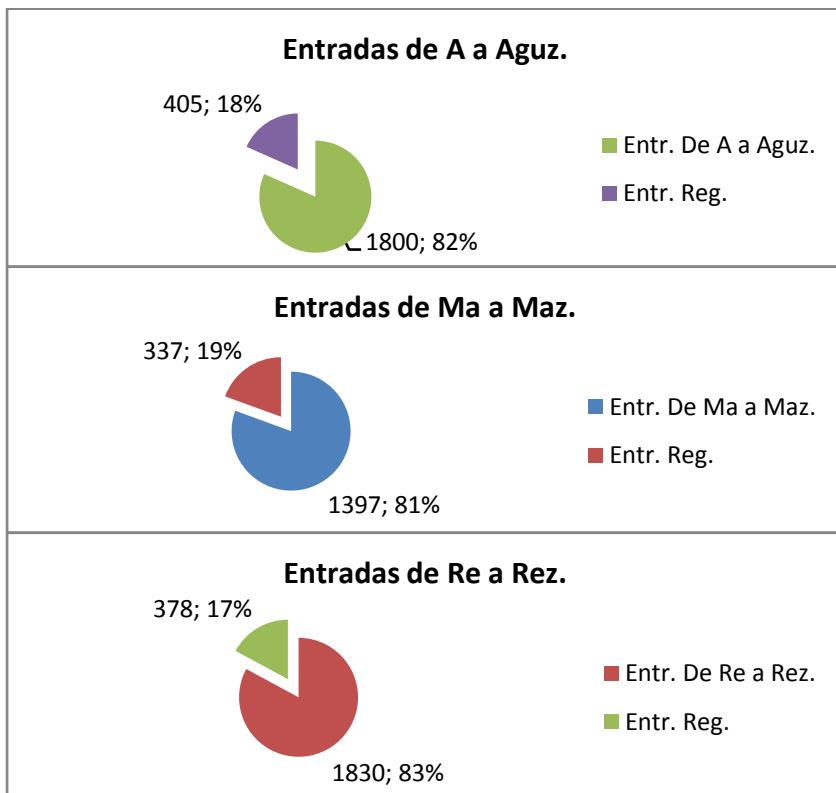
Das 5.027 entradas analisadas nesta parte, 1.120 são regionalismos Americanos. Observemos o gráfico:



Gráf. 29 - 5027 entradas analisadas.

* Como pudemos observar em outros dicionários, é possível encontrar a marca de regionalismo ao final da aceção, depois de eventuais exemplos, como a marca: “usa-se em Salamanca”. Tal forma de marcação não se encontrou neste dicionário

Observemos cada bloco analisado:

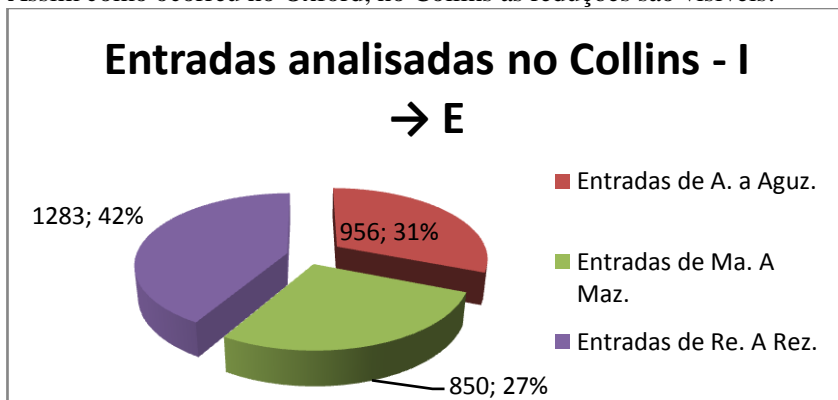


Graf. 30 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Collins.

- Raramente se observam entradas com marca de regionalismo espanhol.
- Das entradas americanas, poucas são referentes à fauna e à flora.
- Dos 4 dicionários até então analisados, o Collins teve a melhor média, 18% de regionalismos, estando os três blocos muito equilibrados.
- Em um primeiro momento a maioria das entradas tem apenas uma acepção regionalista.

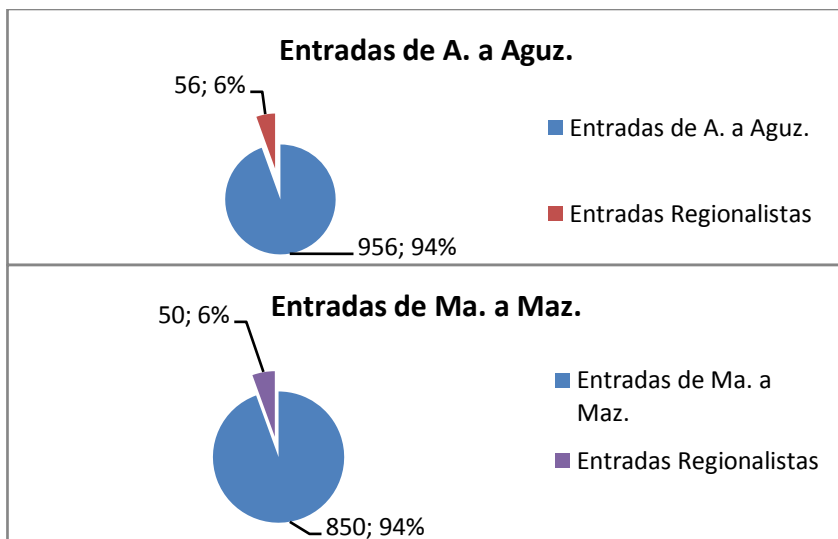
2 – Collins sentido Inglês → Espanhol

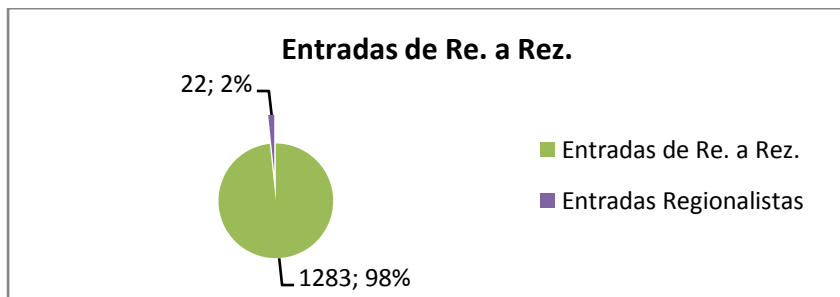
Assim como ocorreu no Oxford, no Collins as reduções são visíveis:



Graf. 31 – 3089 entradas analisadas.

Observemos cada bloco analisado:





Graf. 32 – percentuais de americanismos em cada bloco analisado do Collins.

Percebe-se que no Collins:

- Poucas das entradas que têm uma acepção regionalista são de origem espanhola.
- Como ocorreu no Oxford, o número de entradas analisadas, respeitando-se os blocos pré-determinados, diminuiu consideravelmente.
- Das entradas americanas, poucas se referem à fauna e flora.
- Geralmente a entrada que tem um regionalismo, mostra mais de uma acepção, ou seja, são poucas as entradas que têm apenas a acepção regionalista, normalmente há uma mais geral e outras próprias de determinados países ou regiões.

A forma como o *COLLINS* trata os regionalismos é a seguinte:

<i>COLLINS</i>			
<p>a) Antes da acepção - o que leva a crer que o uso regional é alusivo à referida acepção: “70 Abra¹ sf LAm = <i>claro</i> clearing”</p>	<p>b) depois da entrada - o que leva a crer que o uso regional é referente à entrada “73 Abreboca LAm A adj absent-minded B sm appetizer”</p>	<p>c) depois de uma expressão específica de determinado lugar - “75 abrigada sf, abrigadero sm shelter, windbreak • <u>abrigadero de ladrones Méx den of thieves</u>”</p>	<p>d) junção dos itens a e b: mostrando que a entrada é de determinado lugar e que uma das acepções é de outro lugar. “113</p>

			acaserarse * vpr Andes arcaico to become attached Com to become a regular customer (of a shop = <i>sentar la</i> <i>cabeza</i> to settle down Andes, Caribe = <i>quedarse en</i> <i>casa</i> to stay at home”
--	--	--	--

Tab. 5 – Diferentes registros de regionalismos no Collins.

3.3.1 – Análise comparativa dos dicionários analisados

Dos nove dicionários analisados observou-se que:

- Dos dicionários bilíngues – português ↔ espanhol, o dicionário *Globo*, por tratar-se de um dicionário com um número amplo de entradas, é o que mais apresenta regionalismos, confirmando em parte as informações apresentadas nos textos introdutórios. Porém, apresenta os regionalismos de um modo diferente, na parte português-espanhol apresenta os brasileirismos e na parte espanhol-português os americanismos, não havendo nenhuma ocorrência de espanholismos.

	GLOBO
Nº de entradas analisadas	7810

Nº de regionalismos	350 (4,48%)	
	P→E	E→P
	73 (0,93% do total ou 20,85% dos regionalismos)	277 (4,47% do total ou 79,15% dos regionalismos)

Tab. 6 – Totais analisados no Globo

Na primeira parte, o número de regionalismos americanos é baixo. Já na segunda parte há um número considerável, ficando numa média proporcional comparável aos monolíngues e aos ingleses.

Dos quatro dicionários em versão mini ou escolar, que são o verdadeiro foco da pesquisa, observamos o seguinte:

	MICHAELIS		ÁTICA		LAROUSSE		FTD	
Nº total de entradas analisadas	2806		2145		1884		2628	
Nº total de reg.	84 (2,99% do total)		76 (3,54% do total)		129 (6,84% do total)		13 (0,49% do total)	
Nº total de entradas analisadas por sentido do dic.	P→E	E→P	P→E	E→P	P→E	E→P	P→E	E→P
	1329 (47,3% do total)	1477 (52,7% do total)	1037 (48,3% do total)	1108 (51,7% do total)	906 (48% do total)	978 (52% do total)	1284 (48,8% do total)	1344 (51,2% do total)
Nº total de reg. por sentido do dic.	53	31	39	37	45	84	10	03
% em rel. aos reg.	63,1%	36,9 %	51,3%	48,7%	34,8%	65,1%	76,9%	23,1%
% em rel. ao total	1,88%	1,10%	1,81%	1,72%	2,38%	4,45%	0,38%	0,11%

Tab. 7 – Totais analisados nos bilíngües

O *Michaelis* é o que mais entradas apresentou na soma dos três blocos analisados, nos dois setidos, porém, é o segundo que mais regionalismos traz. Como nos textos introdutórios os autores pouco mencionam o tema, podemos dizer que está dentro do esperado.

O *Ática* apresenta poucos regionalismos, geralmente os mais conhecidos e divulgados quando se fala nas variedades lexicais do espanhol, comprovando o que havia sido afirmado em seus textos introdutórios. Este é o terceiro dicionário que mais traz regionalismos e o terceiro em número de entradas nos blocos analisados.

O *Mini Larousse* é o dicionário que menos entradas traz, na parte analisada, e é o que mais regionalismos apresenta. Com isso confirma o que seus textos introdutórios dizem.

O *FTD* mostra-se o oposto do *Mini Larousse*. É o segundo que mais entradas apresenta, na parte analisada, e o que menos entradas regionais traz, somando apenas 13 entradas, apesar das informações desconstruídas dos textos introdutórios sobre o uso ou não dos regionalismos.

Outro fator interessante foi observar que na maioria dos dicionários bilíngües brasileiros pouco aparece a marca “espanholismo”. Podemos depreender disso o fato de que tais obras têm como variedade padrão a variedade espanhola, da Espanha, e como tais palavras são comuns a esta variedade, não merecem marca. Se usa marca para o que foge à regra, para aquilo que não provém da “variedade padrão”.

- Dos dois dicionários monolíngües, o *DRAE* confirma o que diz na introdução e traz o maior número de regionalismos, quase o dobro do *Moliner*, apesar do grande número de espanholismos. Na soma dos três blocos analisados, o *DRAE* traz mais entradas que qualquer um dos dicionários analisados. Claro que precisa-se considerar o fato de o *DRAE* ter como objetivo incorporar sempre mais americanismos e o fato de o *DUE* ser um dicionário de uso e não normativo como o *DRAE*, e de não ter tido tantas atualizações como o primeiro.
- Dos dois dicionários bilíngües – espanhol - inglês – o *Collins* traz quase o dobro de regionalismos do *Oxford*, indo contra o que dizem seus autores nos textos introdutórios.

Dicionários Monolíngües	Dicionários Bilíngües Ingleses
------------------------------------	---------------------------------------

	DRAE	DUE	Oxford		Collins	
Nº total de entradas analisadas	9220	7136	6756		8106	
Nº total de reg.	539 (5,84% do total)	300 (4,20% do total)	937 (13,8% do total)		1248 (15,39% do total)	
	--	--	E→I	I→E	E→I	I→E
Nº total de entradas analisadas por sentido do dic.	9220 (100%)	7136 (100%)	4026 (59,6%)	2730 (40,4%)	5027 (62,01%)	3089 (37,99%)
Nº total de regionalismos por sentido do dic.	539	300	778	159	1120	128
% por sentido em rel. aos reg.	--	--	83,03%	16,97%	89,74%	10,26%
%por sentido em rel. ao total	5,84%	4,20%	11,51%	2,35%	13,81%	1,57%

Tab. 8– Totais analisados nos dic. mon. espanhóis e nos bilíngues ingleses

- Somando-se as entradas analisadas do Oxford e do Collins temos praticamente a metade das entradas do DRAE e do DUE juntos, porém, os bilíngues ingleses trazem juntos mais que o dobro de regionalismos que os dicionários espanhóis. Fato interessante, pois seria de se imaginar que os monolíngues apresentassem mais regionalismos que os bilíngues.

3.3.2 Comentários sobre os bilíngues brasileiros

Os quatro dicionários brasileiros seguem formas diferentes de registrar os verbetes. Alguns ainda têm a ordem alfabética antiga, anterior a 1996, ou seja, considerando o CH e o LL ainda como letras e não como dígrafos. É o caso do *Ática* e do *FTD*. Alguns dicionários dividem em entradas e subentradas cada verbete, em especial o *mini Larousse*, os demais geralmente trazem cada verbete separados, como uma nova entrada. Alguns dicionários trazem várias acepções, outros, como o *FTD*, são pobres neste sentido. Em relação ao uso de exemplos, o *Ática* se mostrou o melhor e o *Michaelis* foi o único que trouxe a transcrição fonética nos dois sentidos do dicionário, dos outros três, nenhum apresentou a transcrição em nenhum sentido.

Em relação aos regionalismos encontrados, observamos vários pontos:

- Alguns verbetes recebem a marca regional em um dicionário e em outro(s) com a mesma definição a marca regional não aparece, por exemplo, a palavra *adoquin*, que na sexta acepção do *Michaelis* aparece com a marca de uso AL (América Latina), significando *ignorante*. Ela aparece nos outros 3 dicionários sem a marca de uso regionalista, com outra definição aparecendo somente na segunda acepção do *FTD* com um sinônimo de *ignorante*. Em vários casos a acepção trazida no outro dicionário é um sinônimo, com ou sem marca de uso regional.
- Muitas das entradas aparecem em apenas um dos dicionários, não aparecendo nos outros, ou, quando aparecem, apresentam definições diferentes, sendo que, na maioria dos casos, se não aparece em um dos dicionários como regionalismo, não aparece em todos, se traz uma definição diferente em um,

DICIONÁRIO ESCOLAR MICHAELIS	MINI DICIONÁRIO ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DICIONÁRIO FTD
Abanico – AL – Sinalização em Ferrovía - SA	SMU- DSR	SMU- DSR	SMU- DSR
Aflatarse – AL, Entristecer-se - UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.

traz diferente em todos. Isso acontece de forma semelhante em todos os dicionários. Um exemplo seria:

Tabela 9 – comparação da mesma entrada em cada dicionário.

Siglas:

AL – América Latina

UA- Única Acepção

SA – Segunda Acepção

PA – Primeira Acepção

SMU – Sem marca de uso

MSR – mesmo sentido de regionalismo

DSR – diferente do sentido do regionalismo

- Outro caso que por vezes acontece é fato de que muitas das definições são pouco claras: alguns dos dicionários trazem uma definição, por exemplo: “*Accidentado* – Amér., acidentado, vítima de acidente.”(Ática), e outros dicionários trazem definições não tão claras, pouco específicas, como o Michaelis: *Accidentado*: acidentado. Não explica se se trata de uma vítima de acidente ou de um terreno acidentado. Outros casos semelhantes seriam *manteca*, *mazo*, *rebasar*, *receso*, etc.
- A palavra *recién*, encontrada nos 4 dicionários, mas com marca de uso regionalistano Ática, é um caso interessante, vejamos: “*Recién* – Amér. Recentemente, há pouco. [ex.]” Esta é sua segunda acepção e nos chama a atenção em relação à primeira acepção: “*Recém*, recentemente.” Parece que o sentido não é diferente. Mesmo os exemplos apresentados não ajudam a esclarecer a eventual diferença existente entre a acepção regional e a ‘convencional’.
- No sentido português→espanhol, encontramos a palavra *abóbora* que, exceto no FTD, aparece em todos os dicionários como regionalismo, como *zapallo*. Em seguida vem a expressão *abobrinha*, que igualmente aparece em todos os dicionários, sem marca de uso regional no FTD, que, como em abóbora, não traz a mesma definição que os outros dicionários; e desta vez o Michaelis também não apresenta nenhuma marca regional, apesar de trazer a mesma acepção dos outros, *zapallito*, e de na entrada abóbora trazer *zapallo* como acepção regional. Isso acontece em outras entradas também.

- Em alguns casos um dicionário traz dentro de um verbete expressões, definições ou marcas de uso, que os outros dicionários não trazem, essas expressões, em alguns casos foram taxadas como regionais, por exemplo: na entrada *Agora*: [...] só agora: RP, recién ahora. (Mini Larousse). *Agora* aparece em todos os outros dicionários, mas em nenhum deles com a acepção encontrada neste dicionário.
- A palavra *machucado* aparece no Mini Larousse como o adjetivo *lastimado*, com marca de uso regional, e no Michaelis aparece como o adjetivo *lastimadura*, sem marca regional. No DRAE não aparece a entrada *lastimado* e *lastimadura* aparece como substantivo, com o sentido de machucado.
- A palavra *magro*, em espanhol também existe, porém não é comumente usada como adjetivo que define pessoa não gorda, se usa mais para carne ou leite. O Ática só faz referência ao leite e o FTD não explica qual acepção pode ser usada para pessoa (*flaco* ou *delgado*) e se há alguma que seria usada para alimentos.
- Em alguns dos dicionários encontramos alguns erros, provavelmente de revisão. No FTD, no segundo bloco estudado, no sentido E→P, aparece a sequência *malherir, mahonesa, malhumurado*, saltando de LHE para HO e voltando para o LHU. Observamos também, agora no Mini Larousse, também no sentido E→P, a repetição de um verbete fora do lugar. Na sequência de entradas *adecuar; a. de J.C.; acá; adelantado, da*; onde a colocação já está na ordem AD, retorna a AC e então prossegue na ordem normal. Ainda no Mini Larousse, mas agora no sentido P→E, encontramos outro problema, no verbete *Recomendação* aparece “recomendações (cumprimentos) – Amér. Saudos.” Em espanhol, para cumprimentos, o correto é SALUDOS. A palavra *saudos* não foi encontrada em nenhum dicionário.

3.3.3 Observações e Comentários Gerais

A lexicografia é uma atividade árdua e requer muita paixão por parte do profissional que a exerce. Além disso há o fato de ser desconhecida ou esquecida pela maioria dos usuários, porque poucos são aqueles que se dão conta que esta obra é compilada por alguém. Por isso, um dicionário é praticamente interminável e fadado a críticas. É o caso das obras impressas em especial, uma vez que as obras digitais têm uma gama maior de possibilidades. Os dicionários on-line são aqueles que mais vantagens têm, pois podem ser constantemente atualizados.

Nos nove dicionários analisados, nosso foco principal foram as marcas de uso regional, porém, não pudemos deixar de perceber alguns pontos que julgamos merecedores de comentários, tendo sempre como objetivo o melhor registro para facilitar o uso da referida obra.

No DUE, por exemplo, o verbete *machada*:

machada.

Ô *Hato de machos cabríos.*

Ô (inf.). *Tontería, *majadería o *brutalidad.

× (neologismo, no mencionado en el D. R. A. E.).

Acción propia de lo que se llama ponderativamente un «macho» o un «machote» o «machota».

De la familia de □ **macho**

Nessa entrada aparece a informação de que a terceira acepção trata-se de um “neologismo não mencionado no DRAE”, isso indica que os lexicógrafos se baseiam muito nas obras já existentes. O DRAE é o dicionário que registra as palavras do idioma espanhol e o DUE, Diccionario de Uso del Español, mostra que por tal razão passa a ser base de consulta para outras obras.

No DRAE, casos como os mostrados a seguir não esclarecem ao usuário, onde efetivamente acontecem, vejamos:

abaldonar.

De baldonar, con probable infl. del ant. fr. abandonner.

1. tr. ant. envilecer. Ú. en Asturias.

2. [tr.]desus. Afrentar, ofender.

3. [tr.]ant. Abandonar. Ú. en Salamanca y algunos países de América.

1. prnl. ant. Entregarse.

O Mesmo ocorre em:

aeromoza.

De aero- y moza.

1. f. En algunos países americanos, azafata de aviación.(grifo nosso)

Usa-se em “alguns países da América”, quais? Com certeza se o autor generaliza usando a marca americanismo estaria incorrendo em um erro, pois pelo que vemos não se trata de um americanismo, mas nos pareceu mais coerente que usasse uma marca regional, por exemplo, América Central, Andes ou Caribe. Mesmo que as pretensões iniciais não sejam estas, nos pareceu melhor.

abarca.

De or. prerromano.

1. f. Calzado de cuero crudo que cubre solo la planta de los pies, con reborde en torno, y se asegura con cuerdas o correas sobre el empeine y el tobillo. Hoy se hacen también de caucho.

1. [f.]En algunas regiones, zueco1, zapato de madera. (grifo nosso).

Este caso é semelhante ao anterior, com o agravante de ser muito generalizante a marca de uso utilizada, pois dizer que uma expressão significa algo em “algunas regiones” certamente pode confundir o usuário. Pode tratar-se um regionalismo hispânico ou não, não há nenhum indicio que o defina.

Vejamos outro exemplo do DRAE:

abejaruco.

De abeja.

1. m. Pájaro del suborden de los sindáctilos, de unos 15 centímetros de longitud, con alas puntiagudas y largas y pico algo curvo, más largo que la cabeza; en su plumaje, de vistoso colorido, dominan el amarillo, el verde y el rojo oscuro. **Abunda en España** y es perjudicial para los colmenares, porque se come las abejas.

1. [m.]fig. p. us. Persona noticiera o chismosa.

O fato de dizer que tal espécie animal “abunda en España” pode levar o usuário a pensar que tal expressão seja própria do lugar, um regionalismo, porém nada deixa isso claro. Certamente mereceria uma marca de uso esclarecendo tal dúvida. Várias expressões encontradas no dicionário mereceriam marcas que ajudassem ao usuário saber como usar tal verbete corretamente, vejamos outro caso, representado aqui na íntegra:

Acla.

Del quechua *acla*, *ajlla*.

f. Doncella que en el imperio de los incas se destinaba al culto del Sol o al servicio del monarca.

O mesmo vale para o caso de:

Maqui

Voz araucana.

1. m. Arbusto chileno, de la familia de las liliáceas, de unos tres metros de altura, hojas aovadas y lanceoladas, flores axilares en racimo, y fruto redondo, de unos cinco milímetros de diámetro, dulce y un poco astringente, que se emplea en confituras y helados. Los indios preparan también con él una especie de chicha.

Como e onde se usa? Trata-se de uma expressão comum ao espanhol? Por ser originária do quéchuá é comum e usada somente em partes da América do Sul? Impossível ter estas respostas no dicionário.

Adiosito é outro exemplo:

adiosito.

1. d. de adiós, usado con distintas connotaciones en América.

A entrada avisa que se usa com diferentes conotações na América, mas não esclarece, não comenta nada a respeito. Não se sabe quais as conotações, em que partes da América ocorrem, se o fenômeno é igual em toda América ou se se diferencia de acordo com cada região. Mereceria uma marca de uso mais clara ou alguns exemplos. Neste sentido, os dicionários bilíngues ingleses estiveram à frente, grande parte de suas entradas trazem exemplos e, nas palavras de Humblé

“concretizam o que aparece de forma abstrata num dicionário, geralmente uma definição. Ao mesmo tempo o exemplo serve de modelo ao indicar como uma palavra pode ser usada.”¹³ (2001).

Em alguns dicionários percebeu-se tal diferença na versão digital em relação à impressa, as entradas aparecem de modo distinto, por exemplo, no Collins o verbete *mamar* traz como subentrada a palavra *mamarse*, que em outros dicionários aparece como uma nova entrada. Sempre que uma subentrada apareça e nela haja um ou mais regionalismos, a título de contagem, somente consideramos em nossa pesquisa o verbete principal, uma vez que havia verbetes que traziam mais de uma definição regionalista e alguns com subentradas que traziam outras definições regionalistas.

Outros dicionários trazem uma entrada para a palavra masculina e outra para a sua versão feminina, sem que haja distinção na definição. Por exemplo:

Malevo,a –

1. adj. R. de la Plata y Urug. Malévolo, malhechor, matón. Ú. t. c. s.

Esses são exemplos encontrados basicamente em dicionários eletrônicos.

4 - Considerações Finais

Analisando vários autores e os nove dicionários por nós selecionados, com enfoque nas obras lexicográficas brasileiras de uso mais difundido entre os estudantes, observamos vários pontos interessantes.

- A produção de dicionários ainda não é de excelência no Brasil e constatamos alguns problemas nos dicionários bilíngues, que vão de problemas de revisão (encontramos dois em um mesmo dicionário) a uma não esmerada preocupação dos autores sobre a real necessidade dos

¹³ Dicionários e ensino de línguas

<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=11>

usuários de suas obras. Em relação ao nosso objeto de estudos, a presença de verbetes marcados como americanismos ou regionalismos da AL nestas obras, vimos que ainda é pouca a preocupação dos autores com este tema, sendo pouco mencionado nos textos introdutórios, quando aparece. Dos cinco dicionários bilíngües, três demonstram interesse em apresentar, difundir regionalismos e dois pouco ou nada mencionam sobre ter tal interesse, sendo estes o Michaelis e o Larousse. Este último apresenta como um de seus atrativos: abranger “regionalismos da América Hispânica.” Porém nada menciona sobre a relevância dos mesmos, de por que constar na obra ou não.

Também observamos que o número de americanismos encontrados é relativamente baixo, com destaque negativo para o FTD, que foi o que menos entradas regionais americanas apresentou. Dos dicionários bilíngües brasileiros, o que mais considerou americanismos foi o Mini Larousse. Os bilíngües ingleses apresentam um percentual proporcionalmente bom de americanismos. Mesmo considerando o avançado sistema dos bilíngües ingleses e o fato de estes serem obras digitais, em CD-ROM, nos causou espanto ver a discrepância entre estes e os dicionários brasileiros.

Em comparação com as obras monolíngües e bilíngües inglesas, se observa que as obras brasileiras ainda precisam melhorar bastante. Vivemos em um país com contato amplo com países vizinhos de fala hispânica, com fortes relações comerciais e políticas com estes e os dicionários que mais valorizam as variantes americanas do espanhol são os ingleses, mais até que as obras monolíngües elaboradas na Espanha. Mesmo o DRAE, que em seus textos introdutórios diz considerar tais variantes, fica longe do que seria esperado para tal público. Obviamente estes dicionários foram produzidos tendo como foco outro público que não os brasileiros. Aqui foram tomados como base para comparação, mas são obras lexicográficas diferentes, com outros objetivos.

Se observarmos as reais necessidades de um aprendiz brasileiro de língua espanhola verificaremos com clareza que este necessita ter acesso ao vocabulário específico desta região. A probabilidade de contato com o espanhol europeu é muito mais remota para um brasileiro do que com o espanhol americano. No entanto, as obras lexicográficas às quais este usuário tem acesso ainda desconsideram esse fator, conforme pudemos comprovar em nossa pesquisa. Neste sentido podemos observar que há certo preconceito dos autores em relação à

variante americana, favorecendo o léxico Ibérico. Apesar de afirmações contrárias nos prefácios ou textos introdutórios de algumas obras:

No prefácio o *Globo* declara: “Estas peculiaridades, y hasta ligeras diferencias, aunque no tengan un carácter dialectal, son lo suficientemente importantes como para señalarlas en un buen diccionario”.

Em seu prefácio, o *Ática* diz que apresentam em sua compilação “espanholismos, americanismos, regionalismos, termos técnicos, jurídicos, científicos e coloquiais, expressões idiomáticas e provérbios, com a respectiva tradução ou adaptação ao idioma oposto”.

O *Larousse*, na contra capa, apresenta em tópicos os atributos do dicionário e diz que este: “Abrange a língua falada na Espanha e os regionalismos da Hispanoamérica”, sutilmente marcando uma pequena diferença entre os dois.

Os resultados desta pesquisa indicam nitidamente que os autores das obras nacionais ainda não consideram as variedades latino-americanas do espanhol com o merecido valor, ou mesmo o desconhecimento destes profissionais em relação às mesmas e das reais necessidades dos usuários destes dicionários. Como a tendência atual da sociedade é uma maior valoração da cultura, é preciso que os autores, no campo lexicográfico, revejam a forma como são registradas as variedades linguísticas existentes, pois são essas variedades que, pouco a pouco, transformam a língua. Além disso, para que o dicionário possa ser devidamente utilizado e cumprir com sua função, seus autores precisam levar em consideração as necessidades de seus usuários. Fazer um dicionário por fazer, ou seja, sem se preocupar se ele será de real ajuda ou não, realmente não é sinal de competência profissional ou qualidade do produto.

Referências:

DICIONÁRIOS ANALISADOS

Monolíngues:

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la Lengua Española, Versión Electrónica, Edición 21.2.0, Real Academia Española, Espasa Calpe S. A, 1998.

MARÍA MOLINER, Diccionario de Uso del Español, 2ª edición, versión electrónica, Ed. Gredos, 2003.

Bilíngues – Inglês / Espanhol:

COLLINS SPANISH DICTIONARY. Sexta Edição, 2000, Versão Eletrônica, Software Lexibase Softíssimo, 2002.

OXFORD SUPERLEX. **Dicionário Inglês / Espanhol**. Versão digital 1.0, 1996.

Bilíngues Português / Espanhol:

BALLESTERO ALVAREZ, M. E., SOTO VALVAS, M. **Dicionário Espanhol – Português, Português – Espanhol**. Ed. FTD, São Paulo, 1998.

FLAVIAN, E., FERNÁNDEZ, G. E. **Mini Dicionário Espanhol-Português, Português – Espanhol**. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

GÁLVEZ, J. A., **Dicionario Larousse espanhol-português, português-espanhol: mini**. Ed. Larousse do Brasil, São Paulo, 2005.

GARCIA, H. **Dicionário Português-Espanhol, Espanhol-Português**. Ed. Globo, São Paulo, 1998.

PEREIRA, H. B. C. **Dicionario escolar espanhol: espanhol-português, português-espanhol**. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2002.

Autores estudados:

ALFARO, A. D. Santa Clo va a La Cuchilla. 1947. Disponível em:
<http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/esp/pr/alfaro/santa.htm>.
 Acesso em: 23 agosto 2009

ANDIÓN HERRERO, M.A. **Variedades del Español de América**: una lengua y diecinueve países. Thesaurus, Colección Complementos, Serie Didáctica, Embajada de España en Brasil, 2004.

ANDRADE, M. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

ARENAS. R. **Con los ojos cerrados**. 1972. Disponível em:
http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar2008/educontinua/lengua_comunicacion/el_otono/entale/cuento%20nunca%20acabar/reinaldoarenas.htm
 Acesso em: 23 agosto 2009

ARLT, R. **Un Hombre Extraño**. 1929 Disponível em:
<http://www.literatura.org/Arlt/rahombre.html> Acesso em: 23 agosto 2009

ATKINSON, D. **Teaching monolingual classes**. London: Longman, 1994.

BLANCO, M. I., **Norma y variedades**: Un problema de actitudes y políticas lingüísticas. 2000. Disponível em:
http://www.unidadenladiversidad.com/historico/opinion/opinion_ant/2000/mayo_2000/opinion030500.htm. Acesso em: 16 março 2009

BÉJOINT, H. The Foreign Student's Use of Monolingual English Dictionaries: A Study of Language Needs and Reference Skills, in: **Applied Linguistics**, 1981.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**. Trad. de Maria Emilia Pereira Chanut, Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra, ou, O albergue longínquo**. Trad. Marie Helene C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras / PGET, 2007.

BORGES, J. L. **El Aleph**. Trad. Flávio José Cardozo. São Paulo: Globo, 2001.

_____. **O Aleph**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 26-32.

_____. **A Personal Anthology**. A. Kerrigan (Org). Trad. A Kerrigan, E. Kerrigan, I. Feldman, A. Reid e C.F.A. del Olmo. New York: Grove Weidenfeld, 1967, p. 26-31. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=iwC9yuuZ2_MC&pg=PA26&lpg=PA26&dq=%22that+a+man+from+the+suburbs&source=web&ots=yqsrSuxFIS&sig=XcfER5hETFqryhe8P64qWCEESqo&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result, Acesso em: 10 agosto 2008;

BURGUEÑO, J. **El mapa escondido: las lenguas de España**. In: Boletín de la A.G.E. N.º 34 - 2002, págs. 171-192

COUTINHO, C. M. **Trabajo de manutención en una universidad pública - entre la centralidad y las ambigüedades**. España, 2009

COSERIU, E. Sentido y tareas de la dialectología. In: **Cuadernos de lingüística**. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DONOSO, J. **Una Señora**. In: **Veraneo y sus mejores cuentos**, 1955. Disponível em:

<http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/esp/donoso/senyora.htm>. Acesso em: 23 agosto 2009.

FERREIRA, C., CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11 - 21.

GUITARTE, G. Dialecto español de América e historia en Coseriu. In: **Das sprachtheoretische Denken Eugenio Cosmus in der Diskussion** (Tomo 1), Tübingen, 1988, p. 487-500.

HORTON, P. B., HUNT, C. L. **Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1980.

HUMBLE, P., **Dictionaries and language learners**. Frankfurt: Haag und Herchen, 2001.

_____. **O Discurso do Dicionário**. 2007. (No prelo). Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?titulo=O%20Discurso%20do%20Dicionário> Acesso em: 29 setembro 2007.

_____ **Melhor do que muitos pensam.** Quatro dicionários Bilingues português – Inglês de uso escolar. Cadernos de Tradução. Vol. 2, No 18 (2006). Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6951/6459>. Acesso em: 24 setembro 2009.

LAFUENTE GIMENEZ, S. **Um Estudo Comparativo Entre Dicionários Bilingues Espanhol-Português**, dissertação de mestrado do Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

LUCINDO, E., S., **¿Para qué sirve este diccionario?** La enseñanza de las habilidades de uso de los diccionarios a estudiantes de letras español. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/ Emy_Soares_Lucindo_-_Dissertacao.pdf . Acesso em 29 janeiro 2010.

MILROY, J., MILROY, L., **Authority in language, Investigating Prescription and Standardization**, London:Routledge and P. Kegan, 1985.

MORENO DE ALBA, J. G. **Diferencias Léxicas Entre el Español de España y América.** Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

MOURE, J. L. Norma nacional y prescripción. Ventajas y perjuicios de lo tácito.In: **III Congreso Internacional de la Lengua Española, Rosario:2004.** Disponível em http://congresosdelalengua.es/rosario/ponencias/aspectos/moure_jl.htm#n62. Acesso em: 05 julho 2009.

PASTAFIGLIA, M. **Léxico lunfardo nos tangos interpretados por Carlos Gardel (1917-1935).** Florianópolis, 2006. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

_____ **O espanhol da região do Rio da Prata. Contato lingüístico com o português do Brasil.** In: VIII encontro do CELSUL, Porto Alegre, 2008.

http://www.celsul.org.br/Encontros/08/espanhol_do_rio_do_prata.pdf

PROPOSTA CURRICULAR DE SC. Disponível em:

http://www.nuspple.cce.ufsc.br/proposta_curricular_de_santa_cat.htm

Acesso em 25 agosto 2008.

RODRIGUEZ, A. M. As línguas românicas da Península Ibérica. In: **Revista Philologus**. Ano 5 n° 14. 1999. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(14\)49-57.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(14)49-57.html). Acesso em: 13 Janeiro 2010

SANCHES DURAN, M, XATARA, C. M. A Metalexiconografia Pedagógica. In: Cadernos de Tradução. HUMBLÉ, P. e XATARA, C. M. (orgs.), n° XVIII, Florianópolis, UFSC, Pget. 2006-02, pg. 42-66.

SASTRE, F., NAVARRO, A, **Culturas y Estéticas Contemporáneas. 2003**. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos13/quentend/quentend.shtml> Acesso em: 21 setembro 2008.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. POLL, M. Von Müllen, In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. HEIDERMAN, W.(org.) vol. 1, Florianópolis, UFSC, Núcleo de Tradução. 2001, pg. 25-87.

SERRA E GURGEL, JB. **Manés & Bacanas**. 2007. Disponível em: <http://www.alceugama.com.br/conteudo/mostrar/categoria/entrevistas> Acesso em: 19 setembro 2009.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. 2005. Disponível em: <http://www.brasilclub.com.uy/images/a21v57n2.pdf> Acesso em: 19 setembro 2009.

TARP, S. Lexicografia de Aprendizaje. . In: Cadernos de Tradução. HUMBLÉ, P. e XATARA, C. M. (orgs.), n° XVIII, Florianópolis, UFSC, Pget. 2006-02, pg. 295-317.

TEIXEIRA, P. G. **O uso do dicionário bilingue português / espanhol no ensino fundamental do Colégio Dom Jaime Câmara**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, 2005. Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Priscilla_Teixeira.pdf Acesso em: 29 setembro 2008.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

WERNER, R. Identidad Nacional y Regional de las Palabras en los Diccionarios Españoles. In: **Diccionarios: Textos con Pasado y Futuro**. WERNER, R., FUENTES MORÁN, M. T. (org.), Madrid: Ed. Vervuert e Iberoamericana, 2002, p. 75-88.

ANEXOS

Lista de Siglas, organizadas de acordo ao que aparece em cada dicionário analisado:

AL – América Latina
Am.C. – América Central
ARG. – Argentina
C. Am. – América Central
C. S – Cone Sul
C. Sur – Cone Sul
Carib. - Caribe
Col – Colombia
DSR – diferente do sentido do regionalismo
Ex – exemplo
Méx. - México
MSR – mesmo sentido de regionalismo
PA – Primeira Acepção
QA- Quarta Acepção
Quin. A – Quinta Acepção
RD – República Dominicana
Rio-plat- Rio da Prata
RP – Rio da Prata
SA – Segunda Acepção
SET. A- Sétima Acepção
Sex. A – Sexta Acepção
SMU – Sem marca de uso
Sub.E. – Sub entrada
TA – Terceira Acepção
UA- Única Acepção
Ven. – Venezuela

Análise das entradas nos quatro dicionários bilingues brasileiros, sentido
E→P

a) ENTRADAS DE A A AGUZ:

	DICIONÁRIO ESCOLAR MICHAELIS	MINI DICIONÁRIO OÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DICIONÁRIO OFTD
1	Abajeño – AL - Habitante da costa ou das terras baixas – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
2	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Abaleiar – Andes, C.Am., Ven., atirar - UA	Sem ocorrência.
3	Abanico – AL – Sinalização em Ferrovía – SA	SMU- DSR	SMU- DSR	SMU- DSR
4	SMU – MSR	SMU- MSR	Sem ocorrência.	Abaratar – Amér. Baratear. AS.
5	SMU – DSR	Abarcar – Mex. y Am. C., Reter, absorver acumular. [ex.]	SMU- DSR	SMU- DSR
6	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Abarrotería – C.Am. e Méx., mercearia, venda. UA	Sem ocorrência.
7	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Abarrotero,a – merceiro,a, vendeiro,a. UA	Sem ocorrência.

8	Abarrote – AL, comestíveis, artigos de mercearia. SA, em plural.	Abarrotos - Amer. Comestíveis e gêneros de primeira necessidade. UA	Abarrotos – C.Am. e Méx., mercearia, venda. UA	Sem ocorrência.
9	Abasto – ARG., Açougue, [ex.]. SA	Abasto - Mex. y Am. C. – Matadouro, abate. TA	Sem ocorrência.	SMU- DSR
10	Abatatado – ARG., perturbado, envergonhado, intimidado – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
11	Abatatar – ARG., perturbar, envergonhar, intimidar - UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
12	Abofetado – AL, Inchado – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
13	SMU- MSR	Abono - Mex. y Am. C. – Prestação. QA	SMU- DSR	SMU- DSR
14	Sem ocorrência	Sem ocorrência	Abusivo – Amér. (pessoa) abusado,a. SA	Sem ocorrência
15	SMU- MSR	Acá – Amér., Cá, aqui, neste lugar,	SMU- MSR	SMU- MSR

		nesta região. [ex.] UA		
16	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Acápíte – Amér. Parágrafo. UA	Sem ocorrência.
17	SMU- MSR	Accidentado – Amér., acidentado, vítima de acidente. TA	SMU- MSR	SMU- MSR
18	SMU- DSR	Achatar – Rio plat. Acovardar-se	Sem ocorrência.	SMU- DSR
19	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Achinado – Amér. De traços indígenas e condição humilde. UA	Sem ocorrência.
20	Achinarsé – ARG., empobrecer – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
21	Achiquitar – AL, diminuir – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
22	Acholar – AL, envergonhar – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
23	Achuchar – AL, Ser acometido por febre intermitente – QA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU- DSR
24	Sem ocorrência.	Achura – Rio-plat., Miúdos de	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.

		vaca - UA		
25	Acitrón – AL, Doce de Cidra – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
26	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Acotamiento – Méx. Acostamento. UA.	Sem ocorrência.
27	Acriollado – AL, estrangeiro acomodado aos usos e costumes típicos da América -UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
28	Adoquin – AL, ignorante – Sex. A	SMU- DSR	SMU- DSR	SMU- MSR
29	Aeromozo, a – AL, comissário de bordo, PA	Sem ocorrência.	Aeromoza - Amér., aeromoça, femenino - UA	Sem ocorrência.
30	Afanar – CS, furtar – TA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU- MSR
31	Afarolarse – AL, irritarse – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
32	SMU- DSR	Afectar – Amér., onerar - TA	SMU- DSR	SMU- DSR
33	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Afiche – Amér., cartaz - UA	Sem ocorrência.
34	Aflatarse – AL, Entristecer-se – UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
35	SMU- MSR	Agarrado – Amer.,	Sem ocorrência.	SMU- MSR

		Avarento, miserável. - SA		
36	SMU- 1º DSR 2º- MSR	Agarrar – Amér., Tomar uma direção, pegar. [ex.] QA Amér., Pegar, tomar, apanhar, filar. [ex] Quin.A.	SMU – 1º- DSR 2º- MSR	Agarrar - Amér. Pegar. TA.
37	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Agarrón – Amér., briga confusão, disputa. SA
38	Agazapar – AL, agachar-se – QA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Agazaparse- SMU- DSR
39	Agencia – AL, Casa de penhores – TA	SMU- DSR	SMU- DSR	SMU
40	Agringarse – AL, Adquirir modos de gringo, americanizar-se. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
41	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Aguamiel - Amér. (bebida) hidromel; Carib. e Méx. (suco) suco - UA	Sem ocorrência.
42	Aguantadero – AL, esconderijo de	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.

	delinquentes ou malfeitores. UA			
43	SMU- DSR	SMU- DSR	Águila – “¿águila o sol?” – Méx. Cara ou coroa? - SA	SMU- DSR
	22 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 480 anal.)	11 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 307 anal.)	12 entradas possuem acepções com marca regional (aprox.360 anal.)	03 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 470 anal.)

b) ENTRADAS DE M A MAZ.

	DICIONÁRIO ESCOLAR MICHAELIS	MINI DIC. ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DICIONÁRIO FTD
1	Macaco – AL, feio, disforme – SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU- DSR
2	Sem ocorrência.	Macanudo – Arg., Boa Gente, pessoa legal. SA	Macanudo - C.Sur e Perú, fantástico, a. UA	Macanudo – Amér. Boa pessoa, legal, camarada. SA
3	Sem ocorrência.	Machiembro – Amér. Lambril, lambris. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
4	Machote – AL, rascunho, minuta - SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU- DSR
5	SMU- DSR	Madrugar – Arg., Passar a perna. TA	SMU- DSR	SMU- DSR

6	Maicena – AL, Maisena, amido de milho. UA	Sem ocorrência.	SMU- MSR	Sem ocorrência.
7	SMU- DSR	Maíz – Méx. e Am.C. – Pasta de farinha de milho assada. SA	SMU- DSR	SMU- DSR
8	Maizal – AL, milharal, terreno em que cresce milho. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU- MSR
9	Majada – AL – rebanho (de gado ovino ou caprino). TA	SMU- DSR	Sem ocorrência.	SMU- DSR
10	Malabarista – AL – ladrão ágil e asucioso, mão leve. TA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
11	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Malecón – Amér. (passeio marítimo) calçadão. TA	SMU- DSR
12	Maleta – AL, trouxa (de roupas). SA	SMU- DSR	SMU- DSR	SMU- DSR
13	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Malevo, a – maléfico, facínora.
14	Malla – AL, traje de banho, SA	Malla – Amér. Maiô. SET. A.	SMU- DSR	SMU- DSR
15	SMU- DSR	Sem ocorrência.	Malograr – Andes,	SMU

			estragar. UA	
16	Sem ocorrência.	Malvón – Arg. e Méx. – Gerânio. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
17	Sem ocorrência.	SMU- DSR	Mamá – Amér. “Mamá grande” – Vovó. SA	SMU- DSR
18	Mamada – AL, mamata, pechincha, boquinha, vantagem. SA	SMU- DSR	Sem ocorrência.	SMU- DSR
19	Mamadera – AL, bico de borracha. PA	Mamadera – Amér. Mamadeira. SA	Mamadera – C.Sur e Perú (garrafa) mamadeira. UA	Sem ocorrência.
20	Mamado – AL, bêbado, embriagado, ébrio. UA	SMU- MSR	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
21	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Mamila – Méx., mamadeira. UA	Sem ocorrência.
22	Mancar – AL, falhar, errar. QA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
23	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Mancuernilla – C.Am. e Méx., abotoaduras. UA	Sem ocorrência.
24	Mandarina – “ser una buena mandarina” Arg. Ser	Sem ocorrência.	SMU- DSR	SMU- DSR

	trapaceiro. SA			
25	Mandatário - AL, governante. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
26	SMU- MSR	Manejar - Amér., dirigir (veículo). QA	Manejar – Amér., (guiar)dirigir. SA	Manejar – Amér. Dirigir, guiar automóvel. Quin.A.
26	Manguera – AL, Curral – SA	Manguera – Arg. Curral – SA	SMU- DSR	SMU- DSR
28	Maní – CS, Amendoim. UA	Maní – Amer., Amendoim. UA	Maní – Andes, C.Am. e R.D. – amendoim. UA	SMU- DSR
29	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Manito,a – Amér., Tratamento popular entre gente humilde, equivale a: “maninho”. UA
30	SMU- DSR	Mano – Amér. Pequena quantidade de produtos para a venda. Sex. A.	Mano – Am. C. e Méx. – mano. SA	SMU- DSR
31	SMU- DSR	Manteca – Amér. Manteiga. TA.	SMU- DSR	SMU- MSR (manteca de vaca= manteiga)
32	SMU- DSR	SMU- DSR	Máquina – Am.C. e Cuba – (carro) carro;	SMU- DSR

			TA	
33	Marchante – AL, cliente, freguês. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
34	Sem ocorrência.	Mariachi – Méx. e AMér.C., conjunto de música popular. UA	Mariachi – Amér. Conjunto. PA.	Sem ocorrência.
35	Sem ocorrência.	Marimba – Amér.C., instrumento folclórico de percussão. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
36	SMU- DSR	Mariposa – Amér. Homossexual . Sex.A.	SMU- DSR	SMU- DSR
37	SMU- DSR	Matador,a – Amér. Cansativo. SA	SMU- DSR	SMU- DSR
38	Matero – AL, acostumado a tomar mate. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
39	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Mayoreo – Amér. Atacado . UA	Sem ocorrência.
40	SMU- DSR	SMU- DSR	Mazo – Amér., (baralho) maço.	SMU- DSR
	18 entradas possuem acepções com	16 entradas possuem acepções com	14 entradas possuem acepções com	05 entradas possuem acepções com

marca regional (aprox. 356 anal.)	marca regional (aprox. 239 anal.)	marca regional (aprox. 241 anal.)	marca regional (aprox. 421 anal.)
---	--	--	---

c) ENTRADAS DE RE A REZ.

	DICIONÁRIO ESCOLAR MICHAELIS	MINI DICIONÁRIO ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DICIONÁRIO FTD
1	SMU-DSR	Rebasar – Amér. Ultrapassar com o carro. SA	Sem ocorrência.	SMU-DSR
2	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Rebozo – Amér., Xale. UA	Sem ocorrência.
3	SMU-MSR	Recado – Amér. Provisões diárias, compras do dia. TA [ex.] Amér. Apetrechos de montaria. [ex.] QA	SMU-DSR	SMU-DSR
4	Recámara – AL., dormitório, alcova. TA	Sem ocorrência.	Recámara – C. Am., Col e Méx. – quarto. UA	Sem ocorrência.
5	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Recamarera - C. Am., Col e Méx. – camareira. UA	Sem ocorrência.
6	SMU-MSR	SMU-MSR	Sem ocorrência.	Receso –Amér., recesso, paralisação

				temporária dos poderes governamentais. UA
7	Sem ocorrência.	Recibimiento – Am. C., formatura. TA	SMU-DSR	Sem ocorrência.
8	Sem ocorrência.	SMU-MSR	Recibir recibirse – Amér. Formar-se. UA	SMU-DSR
9	SMU-MSR	Recién – Amér. Recentemente, há pouco. [ex.] SA	SMU-MSR	SMU-MSR
10	Reclame – AL, comercial, propaganda. UA	Reclamo – SMU-MSR	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
11	SMU-DSR	Recoveco – Méx., badulaque. TA.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
12	Sem ocorrência.	Refacción – Amér., conserto, reparação. SA	Refacción – Chile e Méx. (de carro, máquina ou aparelho), peça sobressalente. Ou Amér. (em prédio) reparação. UA	Sem ocorrência.
13	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Refaccionar – Amér. Reparar. UA	Sem ocorrência.
14	SMU-DSR	SMU-DSR	Regadera – Col., Méx. e Ven., (no banheiro) chuveiro. SA	SMU-DSR

15	Regio, a – AL, magnífico, maravilhoso, suntuoso, deslumbrante. SA	SMU-MSR	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
16	SMU-MSR	SMU-MSR	Regresar – Amér. Devolver. SA. Regresarse – Amér. Regressar.	Regresar – Amér., restituir, devolver. SA
17	Sem ocorrência.	Relajo – Amér. bagunça, desordem. SA	Relajo – Amér. Tumulto. UA	Sem ocorrência.
18	Remate – AL, leilão. QA	SMU-dSR	Sem ocorrência.	SMU-DSR
18	Remedio – AL, medicamento. TA.	SMU-MSR	SMU-MSR	SMU-MSR
19	Remojo- AL, propina, gorjeta. SA	SMU-DSR	SMU-MSR	SMU-DSR
20	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Renguear – Amér. Mancar. UA	Sem ocorrência.
21	Sem ocorrência.	Rentar – Amer. Alugar. SA	Rentar – Amer. Alugar. SA	SMU-DSR
22	Reo, a – AL, mal vestido. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU--DSR
23	Sem ocorrência.	Repartición – Amér. Repartição, dependencia pública. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
24	SMU-MSR	SMU-DSR Relatarse – reportar-se,	Reportar – Méx. relatar. UA; Reportarse –	SMU-DSR

		conterse	Andes, Am.C. e Méx. anunciar-se.	
25	Sem ocorrência.	Reporte – Mex. e Am. C., relatório. SA	Reporte – Mex., relatório. SA	Sem ocorrência.
26	SMU-DSR	Reprobar – Mex., reprovar (em exame). SA	Sem ocorrência.	SMU-DSR
27	Requecho – AL, quinquilharia. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
28	SMU-DSR	SMU-MSR Carne de res – carne de vaca	Res – Col., Méx. e Ven. (bovino) Carne de vaca. SA	SMU-DSR
29	Resaca – AL, resíduos (da baixa da maré). SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
30	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Resbalada – Amér. Deslize. UA	Sem ocorrência.
31	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Reservación – Amér. Reserva. UA	Sem ocorrência.
32	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Resfrío – Amér. Resfriado. UA	Sem ocorrência.
33	Retardado – AL, retardado, pouco inteligente. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
34	Retirado – AL, aposentado. PA.	SMU-MSR	SMU-MSR	SMU-MSR
35	Retobado, a – AL,	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.

	resmungão, responção. PA.			
36	SMU-DSR	Retribuir – Amer. Retribuir (favor)	Sem ocorrência.	SMU-MSR
37	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Reversa – Méx. Marcha a Ré. UA	Sem ocorrência.
38	Revirado,a – AL, irado, irritado, transtornado. UA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
39	SMU-DSR	SMU-DSR	Revisar – Amér., (paciente) examinar. QA	SMU-DSR
	13 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 641 anal.)	12 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 562 anal.) 562 - 12	19 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 377 anal.)	02 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 453 anal.)

Análise das entradas nos quatro dicionários, sentido P→E

Observação: palavras ou expressões sublinhadas são comentários nossos.

a) ENTRADAS DE A ATÉ AGUZ

	DIC. ESCOLAR MICHAELIS	MINI DIC. ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DIC. FTD
1.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	*uso da prep. A: RP - Vender a metro – vender por metro; Amér. Dirigir a 60 km/h – manejar a 60 km/h; Amér. Três vezes ao dia – tres veces por dia.	Sem ocorrência.
2.	Abacate – AL, palta. SA	Abacate – Rio-plat., palta	Abacate – Andes e RP, palta.	SMU-DSR
3.	SMU-DSR	Abacaxi – Rio-plat., ananás	Abacaxi – Andes, C.Am. e Méx. – piña; RP – Ananá.	Sem ocorrência.
4.	Sem ocorrência.	Abajur – Méx. e Am.C., velador.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
5.	Sem ocorrência.	Abate – Mex. e Am.C., rastro.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
6.	Abiscoitar – AL, ganhar,	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.

	recibir. SA			
7.	Abóbora – AL, zapallo. SA	Abóbora – Rio-plat., zapallo. Méx. e Amér.C. – Ayote.	Abóbora – RP, zapallo.	SMU-DSR
8.	SMU-MSR (IDEM AO RIO. PL.)	Abobrinha – Rio-Plat., zapallito. Méx. e Amér.C., Chilacayote. PA Rio-plat., pavada. Méx. e Amér.C., babosada.	Abobrinha – Méx. calabacita; C.Sur, zapallito.	SMU-DSR
9.	Abonar – salir fiador. SA	SMU-MSR	Sem ocorrência.	SMU-DSR
10.	SMU-MSR	SMU-MSR	Aborrecer – aborrecer-se (irritar-se), Amér. Enojarse.Sub.E .	SMU-DSR
11.	SMU-MSR	SMU-DSR	Aborrecido,a – (zangado) Amér. Enojado.	SMU-DSR
12.	SMU-DSR	Abotoaduras – Méx. e Am.C., mancuernas.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
13.	SMU-DSR	SMU-DSR	Absorvente – Absorventes – RP e Ven. Protectores	Sem ocorrência.

			diarios. Sub.E.	
14.	SMU-DSR	Abutre – Am.C., zopilote.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
15.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Acanhar-se – RP, avergonzarse; Andes, Carib. e Méx., apenarse;	Acanhar (não pronominal) - SMU-MSR (IDEM A RP)
16.	SMU-DSR	SMU-MSR	Acender – Amér., prender.	SMU-DSR
17.	SMU-DSR	SMU-DSR	Aceso,a- (luz) Amér. Prendido,a.	SMU-DSR
18.	Sem ocorrência.	Acne – Am.C., barros.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
19.	Sem ocorrência.	Acostamento –Rio-Plat., banquina	Acostamento – Méx. acotamiento; RP. Banquina.	Sem ocorrência.
20.	SMU-MSR	SMU-DSR	Açúcar – Açúcar em pó – RP, azúcar glasé ou impalpable.	Sem ocorrência.
21.	Adição – AL, la cuenta del restaurante.QA	SMU-DSR	SMU-DSR	Sem ocorrência.
22.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Aerobarco – Andes e RP, alíscafo.	Sem ocorrência.
23.	SMU-DSR	SME-DSR	Aeromoça – Amér. Aeromoza.	SMU-DSR
24.	Sem ocorrência.	SMU-DSR (IDEM AO RP)	Afobado,a – (apressado),RP, apurado,a;	SMU-MSR (IDEM AO RP)

			(atrapalhado)A mér. Aturulhado,a.	
25.	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Afogador – RP, toma de aire.	Sem ocorrência.
26.	Agarrar – AL, apestilar. Sex. A	SMU-DSR	Agarrar – Agarrar-se: agarrar-se aos livros – RP, ponerse a tragar. Sub.E.	SMU-DSR
27.	SMU-DSR	Agiota – Arg., usura.	Sem ocorrência.	SMU-DSR (traz 'usurero')
28.	SMU-DSR	SMU-DSR	Agora – Por agora: Amér. Por ahora; Só agora:RP, recién ahora.	SMU-DSR
29.	Sem ocorrência.	SMU-MSR <u>Aparece</u> <u>como sub-</u> <u>entrada de</u> <u>agora.</u>	Sem ocorrência.	Agorinha – Amér. Ahorita, ahora mismo. UA
30.	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Água – Água sanitária: Méz. blanqueador; Arg. lavandina.	SMU-DSR
31.	SMU-DSR	SMU-DSR	Aguardente – Aguardente de cana: Amér., caña.	SMU-DSR
32.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Água-viva – Méz., aguamala, RP., aguaviva.	Sem ocorrência.

	06 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 442 anal.)	11 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 350 anal.)	22 entradas possuem acepções com marca regional (aprox.331 anal.)	01 entrada possui acepções com marca regional (aprox. 493 anal.)
--	--	--	---	--

b) ENTRADAS DE MA. A MAZ.:

	DIC. ESCOLAR MICHAELIS	MINI DIC. ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DIC. FTD
1.	SMU-DSR	SMU-DSR	Maçã- maçã caramelada – Amér., manzana acaramelada.	SMU-DSR
2.	Sem ocorrência.	Macacão – Rio-plat., enterito. UA	Macacão – Amér. Overol. UA	SMU- DSR
3.	SMU-DSR	SMU-MSR (Perilla de la cerradura)	SMU-DSR	Maçaneta- Amér. Perilla. SA
4.	SMU-DSR	SMU-MSR	Machucado,a – RP, lastimado,a. UA	SMU-DSR
5.	SMU-MSR	SMU-MSR	Machucar – RP., lastimar. UA	SMU-DSR
6.	SMU-MSR	Maço – Rio-plat.,(cigarros) atado. SA	Maço – (de cigarros) Arg. atado.	SMU-DSR
7.	Magnífico –	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR

	AL, régio. TA			
8.	SMU-MSR (p. pessoa e animal)	SMU-MSR (PESSOA) Sem ocorrência. (LEITE)	Magro,a – (pessoa, animal) Amér. Flaco; (leite) Amér., descremado,a.	SMU-MSR
9.	SMU-DSR	Maiô – Rio-plat., malla; Méx. e Am.C., Calzoneta. UA	Maiô – RP, malla. UA	Sem ocorrência.
10.	SMU-DSR	SMU-DSR	Mais – quero uma sopa mais pão com manteiga, Méx. quiero una sopa y pan com mantequilla ou RP. Manteca.	SMU-DSR
11.	SMU-DSR	SMU-DSR	Mal – estar mal, Amér., estar mal;	Sem ocorrência.
12.	Mal-educado – AL, guarango, grosero. SA	DENTRO DE MAL - DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
13.	Mal-estar –mal estar passageiro - AL, nona.	DENTRO DE MAL - DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
14.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Mal-acabado,a – Amér. Mal terminado. UA	SMU-DSR
15.	Mala –abrir as malas – AL, desempacar.	Mala – Fazer/desfazer as malas: Méx. e Am.C., empacar/des	Mala – Méx. petaca; RP., valija; Mala do carro, Méx. Cajuela; RP, baúl.	SMU- MSR A RP;

		empacar.	Mala de viagem, Méx. petaca; RP, valija. Fazer as malas, hacer las Méx. petacas, RP. Valijas.	
16.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Malagueta – Méx. Chile; RP, ají. UA	SMU-MSR (RP)
17.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Maldoso – Amér. Malo. UA	SMU-DSR
18.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Maleta – Méx. veliz; Rp, bolso de viaje; UA	SMU-DSR
19.	SMU-MSR	Malha – Amér. Suéter. SA	SMU-DSR	SMU-MSR
20.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Malhado,a – (animal) Amér. Manchado,a. UA	SMU-MSR
21.	SMU-	Sem ocorrência.	Malpassado,a – RP bien jugoso,a. UA	Sem ocorrência.
22.	Mamadeira – AL, mamadera - SA	Mamadeira – Amér., mamadera; Am.C., pacha. UA	Mamadeira – RP. Mamadera. UA	SMU-MSR (MAMADERA)
23.	SMU-DSR	Mamãe – Amér., mamaíta, mamacita. UA	SMU-DSR	SMU-MSR (MAMAÍTA)
24.	SMU-DSR	Mamão –	Mamão – Méx.	SMU-MSR

		Méx. e Am.C., papaya.	e RP, papaya; Ven., lechosa; Cuba, bomba. UA	(PAPAYA)
25.	Mamata – AL, mamada. SA	Mamata – Rio-plat., negociado; Am.C., chanchullo, movida. UA	Sem ocorrência.	SMU-MSR (CHANCHULLO)
26.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Mancar – Amér. Renguear. UA	SMU-DSR
27.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Manchete – RP titular; Méx., encabezado. UA	SMU-DSR
28.	SMU-DSR	SMU-DSR	Manco,a – Amér. Rengo,a. UA	SMU-DSR
29.	Mandar – mandar embora - AL, rajar.	MANDAR EMBORA – SMU-MSR MANDAR ALGUÉM PASSEAR - Sem ocorrência.	Mandar – mandar alguém passear – Amér. Mandar a alguien a pasear. UA	MANDAR EMBORA – DSR MANDAR ...PASSEAR - Sem ocorrência.
30.	Mandioca – AL, guacamote. SA	Mandioca – Méx., guacamote. UA	Mandioca – RP, mandioca; Méx. guacamote; Andes, yuca; (farinha de mandioca) harina de, RP mandioca; ou Méx.	Mandioca – Amér. Yuca, guacamote. SA

			guacamote; ou Andes yuca.	
31.	SMU-MSR	SMU-DSR	Manejar – (carro) RP, manejar. UA	SMU-MSR
32.	SMU-MSR A MÉX.	SMU-MSR A MÉX.	Manhã – de manhã – Méx., por la mañana; RP., de o a la mañana. UA	SMU-DSR
33.	Manobrista – AL, garajista. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
34.	SMU-DSR	SMU-DSR	Manso, a – (mar), Amér., calmo. (pinheiro) Amér., de cultivo.	SMU-DSR
35.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Manta – Amér. Frazada; Méx. Cobija.	SMU-MSR (<u>COBIJA</u>)
36.	Manteiga – AL, manteca. SA	Manteiga - Arg., manteca. UA	Manteiga – Méx. Mantequilla; RP. Manteca.	SMU-MSR (<u>AMBAS</u>)
37.	SMU-MSR	Manutenção – Amér. Mantenimiento. UA	SMU-MSR	SMU-DSR
38.	Mão – mão leve – AL, ladrón, malabarista.	FORA DE MÃO – MSR DAR UMA MÃO – DSR MÃO LEVE -	Mão – fora de mão – RP. Trasmano. Dar a mão a alguém (ajudar), Amér., darle una mano a	SMU-DSR

		Sem ocorrência.	alguien. Dar uma mão a alguém, Amér., darle una mano a alguien.	
39.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Maquete- RP, maquete. UA	SMU-DSR
40.	SMU-DSR	SMU-DSR	Máquina – máquina de lavar roupas – RP, lavarropas.	SMU-DSR
41.	Maravilhoso,a – AL, regio. TA	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
42.	SMU	SMU-DSR	Marcar – (esporte)Méx., marcar; RP, hacer.	SMU-DSR
43.	SMU-DSR	SMU-DSR	Marcha – (de auto) Méx. velocidad; RP, cambio. UA	SMU-DSR
44.	Margem – AL, bordo. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
45.	SMU-DSR	Matadouro – Méx. e Am.C., rastro. UA	SMU-DSR	SMU-DSR
46.	SMU-MSR	Mau – Mau-caráter: Am., cafre, cabrón.	SMU-DSR	SMU-DSR
	13 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 315)	14 entradas possuem acepções com marca regional	33 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 221)	02 entradas possuem acepções com marca regional

	anal.)	(aprox. 228 anal.)	anal.)	(aprox. 358 anal.)
--	--------	--------------------	--------	--------------------

c) ENTRADAS DE RE. A REZ.:

	DIC. ESCOLAR MICHAELIS	MINI DIC. ÁTICA	MINI LAROUSSE	MINI DIC. FTD
1.	SMU-MSR(FACHO)	Reacionário – Amér., reacio, facho, gorila.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
2.	Rebanho-AL, majada. SA	Rebanho – Rio-plat.-majada.	SMU-DSR	SMU-DSR
3.	SMU-DSR	SMU-MSR (BULLA)	Rebuliço – (desordem) – Amér., relajo. (agitação) – Méx., pachanga. RP, bulla.	SMU-MSR (BULLA)
4.	SMU-MSR	Recado – Amér. Mensaje, mandado.	SMU-DSR	SMU-MSR (MENSAJE)
5.	SMU-DSR SEM ESTA ENTRADA	SMU-DSR SEM ESTA ENTRADA	Receber – (canal de teve, estação de rádio) – Amér., captar.	SMU-DSR
6.	Recente – AL, fresco. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
7.	Receoso,a – AL, arisco. SA	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
8.	SMU-DSR	SMU-MSR (RECLAMO)	Reclamação – Amér., reclamo. Livro de	SMU-DSR SEM NENHUMA DESTAS

			reclamações – Amér., libro de quejas.	ENTRADAS
9.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Reclame – Amér., aviso.	Sem ocorrência.
10.	SMU-MSR	SMU-MSR	Recomendações – recomendações (cumprimentos) – Amér. Saludos.	Sem ocorrência.
11.	SMU-DSR SEM TAL ACEPÇÃO	SMU-DSR SEM ESTA ACEPÇÃO	Rede – Rede rodoviária – RP, carretera.	SMU-DSR SEM ENTRADA
12.	SMU-MSR	SMU-DSR SEM ESTA ACEPÇÃO	Refeição – refeição ligeira – Amér., comida liviana.	SMU-DSR - S. ENTRADA
13.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Refogado, a – (molho) Méx. Recaudo. SA	SMU-DSR S. ENTRADA
14.	Refresco – AL, aparador, garapinha. SA	Refresco – Amér., fresco.	SMU-DSR	SMU-DSR
15.	Refrigerante – AL, garapiña. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
16.	Rega – AL, irrigación. SA	Sem ocorrência.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
17.	SMU-MSR	SMU-DSR	Registrado, a - Amér. Registrado, a.	Sem ocorrência.
18.	SMU-MSR	SMU-MSR	Registrar – (carta, encomenda) Amér., registrar.	SMU-MSR IGUAL MAS SEM MARCAS DE USO.

19.	SMU-MSR	SMU-MSR	Registro - Amér. Registro.	Sem ocorrência.
20.	Regressar – AL, devolver. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
21.	Sem ocorrência.	Regulamentar – Amér., normar, dar la pauta.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
22.	SMU-MSR	SMU-MSR	Regular – (uniforme) Amér. Regular.	SMU-MSR SEM MARCAS DE USO.
23.	SMU-DSR	Relatório – Méx. reporte.	Relatório – RP., informe. Méx., reporte.	SMU-DSR (INFORME)
24.	SMU-DSR	Sem ocorrência.	Relaxado,a – RP., cómodo,a.	Sem ocorrência.
25.	SMU-DSR	Reles – Méx. e Am.C., pinche.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
26.	SMU-DSR	SMU-DSR	Relógio – Relógio de pulso. –RP., reloj pulsera. Relógio de ponto – Amér., reloj para marcar tarjeta.	SMU-DSR
27.	SMU-DSR	SMU-DSR	Remendar – (pneu) Méx. renovar, RP., recauchutar.	SMU-DSR
28.	Sem ocorrência.	Remendo – Amér., parche, pegote.	SMU-MSR (PARCHE)	Sem ocorrência.
29.	SMU-DSR	SMU-DSR	Remoção – (de obstáculo) Amér. Retiro.	Sem ocorrência.

30.	SMU-DSR-	Sem ocorrência.	Renovação – (de edifício) Amér., refacción.	Sem ocorrência.
31.	SMU-DSR	SMU-DSR	Renovar – (consertar) Amér. Refaccionar.	SMU-DSR
32.	SMU-DSR	Repartição – Amér. Repartición.	SMU-DSR	Sem ocorrência.
33.	SMU-DSR	Repente – Rio-plat., payada.	SMU-DSR	SMU-DSR
34.	SMU-MSR	Reprender – Amér., retar	SMU-DSR	SMU-DSR
35.	SMU-DSR	Repreensão – Amér., reto, regaño.	Sem ocorrência.	SMU-DSR
36.	Represar – AL, entibar. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
37.	SMU-DSR	SMU-MSR (REPROBAR)	Reprovar – (ano escolar, exame) – Méx. reprobar. RP. perder	SMU-MSR (REPROBAR)
38.	SMU-MSR	SMU-MSR	Resfriado – Méx. resfriado. RP. resfrio.	Sem ocorrência.
39.	Resmungão, ona – AL, retobado. SA	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.	Sem ocorrência.
40.	SMU-MSR (REZONGAR E REFUNFUÑAR, ESTE COM MARCA FAM.)	SMU-MSR (REZONGAR, REFUNFUÑAR)	Resmungar – Méx., rezongar, refunfuñar, repelar. SA	SMU-MSR (refunfuñar)
41.	SMU-DSR	Ressaca –	Ressaca –	SMU-DSR

		Am.C., goma. SA	Méx.,cruda.	
42.	Resto – AL, pucho. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	Sem ocorrência.
43.	SMU-MSR	SMU-MSR	Retaguarda – Amér. Retaguardia.	SMU-MSR
44.	SMU-MSR	Retalho – Amér., retazo.	SMU-MSR	SMU-MSR
45.	Retardado – Al, retardado. SA	SMU-DSR	Sem ocorrência.	SMU-DSR
46.	Retardar – AL, dilatar. SA	SMU-DSR	SMU-DSR	SMU-DSR
47.	Sem ocorrência.	SMU-MSR	Revendedor,a – Amér., revendedor,a.	Sem ocorrência.
48.	SMU-DSR	SMU-DSR	Reviravolta – (pirueta) RP, voltereta. Méx., maroma.	Sem ocorrência.
49.	SMU-MSR (REVISIÓN)	Revisão– Amér., revisación.	Revisão – (de texto, prova tipográfica) Amér. Revisión.	Sem ocorrência.
50.	SMU-MSR (REVISOR)	Sem ocorrência.	Revisor,a - (de texto, prova tipográfica) Amér., Revisor,a. (em transporte público), Amér - inspector,a.	Sem ocorrência.
51.	SMU-DSR	SMU-DSR	Revista – revista em	SMU-DSR

			quadrinhos – Méx., revista de monitos; RP revista de historietas.	
	12 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 572 anal.)	12 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 459 anal.)	29 entradas possuem acepções com marca regional (aprox. 354 anal.)	NENHUMA entrada possuem acepções com marca regional (aprox. 433 anal.)